

LOJA MAÇÔNICA

CAYRÚ N° 762



100 ANOS

DE GLÓRIAS AO

G...A...D...U...



1901 - 2001

2a. edição

Versão virtual

LOJA MAÇÔNICA

CAYRÚ nº 762

100 ANOS

DE GLÓRIAS AO

G. . . A. . . D. . . U. . .

1901- 2001

N o esquema cósmico tudo tem um
propósito a preencher."
J oão Lacerda N eto

A primeira edição deste livro foi impressa na:

Gráfica P.L. Ltda
Telefax: (0xx21) 2241-0296 / 2281-3608
Endereço eletrônico: graficpl@domain.com.br

*

* *

Esta 2a. edição será disponibilizada no site da Loja Cayrú em
<http://www.cayru.com.br> em arquivo com extensão PDF
(portable document format)
Caberá ao leitor, por sua própria conta e risco, adquirir/baixar o
programa Adobe Acrobat Reader.

2a. Edição
Versão virtual

Rio de Janeiro

2005

Copyright by Loja Maçônica Cayrú nº 762
Todos os direitos reservados
à Loja Maçônica Cayrú nº 762
Rua Ana Barbosa, 16 - sobrado.
Méier - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20735-120
Tel. (0-xx-21-) 2269-1895
Fax (0-xx-21) 2594-0224
Página na Internet <http://www.cayru.com.br>
Endereço eletrônico lojacayru@cayru.com.br

Capa, Pesquisa, Narrativa e Adaptação de Texto:

Elvandro de Azevedo Burity MI.:

Entrevistas:

Daniel Ferreira Brito MM.:

e

Jorge Gomes Rodrigues MM.:

Revisão:

Sylvio Claudio MI.:

Segunda edição (versão virtual)

revisada por:

Isáque Rubinstein MM.:

“O fim para que os homens inventamos livros foi para conservar a memória das coisas passadas contra a tirania do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é a maior tirania”.

Padre Antônio Vieira

Aug.: Resp.: Gr.: Ben.: e Gr.: Benf.:

Loja Simbólica Cayrú nº 762
Fundada em 15 de Setembro de 1901



Federada ao Gr.: Or.:do Brasil



Jurisdicionada ao Gr.: Or.: do E.: do R.: J.:



APRESENTAÇÃO

Como toda entidade que vai fazer 100 anos de fundação, a Loja Maçônica Cayrú também quis fazer um livro, contando sua história ao longo do tempo. A Comissão de Festejos, nomeada pelo Venerável Joaquim Tavares da Silva, pelo Ato nº022, de 28/02/2000, resolveu que o Irmão Elvandro de Azevedo Burity deveria se incumbir de tal mister, tendo ele requisitado o auxílio dos Irmãos Daniel Ferreira Brito e Jorge Gomes Rodrigues.

Burity decidiu fazer uma narrativa, após pesquisar nas atas e ouvir os “mais velhos”, deixando de lado os mapas cansativos de dados estatísticos, só inserindo números de passagem.

A "Saga dos Cayrús" ficou, assim, uma leitura fácil e gostosa de se fazer, na qual, sem prejuízo da informação, o autor evitou a simples transcrição de algarismos. O nome do livro foi adotado, com o auxílio do Venerável Carlos Loureiro Amarante (1999-2001), ficando com o título final de:

CAYRÚ - 100 ANOS DE GLÓRIAS AO GADU- 1901 - 2001

Também, como está dito no livro, foi evitado o culto de personalidade, sendo que referências a Obreiros são as absolutamente indispensáveis, por considerar o autor que cada um, a seu modo e a seu tempo, contribuiu para que a Cayrú chegasse com pujança ao centenário.

Sylvio Claudio
Venerável Mestre
2001-2003



Entre Colunas

Sem o conhecimento de sua história, um povo é órfão.

Ignorando seus valores próprios, perde sua identidade, aceita o que lhe for imposto. Sem senso crítico, torna-se presa fácil para invasões aculturantes de toda sorte. Só a história resgata o respeito próprio de um povo. Fora do conhecimento de sua própria história, não há caminho para a auto-estima.

Na maioria das vezes só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça. Todos os dias o Grande Arquiteto do Universo nos dá, junto com o sol, um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes.

Muitas vezes procuramos fingir que não percebemos esse momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem e será igual amanhã.

Quem presta atenção ao seu dia, descobre o instante mágico. Ele pode estar escondido nas mil e uma coisas que nos parecem igual. Esse momento existe. É o momento em que toda a força das estrelas passa por nós e nos permite fazer milagres.

Esperamos que o conteúdo deste livro seja como uma janela que se abra para que nos orgulhemos e quiçá nos surpreendamos ao descobrirmos o fio mágico de nossas raízes e tradições Maçônicas.

Elvandro de Azevedo Burity

INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA CAPA

Na visão do autor, o fundo azul celestial simboliza tudo o que a cor encerra: o pensamento, a verdade, a lealdade, a serenidade, a amizade, a felicidade, a doçura, a sabedoria, a temperança e o equilíbrio. O matizado das cores nos arremete ao refletir sobre as constantes mutações ocorridas neste Augusto Corpo Maçônico durante sua centúria existência; onde o “ser Irmão” verdadeiro é ver virtudes e imitá-las; é exercer uma constante vigília para não cometer os mesmos erros; enfim um buscar de soluções ao invés do simples criar de obstáculos.

Na parte superior: Loja Maçônica Cayrú nº762 e um Aprendiz desbastando a Pedra Bruta como um preito de gratidão e reconhecimento a todos os cayrús pelo trabalho bem realizado que conduz ao refletir sobre apartarmos as arestas de nossas pedras brutas e polirmos nosso ego e melhorarmos o nosso TEMPLO INTERIOR.

A meio caminho da capa a legenda: 100 anos de Glórias ao G.:.A.:.D.:.U.: numa alusão à centenária caminhada da Loja.

Na parte inferior: um Olho Radiante com um Esquadro e um Compasso que apesar de ser a logomarca da Loja Cayrú, ao contemplá-los as seguintes reflexões poderão ser feitas:

- Olho como um emblema da clarividência mais elevada.
- Esquadro como a constante obrigação que um cayrú deve ter: desprender-se das coisas materiais e das preocupações vulgares para enveredar pelo caminho mais reto da Equidade e da Justiça, lembrando sempre de limitar as suas ações pelo conhecimento dos deveres para com os semelhantes.
- Compasso isolado é o emblema da justiça, consideremo-lo como uma medida na pesquisa dos sentimentos dos cayrús

pelos quais devem pautar seus atos rumo à perfeição intelectual e moral. Entrelaçados podem ser considerados como o emblema da Ordem Maçônica, tendo em vista existir um limite de abertura que indica o ponto divisório que o homem não deve ultrapassar.

Finalmente a data 1901 - 2001, o período existencial da Loja.

INDICE

| | |
|--|-----|
| Entre Colunas..... | 7 |
| Interpretação Simbólica da Capa..... | 9 |
| Considerações Iniciais..... | 12 |
| A Maçonaria Brasileira e a Cayrú..... | 15 |
| As Origens..... | 28 |
| Galeria dos Veneráveis..... | 39 |
| Fundadores..... | 44 |
| O Patrono..... | 47 |
| Carta Constitutiva, Estandarte e Timbre..... | 51 |
| Iniciações, Filiações e Lowtons..... | 55 |
| Títulos Distintivos..... | 58 |
| Boletim..... | 64 |
| A Loja nos Altos Corpos..... | 67 |
| Relatos..... | 72 |
| Período 1901 – 1910..... | 73 |
| Período 1911 – 1920..... | 77 |
| Período 1921 – 1930..... | 94 |
| Período 1931 – 1940..... | 103 |
| Período 1941 – 1950..... | 107 |
| Período 1951 – 1960..... | 116 |
| Período 1961 – 1970..... | 124 |
| Período 1971 – 1980..... | 127 |
| Período 1981 – 1990..... | 135 |
| Período 1991 – 2000..... | 138 |
| Causos | 149 |
| Patrimônio..... | 162 |
| A Cayrú na Educação..... | 185 |
| A Mulher na Maçonaria..... | 197 |
| Obreiros..... | 210 |
| Preparativos para o Centenário..... | 220 |
| Recordatório..... | 240 |
| Homenagem Póstuma..... | 272 |
| O Futuro..... | 273 |
| Nominata 2001/2003..... | 280 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Somos afortunados por vermos nascer, ao mesmo tempo, um novo século e participarmos do Centenário da nossa Loja Cayrú nº 762. Portanto, devemos manter a nossa sustentação no passado e continuarmos nossa busca rumo ao futuro, ou então o hoje terá sido meramente o amanhã de ontem.

O mundo vive um momento histórico sem precedentes. Mudanças ocorrem... Estamos presentes em qualquer parte do mundo: na hora do acontecimento, no momento da revelação, no instante da descoberta... Tudo é possível. Quer queiramos ou não, este é um momento de reflexão compulsória sobre os destinos do homem na face da Terra. As fronteiras se diluem... Tudo isto deve ser levado ao íntimo de nossos pensamentos e, devidamente analisado no âmbito familiar, com seus interagindo na escala global e em tempo real, mediante as extraordinárias comunicações atuais, esta é a hora de reformularmos conceitos e procedimentos na busca incessante de prosperidade, de justiça, em seu sentido mais amplo e de convivência pacífica. Estejamos atentos para as semelhanças entre o atual período e a conquista do sistema solar, a Era dos Grandes Descobrimentos (nos séculos XV - XVI); diante das diferenças tecnológicas quando às vezes ficamos atônitos diante de tanta transformação... É exatamente neste ponto que aumentam as nossas responsabilidades como maçons e como cayrús.

A primeira tentativa para elaborar um livro contanto a história da Loja Cayrú nº 762, foi feita pelo Irmão Elias Mariano da Silveira Lobo que não chegou a concluir; após sua morte seus familiares se recusaram a entregar os escritos. O tempo passou... E embora a Loja tenha perdido aqueles escritos que continham muitas anotações sobre a história da nossa Cayrú.... É chegado o momento de serem dados os primeiros passos Rumo ao Centenário... E eles aconteceram ainda na Administração do

Irmão Joaquim Tavares da Silva, em 1999, com a nomeação do Irmão Sylvio Claudio para Presidente da Comissão dos Festejos do Centenário. Mais tarde, na Administração do Irmão Carlos Loureiro Amarante, foi feita a nomeação dos demais membros Irmãos Elvandro de Azevedo Burity, Jorge Gomes Rodrigues, Jorge Francisco Russo, Edson Fortes Rangel, Isaque Rubinstein e Daniel Ferreira Brito (Ata de 29/02/2000).

A Comissão deparou-se com a seguinte situação: editar um Livro abordando o Centenário da Loja, acatando sugestão apresentada em Loja aberta, ou publicar um relato histórico da Loja na Revista “O CAYRÚ”. Face ao pouco espaço disponível naquele veículo de comunicação, a Comissão organizou e apresentou um roteiro ao Venerável Mestre Carlos Loureiro Amarante, para que fosse possível prever e prover os meios necessários referentes aos eventos do Centenário, entre outros o presente livro que a bem da verdade não tem a pretensão de ser uma obra literária.

Será este livro uma história ou um simples trabalho de pesquisa sobre a Loja Cayrú? Recorremos ao Dicionário Eletrônico Aurélio (3a. edição) encontrando o seguinte:

História - *Narração de acontecimentos, de ações, em geral cronologicamente dispostos. Por exemplo: a história das viagens do Capitão Cook; a história de Napoleão.*

Pesquisar - *Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral: a história do Brasil; história universal. Buscar com diligência; inquirir, perquirir; investigar. Por exemplo: estão pesquisando, na cidadezinha, as origens humildes do célebre escritor.*

Assim sendo entendemos ser o livro uma pesquisa histórica que não é matéria de combate ou controvérsia, com um contexto que contém sem deturpação ou desfiguração, fatos e atos ocorridos nos 100 anos de existência da Loja Cayrú:

É uma síntese da verdade de fatos que é eterna e sagrada.

Invocamos o auxílio do Grande Arquiteto do Universo, arregaçamos as mangas de nossas camisas e nos debruçamos sobre os vários volumes de Atas e vários papéis do arquivo da Loja, realizamos algumas entrevistas e fomos buscar lenitivo nas palavras de Sócrates:

“Procurai suportar com ânimo tudo aquilo que precisa ser feito.”

O livro está dividido em capítulos, cada um abordando um tema e dentro deles os fatos e atos, sempre que possível, serão apresentados em ordem cronológica.

Se por um lado temos consciência de que a leitura do presente livro é enfadonha. Por outro lado, resta-nos a convicção de que os fatos nele relatados fazem parte do passado da Loja e de sua atuação em diversos momentos e movimentos político-sociais havidos no Brasil com atuação marcante na existência do Grande Oriente do Brasil.

A longa caminhada da Loja Cayrú, sem sombra de dúvidas merece ser perpetuada: é uma jornada de anseios, lutas e realizações, uma trajetória exemplar de 100 anos de Glórias ao G.:A.:D.:U.:.

Que a Augusta Respeitável Grande Benemerita e Grande Benfeitora Loja Simbólica Cayrú nº 762 continue a cumprir, através dos tempos, o seu desiderato:

Harmonia! Trabalho! Perseverança!

Agradecemos e nos congratulamos com todos que nos incentivaram na elaboração deste trabalho maçônico no qual muito aprendemos sobre a Loja Cayrú. Adentramos o Primeiro Centenário da Loja esperançosos por uma Maçonaria cada vez mais atuante e por uma Loja Cayrú cada vez mais se afirmando no regime federativo.

Daniel Ferreira Brito

Elvandro de Azevedo Burity

Jorge Gomes Rodrigues

Sylvio Claudio

A MAÇONARIA BRASILEIRA E A CAYRÚ

A Maçonaria Brasileira e a Cayrú. O título embora em si não seja correto, não existe Maçonaria Brasileira, mas sim uma Maçonaria no Brasil pelo fato de ser ela única no mundo inteiro, universal. O que adiante oferecemos também não é um capítulo com uma exposição sobre A Maçonaria no Brasil, porque se o fizéssemos estaríamos fugindo ao objetivo deste livro. Entendemos que ao escrevermos sobre o Centenário da Loja Cayrú estamos dissertando sobre A Maçonaria no Brasil em particular, daí termos utilizado o binômio: “A Maçonaria Brasileira e a Cayrú”.

A Loja Maçônica Cayrú se insere no contexto da indagação da verdade, do estudo da moral e da prática da solidariedade, trabalhando pelo aprimoramento material, moral e pelo aperfeiçoamento intelectual; tendo como princípios a tolerância, o respeito mútuo e a liberdade absoluta de consciência. Se por um lado a nossa vida é apenas um breve momento como uma vela: ardemos, brilhamos por um instante e logo nos extinguimos; por outro lado como a personalidade humana caracteriza-se pela síntese harmônica de três formas de atividades subjetivas: sentir, pensar e querer; pudéssemos viajar na máquina do tempo e retrocedermos ao início do século passado onde se assentam os fundamentos, o princípio da Loja, vislumbraríamos uma plêiade de dedicados Irmãos que não recuaram diante dos problemas e/ou pressões oriundas de interesses contrários à motivação maior para fundação da Loja Cayrú e quando da leitura dos diversos atos, fatos e episódios, relatados neste livro, constataremos uma participação ativa nos mais variados momentos do século encerrado.

A história da Cayrú passou a fazer parte da história da Maçonaria Brasileira, porque por paradoxo que possa parecer sua centúria trajetória muito contribuiu para o engrandecimento do Grande Oriente do Brasil pela atuação constante dos cayrús em diversas administrações passadas e presentes.

Em todas as situações com que a nossa Loja se deparou, com certeza, foram preservadas as energias necessárias e indispensáveis à sobrevivência deste Augusto Corpo Maçônico garantindo um constante levantar de templos à virtude.

Após a morte do Patrono da Loja Cayrú, segundo relatos encontrados na Ata nº172 (24/6/1904), a Ordem passa por grandes transformações e na Cayrú:

“Encontrou-se uma coluna forte a fim de que tudo no Pod.:Cent.: entrasse nos seus eixos”.

Já em 14/2/1907(Ata nº 295) vamos encontrar referências a um movimento de insatisfação quando um Venerável de Honra da Cayrú, em Loja aberta, declara:

“... possuído de júbilo e ver que ainda no Brasil se plantava a Verdadeira Maçonaria como se faz na tão querida Oficina Cayrú e que vê nos seus membros os verdadeiros sustentáculos do amor e da moral; declarando que desistia e abandonava todos os seus Títulos adquiridos em sua vida de maçom para seguir e dar preferência a sua Loja Cayrú”.

Ainda na mesma Ata vamos encontrar referências obscuras sobre um ATO de nº 53 de 06/02/1907 do Poder Central suspendendo a Loja Cayrú, pois que esta se desligara do Poder Central.

Nota:

Não encontramos registro em Atas subseqüentes narrando o fato.

Encontramos nos arquivos da Loja alguns antigos Boletins do Grande Oriente do Brasil. Ao manusearmos o de número 1, de março de 1907, encontramos publicado o **DECRETO nº 355**

com o seguinte teor:

“Nós, Lauro Sodré, Gr.:Mestr.:Gr.:Com.:da Ordem Maçônica no Brazil, Fazemos saber a todas as Officinas e Maçons da Federação para que cumpram e façam cumprir, que tendo em vista o procedimento da Aug.: e Resp.:Loja.:Cap.: ”Cayrú”, ao Or.: do Meyer, Districto Federal, que infringindo o disposto no § 3º do art. 208 do Reg.:Ger.:da Ord.: , fez publicar estatutos profanos no Diário Official, de 12 de fevereiro ultimo, e usando da attribuição que nos confere o §13 do art. 41 da Constituição.

DECRETAMOS: Art. Único. *É eliminada da Ordem a Aug.: e Resp.:Loj.:Cap.: ”Cayrú”, ao Or.:do Meyer, Districto Federal. O Gr.:.Secr.:.Ger.: da Ord.: é encarregado da notificação e publicação do presente Decreto. Dado e traç.:no gabinete do Grão Mestrado na Cidade do Rio de Janeiro, aos sete dias do 1º mez do anno da V.:I.:5907-7 de Março de 1907, E.: V.:.*

Lauro Sodré, 33.:Gr.:Mestr.:Gr.:Com.:da Ord.:.

J.Frederico de Almeida, 33.:Gr.:Secr.:.Ger.:da Ord.:.

Alcibiades Leite, 30.:Gr.:Chanc.:.

Pela leitura das Atas subseqüentes as reuniões se sucedem normalmente.

Na Ata nº302 (23/3/1907) encontramos a informação da criação do Novo Grande Oriente do Brasil (notícia recebida com vivas e prolongada salva de palmas). Podemos assim afirmar que a Cayrú a partir de determinado momento **transferiu-se para aquele Novo Grande Oriente do Brasil** que segundo alguns historiadores teve sede em Niterói.

Infelizmente não nos deparamos com esta informação registrada em nenhuma das Atas consultadas.

Ao lermos a Ata nº396 (2/3/1909) encontramos referências a atos e fatos amplamente discutidos (uma grande Ata: quatro páginas, cada uma com 30 linhas), cuja Ordem do dia fora o retorno da Loja Cayrú ao Grande Oriente do Brasil (não vamos transcrevê-la; mas o Leitor que se dispuser lê-la constatará a exaltação reinante nos ânimos). Os debates prosseguem é o que consta na Ata nº397 de 3/3/1909, chegando-se a um consenso estaria dado o primeiro passo para o **retorno da Loja Cayrú ao Grande Oriente do Brasil**, fato que vem a se tornar concreto poucos dias depois por Decreto que revogou a “eliminação da Loja”.

Na Ata nº 398 (12/3/1909) encontramos registrado o inteiro teor do **DECRETO nº 412** de 6/3/1909 do Grão Mestre da Maçonaria Brasileira que passamos a transcrever com os seguintes termos:

“Lauro Sodré, Gr.:Mestr.:Gr.: Commendador da Ord.: Maçônica no Brazil”.

Faz saber a todas as OOff.: e Maçons da Jurisdição para seu conhecimento e devida execução que atendendo à resolução do Cons.:Geral da Ord.:, tomada em Sess.: de cinco do corrente mez, sob a proposta do Pod.:Ir.: Capitão Pedro Muniz.

RESOLVE:

Art. Único - Fica revogado o Decreto nº355 de 7 de março de 1907 E.:V.: que eliminou da Ord.:Maç.:a Aug.:e Resp.:Loj.:Cap.:Cayrú, do Or.:do Meyer - Rio de Janeiro. O Gr.:Sec.:Ger.:da Ord.: é encarregado da notificação e publicação do presente Decreto. Dado e traçado no Gab.:do Gr.:Mestr.: em 6 de março de 1909.”

A mesma Ata registra o fato de que:

“As últimas palavras são abafadas por uma prolongada salva de palmas, finda as quais o Ven.:. declara a Cayrú ligada ao Grande Oriente do Brasil, sob cujos auspícios trabalhará doravante, convidando os Irmãos que acompanham a Loja a se pronunciarem, levantando-se os que são fiéis a Cayrú: todos os presentes levantam-se”.

Na Ata nº886 (18/8/1921) o Orador tece comentários sobre “**a cisão do Oriente de S. Paulo**”, dizendo que:

“... o nosso Sob.:. Gr.:. Mestr.:. tem procurado anular esse ato de rebelião, e julga que a Loja Cayrú não pode e nem deve ficar silenciosa sobre o assunto, sem levar ao nosso Pod.:. Ir.:. General Thomaz Cavalcante o conforto moral e a solidariedade desta Oficina ao atual Grão Mestre um dedicado Obreiro da Cayrú”.

Na Ata nº 23-56/57 (8-1-1957) consta ter sido lida na Ordem do dia uma prancha datada de 27 de dezembro de 1956 com a seguinte informação:

“Com a recente unificação, foi lançado um PROGRAMA DE RENOVAÇÃO, penhor e estímulo de uma nova era”.

O Gr.:. Or.:. Unido ao extinguir-se, decidiu mandar o último número do Monitor Maçônico para divulgar os documentos essenciais da UNIFICAÇÃO. Estava assim virada mais uma página da história da Maçonaria Brasileira onde a Cayrú teve participação marcante.

Podemos com convicção afirmar que a **Loja Cayrú apoiou as primeiras iniciativas da mudança do Grande Oriente do Brasil para Brasília**. Muita pretensão fazer tal afirmativa? Claro

que não. E para tanto transcrevemos trecho do que encontramos na Ata nº 29-57/58 (25/02/1958):

“... O Irmão Erasmo Martins Pedro demonstrou viva intenção de situar bem o Grande Oriente do Brasil em Brasília, pois na ocasião oportuna tudo fará para conseguir do Governo Federal um lote dos que estão sendo doados para fins similares... a Loja Cayrú demonstra viva satisfação por tal intenção.”

(Atente o Leitor que estamos em 1958 e que Brasília foi inaugurada em 1960).

A transferência do Grande Oriente do Brasil para Brasília, entretanto, somente veio a concretizar-se anos depois. Precisamente no dia 24 de junho de 1979, por decisão do então Grão-Mestre Geral Irmão Osires Teixeira, exatamente, no mesmo dia em que tomava posse no cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro Irmão Sylvio Claudio (um cayrú).

Em 1978, isto é, no dia 08/06/1978 o MM. Juiz da 1ª Vara Cível do Estado do Rio de Janeiro determinou a liberação do prédio em favor do Grande Oriente do Brasil, pois bem consta que houve resistência da parte contrária... Naqueles momentos decisivos quando da retomada do palácio para que as atividades maçônicas voltassem à normalidade constitucional. A Loja Cayrú se fez presente prestando apoio e mantendo-se fiel ao GOB; com o firme propósito de dar uma visão do que ocorrera, transcrevemos os termos da cópia da NOTA OFICIAL, datada de 22/5/1978:

“Encaminhamos, anexo, uma Nota Oficial do Gabinete do Grão-Mestrado, expondo os acontecimentos lamentáveis ocorridos, quando um grupo de maçons invadiu a sede do Grande Oriente do Brasil, num verdadeiro golpe de força. Solicitamos que esta Nota Oficial seja apresentada às Lojas da Federação, para que todos os

*Irmãos se inteirem do ocorrido e possam tirar suas próprias conclusões. Fraternais Saudações
Marcio de Azevedo Diniz”.*

O fato histórico reside no que aparece no rodapé do supracitado documento:

GRANDE ORIENTE DO BRASIL
Sede Provisória - Rua Ana Barbosa nº 16 - Méier - RJ

Portanto, a Loja Cayrú em determinado momento abrigou o Grande Oriente do Brasil. Eis o registro encontrado naquele documento:

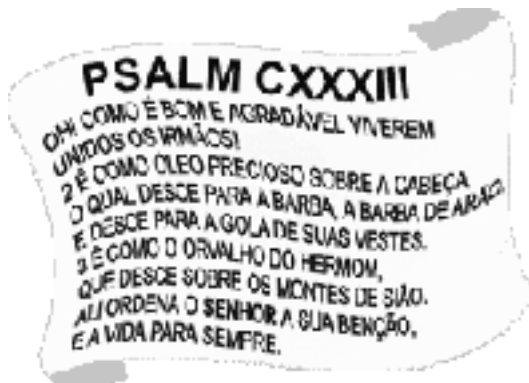
“Que, no dia 12 passado (12/5/1978), em cerimônia realizada no Templo da Loja Cayrú, no Rio de Janeiro o Superior Tribunal Eleitoral Maçônico proclamou simbolicamente os Irmãos Osires Teixeira e Mathatias Bussinger eleitos para os cargos de Grão-Mestre Geral da Ordem e Grão-Mestre Adjunto, em consequência do resultado das últimas eleições gerais, ocasião em que os mesmos receberam maciço apoio de Irmãos de todos os Orientes e, também, dos demais candidatos às mesmas eleições, os quais, nada tinham a ver com as origens desta trama subversiva.”

E finalizando lemos ainda:

“Repetimos a recomendação de D. Pedro I aos Maçons brasileiros, em hora igualmente negra: UNIÃO E TRANQUILIDADE! “

(Documento original foi incorporado ao acervo do Museu Cayrú).

A Maçonaria tem uma longa tradição histórica e, também por extensão, a nossa Loja Cayrú. Tradição essa que é linda, nobre, cavalheiresca e até alguns anos atrás a nobreza se engajava às suas fileiras e fazia dela a sua profissão de fé.



Nos 100 anos de existência da Cayrú nº 762, várias Lojas e até Altos Corpos tiveram abrigo no Templo da Rua Ana Barbosa ou ainda nele se encontram:

- Grande Oriente Unido
- Grande Oriente do Brasil (sede provisória)

- Loja Arautos da Nova Era nº2393
- Loja James Anderson nº2237 (hoje no Lavradio)
- Loja Marques do Herval nº1624 (hoje com sede própria na Rua Olina, 21)
- Loja Obreiros do Progresso nº1449
- Loja Romã nº1627 (hoje tem sede própria na Rua das Oficinas, 224 - Engenho de Dentro)
- Loja Sagrado Tibete nº1898
- Loja Sete de Setembro nº 40 (hoje tem sede própria no Condomínio Maçônico na Rua São Luiz Gonzaga, 1732)

- Capítulo AMORC (hoje com sede própria na rua Silva Freire)

Encontramos lápides com as seguintes inscrições:



- **A Lusitana (em 1948 procurou abrigo, nele encontrando amizade).**



Em 1948 os Iir.:da Henrique Valladares neste Templo, encontraram a igualdade.



- **Aqui o Gr.:Or.:Unido abrigou o estandarte da redenção maçônica. 13/3/1948 - 6/9/1955.**



- **Em 1948 a Estrela do Rio buscou asilo neste Templo, nele encontrando a fraternidade.**



- **Em 1948 a Gr.:Ben.:Loj.:Cap.: Comercio e Artes, neste Templo, se abrigou em busca de liberdade.**



- **Em 1965 a Loja Marques do Herval recebeu o abrigo fraterno da Loja Cayrú.**

Tivemos a satisfação de encontrar também a placa Comemorativa da Inauguração do Prédio da Loja Cayrú que depois de restaurada e incorporada ao acervo do Museu foi colocada em local de destaque juntamente com as mencionadas na página anterior. Trata-se de uma placa de bronze, com fundo preto e letras douradas onde se lê:



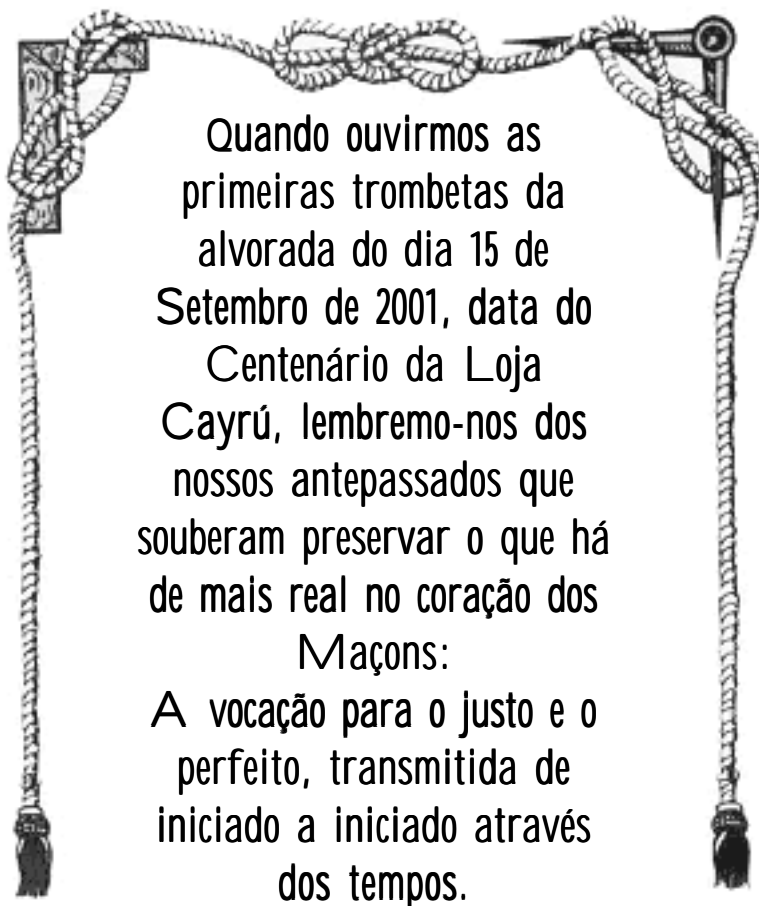
Por ocasião da Sessão Comemorativa do 99º Aniversário da Loja Cayrú (Ata de 17/09/2000) a Loja Sete de Setembro nº40 - Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro - outorgou um Diploma com o seguinte teor:

“Para que fique perpetuado para todo e sempre conferimos a Aug.:.Resp.:.Loj.:.Cayrú nº762 o presente Diploma de Reconhecimento e Gratidão pelo abrigo fraterno, justo e perfeito, encontramos nos idos de 1970 da E.:.V.:. Em firmeza do que se lhe expede o presente. Rio de Janeiro, RJ, em 7 de setembro de 2000.

Seguem-se as assinaturas do Venerável - Secretário - Timbrado pelo Chanceler.”



O Diploma



Quando ouvirmos as
primeiras trombetas da
alvorada do dia 15 de
Setembro de 2001, data do
Centenário da Loja
Cayrú, lembremo-nos dos
nossos antepassados que
souberam preservar o que há
de mais real no coração dos
Maçons:

A vocação para o justo e o
perfeito, transmitida de
iniciado a iniciado através
dos tempos.

Em nosso Templo ainda ecoam suas vozes...
Cujas paredes conservadas através de 100 anos na
sua frieza e na sua majestade são testemunhas de
histórias e lendas.

Um povo, uma sociedade vale tanto pelo que nela se preserva pelo que nela se constrói ou se destrói... Ergamos os nossos corações para o alto, nas pegadas do Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, para pedir-Lhe que cubra de bênçãos a nossa Loja, nossa Ordem, nossa Pátria e por extensão as nossas famílias.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo pode atenuar certezas, suavizar conclusões peremptórias e abrir brechas para o fanatismo. O poeta Brecht expressou esse impasse num poema que tem três versos e que reproduzimos:

“Só acredite no que seus olhos vêem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos vêem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar”.

Portanto em todas as situações os nossos antecessores procuraram preservar as energias necessárias e indispensáveis à sobrevivência deste Augusto Corpo Maçônico sempre fiel aos seus mais altos ideais e garantindo um constante levantar de templos à virtude.

AS ORIGENS

Buscarmos as origens da Loja Cayrú não foi uma tarefa fácil apesar de termos disponível os volumes dos livros contendo todas as Atas, desde a Fundação até os dias atuais. Como sabemos a Maçonaria Brasileira esteve em grande evidência: os fatos de nossa História falam por si mesmos em favor da Sublime Instituição. Em outras épocas, a Maçonaria parece adormecida e somente os pósteros poderão falar. A nossa Loja Cayrú, também se enquadra nesta delineada definição.

O verdadeiro Maçom não fala de si mesmo nem de seus feitos. É a regra da discrição. Vamos contrariar de certa forma a regra da discrição, porque estamos pesquisando e tentando delinear a histórica caminhada da Loja em seus 100 anos de existência e entendemos que fatos não devam ser omitidos.

Segundo o Dicionário Aurélio:

“História... também é a narração de acontecimentos, de fatos, de ações em geral cronologicamente narrados”.

O primeiro relato sobre a motivação para a fundação da Loja, encontramos na Ata, de 15/9/1905 onde se lê:

Palavras do Orador:

“... 39 maçons reuniram-se e resolveram fundar uma Oficina que correspondesse às aspirações dos seus ideais, que consistiam na fundação de um Templo, onde longe da influência do Poder Central se pudesse cuidar da regeneração dos princípios maçônicos não cultuados pela oligarquia que dirigia os destinos da Ordem. E assim ficou decidido que esta Oficina teria seu Oriente na estação do Meyer, começando a funcionar na residência do Gr.°.Ben.°.Ir.°.Loureiro e que os Fundadores tiveram a fortuna de ver progredir a sua Loja que atualmente desfralda a bandeira da regeneração social”.

Contradição e constatação:

Voltamos à leitura da Ata nº 001 de 15/9/1901 e verificamos que contem 35 (trinta e cinco) assinaturas; registra que as Sessões serão realizadas aos domingos com início previsto para as seis horas da tarde, mas não consta o motivo maior para a Fundação da Loja Cayrú. Como não houve apartes ou correção à fala registrada na Ata nº 234; podemos entender como verdadeira as palavras daquele Irmão narrando a motivação e o número de presentes.

A contradição existiu até o momento em que nos deparamos com o LIVRO DOS FUNDADORES (folhas esmaecidas e bastante atacadas por fungos) e tudo ficou perfeitamente compreensível, tínhamos achado a escrita perdida:

Em verdade 39 (trinta e nove) Irmãos compareceram à Reunião de Fundação da Loja Cayrú, cabendo destacar dois detalhes:

- 4 (quatro) deixaram de assinar o Livro de Ata da Fundação: Eugenio Oyangurem, José Machado Ribeiro, Firmino da Costa Cadete e José Dias Ferraz da Luz; inclusive verifica-se na Ata de Fundação a existência de algumas linhas deixadas em branco (coisa não comum em uma Ata); supomos que ficaram em branco para que, fossem assinadas; infelizmente não foi feito em tempo hábil ou caiu no esquecimento. No capítulo dedicado aos “Fundadores” também abordamos esta constatação.
- Quando nos deparamos com o primeiro Quadro de Obreiros, datado de 15/9/1901 (original em perfeitas condições que atualmente se encontra no gabinete do Venerável) constatamos um total de 15 (quinze) Obreiros.

Naquele tempo não existia a Previdência Social; assim, vamos encontrar referência (Ata nº358 de 19/6/1908) a uma atividade previdenciária: o “**MONTEPIO CAYRÚ**”; encontramos também referências à existência de “**DEBENTURES**” (Títulos de créditos amortizáveis). Com a continuação das pesquisas encontramos o **original do Regulamento do Montepio da Aug.: Resp.: Loj.: Cap.: Cayrú datado de 12 de setembro de 1903, onde se lê:**

“Fica criado o Montepio para as esposas, filhos menores e filhas solteiras ou mães viúvas dos Irmãos deste Quadro que vierem a falecer”.

(Documento original foi entregue a Administração da Loja para que seja incorporado ao acervo do Museu Cayrú é o que consta da Ata de 08/02/2000).

Como responsável pela pesquisa, vejo-me compelido a fazer uma pequena narrativa apreciativa sobre a história da Previdência Social no Brasil para demonstrar o quanto a Loja Cayrú já esteve à frente, mas sem a pretensão de apresentar uma solução; pois como sabemos um dos jogos menos jogados no Brasil é o jogo da verdade. A fé - pura e simples - de que as coisas vão ser resolvidas por si só, tem produzido enormes prejuízos. E o que é mais grave, soluções improvisadas de alto custo social. Se as causas ainda não estão nítidas, parece existir um consenso: “A Previdência Social está caminhando em cima de uma corda bamba. A situação é delicada”. Não se trata de questionar esta ou aquela política governamental... A máxima popular: “o que os olhos não vêem, o coração não sente” não se aplica aos problemas. Se for fato que as últimas causas deste drama podem ser vistas na miséria social, também é verdade que nem sempre a miséria social se expressa da forma que observamos em nossa cidade. É necessário ir muito longe, a países do nosso ou de outro continente? Claro que não. Basta darmos uma olhada a outros estados e cidades do Brasil. Desta forma não tenham na conta de exagero... Vamos deixar o nosso pensamento viajar e regredir para que possamos

comentar alguns fatos sobre a tão decantada falência previdenciária no Brasil:

A primeira iniciativa sobre o assunto foi da Princesa Isabel em 1888, sendo a segunda no mundo, porque em 1870 a Alemanha criou seu primórdio de Previdência.

A da Princesa Isabel fez a Previdência para a Imprensa Régia como única clientela beneficiada e era mais com a finalidade de acidente de trabalho.

Em 1892 foi criada, ou melhor, estendida para o pessoal dos Correios (a primeira foi na Alemanha). Em 1919 foi consolidada a Lei incluindo várias clientelas. Em 1930 foi criado no Governo Provisório do Getúlio o Ministério do Trabalho e em 1931 o IAPM (Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Marítimos). De 1931 a 1936 foram criados os outros (IAPI, IAPC, IAPB, IAPTEC e IPASE), respectivamente dos Industriários, Comerciais, Bancários, dos Transportes e Cargas, dos Servidores dos Estados. Em 1960 foi feita a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e em 1966 misturam todos os Institutos e nivelaram tudo por baixo, praticamente, começando a derrocada da Previdência no Brasil. Depois disso veio a divisão em IAPAS, INPS e INAMPS acabando no que é hoje o INSS.

Fugimos do sentido do Livro. Assumimos que sim. Mas não dá para entender como nos deixamos iludir. O Brasil já é o quinto maior país do mundo em população, com mais de 169 milhões habitantes segundo dados, da sinopse do Censo Demográfico 2000, divulgados em maio de 2001 pelo IBGE. A população cresceu 15% entre 1991 e 2000; concentrando 2,8% dos 6,1 bilhões de habitantes do Planeta. Atualmente, só fica atrás de China, Índia, Estados Unidos e Indonésia. Muito embora a globalização dos nossos dias mostre o caminho e acesso à riqueza e ao progresso, o que constatamos é uns ficando cada vez mais ricos em detrimento do crescente empobrecimento de uma parte cada vez maior da população. Adianta muito pouco ficarmos escandalizados com esses bissextos sinais; o mais grave de tudo é

que sem tirar nem botar o modelo globalizante vem de fora para dentro; onde mais do que vender o País: estão acabando com ele. Estamos transformando o gigante adormecido em colônia dos potentados... Humilhando tradicionais instituições nacionais e as mais variadas categorias profissionais...

De cada dez trabalhadores brasileiros, seis estão fora da Previdência Social, totalizando mais de 40 milhões de excluídos; juntam-se a esse número assustador mais 12 milhões com carteira assinada que recebem apenas o salário e teremos o óbvio: o que é expresso por números frios nas estatísticas do INSS se transforma em drama na vida real, principalmente para quem chega à velhice desamparado. Os Institutos eram ricos e hoje seriam potências, se bem administrados, como temos o exemplo do PREVI. Acontece que, para fazer Brasília, segundo muito divulgado pela imprensa àquela época: “raspou-se” todos os fundos, inclusive da Caixa Econômica e da Fundação da Casa Popular. O IAPI, por exemplo, era muito rico e suas aposentadorias eram bem generosas; o IAPB, idem. Mais tarde foi criado o FUNRURAL com clientela que nunca pagou nada e na ocasião houve uma enxurrada de aposentadorias. Não resta dúvidas:

- A Previdência empobreceu.
- Fomos iludidos.
- E quando convidados para o banquete da aposentadoria migalhas nos são ofertadas.

O assunto é polêmico porque, recentemente, a ADUFRJ (Associação dos Docentes da UFRJ) promoveu um seminário sobre a Previdência Social, reunindo grandes especialistas na matéria; na ocasião ficou caracterizado que 3 (três) grandes problemas assolam a Previdência:

- *A política econômica, onde a arrecadação está vinculada ao lucro e ao crescimento econômico, na medida em que a economia não cresce, a arrecadação também não cresce;*

- *A arrecadação está vinculada ao mercado formal, como a política econômica estimula o desemprego e aumenta a ocupação informal, isso acaba gerando perda de receita;*
- *A política de fiscalização que favorece a sonegação dos impostos. Assim para jogar por terra todos os argumentos da tão falada inversão da pirâmide demográfica, ou seja, o aumento dos idosos (com o direito a benefícios) em relação à população economicamente ativa (a que contribui), deve levar cerca de 30 anos, mais que suficiente para fazer-se as correções necessárias sem cometer injustiças. Como tudo parece envolto em uma grande cortina de fumaça e muitas controvérsias. A solução constantemente é “empurrada para frente”.*

Estamos no mês de dezembro de 2000 e para desespero dos analistas de plantão... Eis que o Governo Federal ensaia uma intervenção no PREVI (o Fundo de Pensão dos Funcionários do Banco do Brasil). Diante de tais considerações temos a mais absoluta convicção de que o Montepio da Cayrú não sobreviria nos dias atuais. Mesmo assim duas perguntas afluem ao nosso pensamento e desafia o nosso raciocínio pelo fato de não termos encontrado nenhum registro nas Atas lidas:

1. Quando terminou o Montepio da Cayrú?
2. Será que perdeu terreno na era do apogeu da Previdência Social no Brasil?

Entendamos que o importante é sabermos, ou melhor, estejamos convictos que o Montepio Cayrú marcou época tendo cumprido em toda plenitude as finalidades para as quais fora criado. Assim sendo, a Loja Cayrú através do seu Montepio cumpriu o que obviamente trata-se do que hoje chamamos de obrigação do Estado ou Políticas Universais:

- Educação (por ter sido mantenedora de Organismos com fins educacionais).

Previdência Social (por ter tido um Montepio).

Os cayrús regulares, assim como outros maçons regulares da Jurisdição, nos casos previstos na legislação específica, nos dias atuais, contam com os benefícios da Mútua Maçônica (administrada pelo GOERJ) que proporciona um pecúlio de R\$10.000,00 (dez mil reais).

Sepultura? Também está difícil. Para alívio dos cayrús e familiares a Loja possui 10 (dez) jazigos no Jardim da Saudade, situado no bairro de Sulacap, que proporcionam abrigo para 20 (vinte) corpos.

Recentemente, o Grão-Mestre Geral, assinou o Decreto nº0313, de 29 de fevereiro de 2000, regulamentando e consolidando as normas para concessão do Auxílio Funeral a ser concedido pelo Grande Oriente do Brasil. Transcrevemos o inteiro teor :

Artigo 1º - Fica mantido o Auxílio Funeral no valor de R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais) a ser pago aos beneficiários de Irmão regular e membro de Loja jurisdicionada ao GOB.

Artigo 2º - Igualmente, fica mantido o Auxílio Funeral no valor de R\$600,00 (seiscentos reais) a ser pago a Irmão regular e membro de Loja jurisdicionada ao GOB, no caso de falecimento de seu cônjuge ou companheira.

Parágrafo Único - A companheira é equiparada a cônjuge para os fins deste Decreto, nos termos da Lei Civil Brasileira.

Entre vários casos constantes em Ata registrando o pagamento de pecúlio encontramos relato na Ata nº154 (5/3/1904) dando conta de uma correspondência enviada pela mãe do Patrono à Loja solicitando uma pensão.

A Loja fundada em 15 de Setembro de 1901 se reunia na rua Dias da Cruz no prédio que fazia esquina com a rua Ana Barbosa; tendo sido **Regularizada em 22 de Outubro de 1901** (a reunião foi feita na residência do Irmão Gaudêncio - rua Dias da Cruz, 41 - tendo em vista que a Loja ainda não tinha o seu Templo). É o que consta da folha nº 11 do Livro de Atas nº 1 da Loja Cayrú.

Reverso a coletânea de Boletins do GOB (Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira - Publicação mensal - encontramos no exemplar de Out. 1901 - nº8 - 26ºano - pág. 424, o seguinte:

SUPREMO CONSELHO DO BRAZIL

Extracto da acta da assmbl.:. ord.:. em 1/12/1901

Reunida sob a Presidência do Pod.:. Ir.:. Quintino Bocayuva, Gr.:. Com.:. Resolve deferir a filiação e a regularização das seguintes OOff.:. Maçonicas CCap.:. (entre outras) lê-se a “CAYRÚ”, ao Or.:. do Meyer, Districto Federal.

A primeira Eleição na Loja foi realizada no dia 27/10/1901 (Ata nº009) com a presença de 18 (dezoito) Irmãos. Ao cargo de Venerável, concorreram dois candidatos: Francisco Luiz Loureiro de Andrade que teve 17 (dezesete) votos e José Joaquim Lopes Braga que teve 1 (um) voto.

Na Ata nº132 (10/09/1903) nos deparamos com o primeiro registro dando conta da existência do Templo:

“... O Resp.:. Ir.:. Orad.:. apresenta para ser arquivado, o traslado da escritura publica, passada pelo Tabelião Evaristo Valle de Barros e lançada no Livro nº699 à fls. 24, do Cartório do mesmo Tabelião, pela qual o Ben.:. Ir.:. Tes.:., representando a Loja Maçônica Cayrú, regularizou a posse dos quatro lotes de terreno, onde se acha edificado o nosso Templo (o grifo é nosso), tendo sido paga a quantia de 900\$000 (novecentos mil réis) por

dois dos referidos lotes, sendo que os outros dois incluídos na escritura, são havidos por oferta feita pelo Ir.:.Tes.:. e pelo Ben.:.Ir.:. José de Albuquerque Barboza, em 27 de outubro de 1901, aos quais se refere o balancete da Sessão do dia 27/10/1901".

Na Ata nº720 (18/04/1917) encontramos registro no qual o Orador chama atenção da Oficina ter deixado de haver sessão nas duas últimas quartas-feiras anteriores por falta de OObr.:. e apela para o comparecimento dos Irmãos.

Na Ata nº775 (28/08/1918) encontramos pronunciamento lembrando sobre a mudança do dia das nossas reuniões.

E na Ata nº776 (04/09/1918) encontramos registro do seguinte pronunciamento do Ven.:.:

“ Ninguém concordou com a mudança do dia da Sess.:. ...”

Referências sobre a colocação de retratos na Sala dos Passos Perdidos (Ata nº782, de 11/12/1918) encontramos quando o Irmão Steenhagen lembra:

“De uma obrigação não cumprida: a colocação de retratos na Sala de Passos Perdidos”.

Ao que o Venerável diz:

“Que desconhecia esta obrigação e como também desejava que fosse declarado quem são os Irmãos que tem este direito”.

De pronto respondeu o Irmão Steenhagen:

“Os Irmãos Thomaz Cavalcanti e Pedro Muniz”.

Podemos dar asas à nossa imaginação e ousar dizer que talvez daí tenha surgido a “GALERIA DOS VENERÁVEIS”. Apesar de

todos os esforços empreendidos não nos foi possível completar a coletânea dos retratos que hoje temos na Galeria dos Veneráveis. Entretanto do quadro sem fotografia constará o nome do Venerável e a inscrição: “Foto não encontrada no acervo da Loja Cayrú”.

Encontramos relato na Ata nº 1.471 (19/03/1935) registro dando conta ter sido remetido ao Grande Oriente para constar do Almanaque Maçônico o total de **130 (cento e trinta) Obreiros como o efetivo da Cayrú.**

Na Ata nº 1.629 (14/02/1939) vamos encontrar a informação de que por força do Art. 106 da Constituição vigente no Grande Oriente do Brasil os Obreiros teriam que fazer uma “**declaração de obediência**” e que o não cumprimento de tal preceito, automaticamente, colocaria o Obreiro na condição de inativo e com os direitos na Cayrú suspensos. Também na mesma Ata consta ter havido proposta para que o nome dos Irmãos que fizessem a declaração constasse da Ata; colocada em votação, foi aprovada por unanimidade e em seguida foi lida a lista dos Irmãos em atividade.

Fizemos menção a “declaração” porque a Cayrú sempre teve um grande número de Irmãos no Quadro (vide parágrafo anterior) apesar das freqüentes eliminações:

128 (cento e vinte) membros em 1912 e

96 (noventa e seis) em 1929. Em 4 (quatro) anos teve o seu Quadro reduzido a pouco mais de 1/3 (um terço). Numa demonstração de pujança a redução quer tenha sido por força da Lei ou por iniciativa da própria Loja não abalou o ritmo dos trabalhos. As Iniciações e Filiações tomam força e vigor.

Temos certeza de que um pouco mais à frente vamos encontrar alguma informação reportando a recuperação do Quadro Social.

E, com efeito, na Ata nº 1.682 (02/06/1940) vamos encontrar transcrito um Relatório Administrativo dando conta de

que o Quadro da Loja teve um aumento expressivo, tendo sido realizadas no último ano:

- 4 (quatro) iniciações
- 6 (seis) filiações
- 2 (duas) reinclusões

Conseqüentemente, se considerarmos que tínhamos 42 (quarenta e dois), com o total passando para 54 (cinquenta e quatro) resultou em um aumento de 28,57%, entre fevereiro/1939 e junho/1940.

A partir da Posse da Administração (Exercício 1942-1943) verificamos que as **Atas das Sessões deixaram de ser numeradas**; passam a ser identificadas apenas pelas datas de realização. Aqui inserimos um comentário que foge ao tema e aos propósitos do Livro propriamente dito, mas que entendemos poderá dar ao Leitor uma idéia do volume de papel manuseado nas pesquisas realizadas até 28/06/1942:

- a) 1.755 (um mil setecentos e cinquenta e cinco) Atas;
- b) Aproximadamente 9.755 folhas considerando-se os papéis, livros e/ou documentos avulsos consultados.

Estamos no final do ano de 1999. O recesso maçônico se aproxima. Apesar do trabalho até agora enfrentado... Somente concluímos 25% (vinte e cinco por cento) do nosso trabalho, isto é, faltam 60 anos de antigas Atas e documentos para atingirmos a leitura dos 100 anos.

Vamos dar uma parada... Tirar férias, afinal “ninguém é de ferro” e retornamos para terminar aquilo que nos propusemos realizar na certeza de que:

“O livro é o mais alegre de todos os nossos companheiros. Não nos vira as costas nos momentos de adversidade. Recebe-nos sempre com bondade, instruindo-nos na nossa mocidade e confortando-nos na nossa velhice. Nele aprendemos a fugir do mal sem o experimentar”. Smiles

GALERIA DOS VENERÁVEIS

Venerável é o Irmão eleito por sufrágio dos membros do quadro de sua Loja e que após passar por uma cerimônia apropriada, realizada por uma Comissão de Mestres Instalados, recebe a incumbência de administrar os destinos da Loja. Cabendo-lhe governá-la de conformidade com as Leis e costumes da Ordem Maçônica.

O Centenário é um marco histórico em qualquer organismo que ainda mais exalta o perfil dos seus feitos; com a Loja Cayrú: CEM ANOS DE GLÓRIAS AO G.: A.: D.: U.: não poderia ser diferente. Os percalços e realizações mereceram ser recordados com admiração e fervor, porque, ponderadas as épocas e as circunstâncias, podemos dizer que o Administrar a Loja Cayrú foi uma situacional, ou seja, não houve uma forma única de administrar: cada Venerável traçou uma trajetória ímpar de alcançados objetivos que dignificam os Maçons cayrús de cada época. Podemos dizer que um conjunto de fatores, tal qual uma orquestra, leva a administração de uma Loja a ser bem-sucedida onde só o talento do maestro não é suficiente para garantir o desempenho. É preciso que o maestro (o Venerável) disponha de bons músicos e neste particular a Loja Cayrú e os cayrús podem se ufanar das Administrações, passadas e presentes, dos últimos 100 anos: cada Venerável, cada Membro da Administração, enfim cada Irmão do Quadro e, sem falsa modéstia podemos dizer, cada um soube transportar um punhado de terra todos os dias e contribuir para a magnitude da Loja Cayrú nº 762 e que caberá às Administrações e a todos os cayrús nossos sucessores conservar, ampliar e transmitir aos que os sucederem.

Desde a sua fundação, 15 de Setembro de 1901, a Loja Cayrú já teve 40 (quarenta) Veneráveis, sendo recordista o Irmão Domingos Ribeiro, General do Exército, falecido com mais de 100 anos, que nos governou por 10 (dez) vezes.

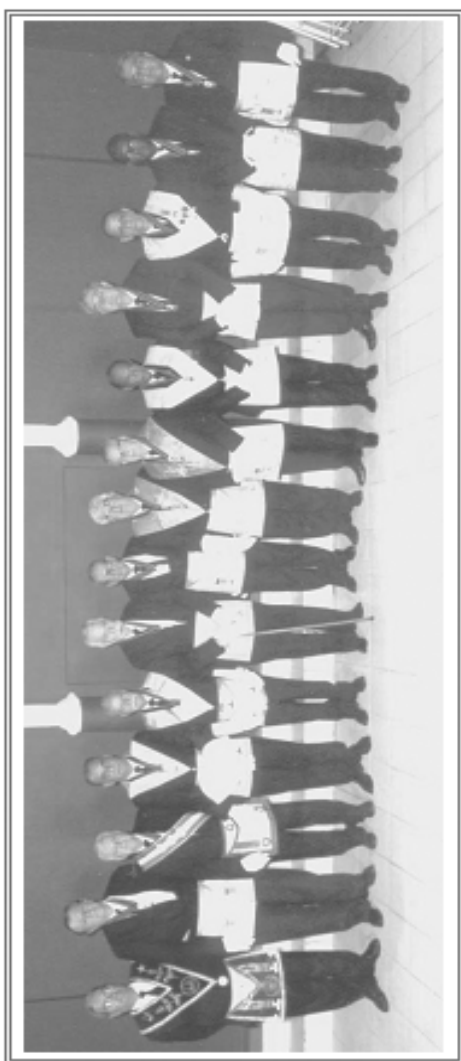
GALERIA DOS VENERÁVEIS

Francisco Luiz Loureiro de Andrade (1 vez)
João Fonseca Ribeiro Bastos (9 vezes)
Thomaz Cavalcante de Albuquerque (3 vezes)
Pedro Muniz (1 vez)
Antonio Teixeira Pinto (2 vezes)
Domingos Ribeiro (10 vezes)
João Steenhagen (1 vez)
Francisco Siqueira Rego Barros (7 vezes)
Jayme Vieira (1 vez)
Alfredo Carlos de Iracema Gomes (1 vez)
Raymundo Rego Barros de Souza (1 vez)
José Maria Moreira Guimarães (1 vez)
Cid Homero de Miranda (2 vezes)
Lúcio Lopes de Araújo (2 vezes)
Casimiro Manoel Gonçalves Guimarães (1 vez)
Osmar Dantas da Luz (1 vez)
Ovidio Zeferino Breves (2 vezes)
Osmane Vieira de Resende (4 vezes)
Benedito Martins Miranda (3 vezes)
Olímpio Fernandes de Figueiredo Saraiva (2 vezes)
Joaquim Pinto de Magalhães (2 vezes)
José dos Santos Azevedo (1 vez)
Djar Mendes Ferreira (1 vez)
Adriano Moreira Coppieters (3 vezes)
Jayme Carvajales de Moura (2 vezes)
Victor Percival James Bray (1 vez)
Nilton Borges da Silva (1 vez)
Waldyr Jacinto de Araújo (2 vezes)
Audálio Alves Valadão (1 vez)
José Carneiro Bessa (1 vez)
Fares de Moura Silveira (1 vez)
Marcelino Lopes (1 vez)
Onofre Namoratto (1 vez)
Donald Fenton (2 vezes)
Edson Fortes Rangel (1 vez)
Antonio Carlos Marquês dos Santos (1 vez)
Sylvio Claudio (2 vezes)
Ivo Carneiro (1 vez)
Joaquim Tavares da Silva (2 vezes)
Carlos Loureiro Amarante (1 vez)

Na impossibilidade de reproduzir todas as fotos existentes na “Galeria dos Veneráveis”, segue-se a fotografia, tirada no dia 24/4/2001, daqueles que ainda estão entre nós.



*Da esquerda para a direita:
Edson Fortes Rangel (1985-1987)
Onofre Namoratto (1979-1981)
Sylvio Claudio (1989-1991;1991-1993 e eleito para o biênio
2001-2003)
Carlos Loureiro Amarante(1999-2001)
Joaquim Tavares da Silva(1995-1997, 1997-1999) e
Ivo Carneiro(1993 -1995).*



Muito embora, antigamente, tenham passado pela Cerimônia de Instalação alguns Membros dos Altos Corpos sem terem sido eleitos Veneráveis; Mestre Instalado, por definição, é todo aquele maçom eleito por sufrágio dos membros do quadro de sua Loja é regularmente investido no cargo de Venerável.

De acordo com Octaviano de Menezes Bastos, autor da Pequena Enciclopédia Maçônica:

“Rigorosamente, o Maçom só deve pertencer, como ativo e efetivo, à Loja simbólica em que foi iniciado, mas, circunstâncias ou contingências da vida social, poderão determinar o seu afastamento por mudança de residência, etc.”

Permite-se que ele seja perfilhado por outra Loja. Dito isto, toda e qualquer Loja pode ter em seu quadro um ou vários Mestres Instalados sem terem assumido o seu primeiro malhete.

Na foto tirada no dia 24/5/2001 e incluída na página anterior, além dos seis Mestres Instalados da Loja Cayrú, podemos ver da esquerda para a direita:

| Mestre Instalado | Loja em que foi Venerável |
|----------------------------|---------------------------------------|
| Fernando Augusto Diogo | União e Tranquilidade nº2 |
| Jorge Francisco Russo | Integração e Desenvolvimento nº1824 |
| Álvaro Francisco Canastra | União Escoseza nº105 |
| Edson Fortes Rangel | Cayrú nº762 |
| Onofre Namoratto | Cayrú nº762 |
| Ary Azevedo de Moraes | Esperança nº37 |
| Sylvio Claudio | Cayrú nº762 |
| Carlos Loreiro Amarante | Cayrú nº762 |
| Joaquim Tavares da Silva | Cayrú nº762 |
| Ivo Carneiro | Cayrú nº762 |
| Ibis Ajório | Gen. Adalberto Coelho da Silva nº2027 |
| Elvandro de Azevedo Burity | Estrela de Belém II nº2204 |
| Arnaldo da Penha Rosa | Obreiros do Progresso nº1449 |
| Sidney de Souza Valladão | União de Cabo Frio nº2630 |

FUNDADORES

Na Ata de Fundação embora com seus caracteres esmaecidos, podemos verificar os seguintes nomes:

Venerável - Francisco Luiz Loureiro Andrade

1º Vigilante - Alfredo Dutra da Silva

2º Vigilante - Alfredo Bastos

Orador - Pedro Muniz

Secretário - Joaquim Câmara

Tesoureiro - José de Souza Carneiro

Hospitaleiro - Gaudêncio Viegas Clemente

Cobridor - Benedito Manoel Pinto Ribeiro

Demais Irmãos Fundadores em ordem alfabética:

- Adolfo Mariano Correia
- Alberto Heckscher
- Antonio de Souza Almeida
- Antonio Ferreira Martins
- Antonio Francisco de Aragão Sobrinho
- Antonio Teixeira Pinto
- Bonifácio Bellizi
- Camilo Villella
- Celestino dos Santos Simões
- Conrado Henrique Niemeyer
- Etelvino da Silva Matoso
- Heráclito Domingues
- Inocêncio José da Silva
- João Pinto da Silva Valle
- João Teixeira de Magalhães
- Joaquim de Castro Magalhães
- Joaquim Moreira de Mesquita
- José de Albuquerque Barbosa
- José Joaquim Lopes Braga
- José Lopes
- José Teixeira de Almeida
- José Vieira Júnior
- Luiz Vianna
- Raphael Correia Dias
- Symphronio Ribeiro B

Verificado o Livro de Registro de Obreiros constatamos 39 (trinta e nove) linhas destinadas às assinaturas. **Quatro Irmãos deixaram de assinar a Ata de Fundação da Loja:**

Eugenio Oyangurem

José Machado Ribeiro

Firmino da Costa Cadete

José Dias Ferras da Luz.

O Quadro abaixo mostra o nome das Lojas a que pertenciam os Fundadores, incluindo os que não assinaram o Livro de Presença:

| | |
|------------------------------------|-----------|
| Ganganelli do Rio | 20 |
| Amizade Fraternal | 1 |
| Independência Lusitana (Or. Porto) | 1 |
| Amor ao Trabalho | 4 |
| Luz Transatlântica | 1 |
| 25 de Março | 1 |
| Esperança | 3 |
| Aurora Escosseza | 1 |
| Regente do Norte | 1 |
| Dous de Dezembro | 1 |
| Amparo da Virtude | 1 |
| Luz e Ordem | 1 |
| Estrela de Jerusalém | 1 |
| Não identificadas | 2 |
| TOTAL | 39 |

Relatamos em um capítulo anterior que durante as pesquisas consultamos alguns documentos avulsos e a grande surpresa fora quando manuseamos o Primeiro Quadro de Obreiros, pois, se não bastassem as informações conflitantes quanto ao número de Fundadores, nos deparamos com mais uma: o Primeiro Quadro de

Obreiros, datado de 15/09/1901, cuja cópia existe em perfeitas condições, registra um total de 15 (quinze) Obreiros.

*“Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... Livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germen - que faz a palma
É chuva - que faz o mar.”*

Casto Alves

O PATRONO

Henrique Valladares, codinome de “O CAYRÚ” é o patrono da Loja Cayrú. Foi um eminente cidadão e um dos maiores Maçons que o Brasil já teve. Deixou uma folha admirável de serviços prestados à Pátria e à Ordem. Nasceu em 15 de março de 1852, no Piauí. Matriculou-se na Escola Militar, onde fez um curso brilhantismo, conquistando o título de Engenheiro Militar. Obteve depois o lugar de professor da referida Escola e nesse cargo revelou sempre superior cultura e era, por todos, respeitado. Esteve no primeiro plano da campanha abolicionista e lutou pela implantação da República. Foi discípulo de Benjamim Constant. Acompanhou e fortaleceu a ação de Floriano Peixoto (maçom), na consolidação do novo regime. Foi Prefeito do então Distrito Federal, e, depois, Deputado Federal pelo seu Estado. No Acre, os brasileiros revoltados contra os bolivianos haviam proclamado a independência do território e o Barão do Rio Branco (maçom) se esforçava por concluir um Acordo com a República irmã;. Henrique Valladares foi enviado ao Amazonas e Acre, em fevereiro de 1903, em missão com o insano trabalho e o clima então inóspito, adoeceu gravemente, regressou ao Rio e veio a morrer, logo depois, sem ter tido a satisfação de assistir à assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, o qual pôs fim à questão acreana.

Faleceu no Rio de Janeiro, em consequência do cumprimento de seu dever de soldado.

Seu enterro constituiu uma imponente consagração. O Presidente da República e o Ministro das relações Exteriores enviaram representantes. O Ministro da Guerra, nosso Irmão, Marechal Argolo, Deputados, Senadores, Oficiais Gerais e outras Autoridades civis e militares compareceram pessoalmente ao ato fúnebre. O Grão-Mestre General Quintino Bocaiúva e os Grandes Dignatários da Ordem estiveram presentes, bem como numerosas delegações de Lojas maçônicas.

Em certo ponto do trajeto, os alunos da Escola Militar fizeram parar o coche e à mão transportaram o corpo de seu ex-mestre até a sepultura, no cemitério de São João Batista.

Na vida maçônica:

Henrique Valladares iniciou-se na Augusta Loja Cruzeiro do Sul II - Oriente de Uruguaiana - Rio Grande do Sul, em 24 de junho de 1874. Viveu três decênios de vida maçônica. Nobre, sereno e firme Obreiro; trabalhador incansável, as Lojas o disputavam para seus Quadros e assim recebeu, de muitas, os títulos de Membro Honorário, Filiando Livre e Benemérito. Galgou os mais elevados postos maçônicos e atingiu a dignidade de Grande Secretário Geral. O “Boletim do Grande Oriente do Brasil”, durante anos a fio, ficou quase inteiramente a seu cargo e há, em seus números, excelentes artigos e comentários de sua lavra.

Em reconhecimento pelo extraordinário trabalho no Simbolismo e no Filosofismo; a Assembléia Geral do Grande Oriente conferiu-lhe o Título de Benemérito da Ordem e mais tarde o de Grande-Comendador Honorário, este pelo Decreto nº 147, de 22 de janeiro de 1898. Serviu com os preclaros Grão-Mestres Antonio Joaquim de Macedo Soares e Quintino Bocaiúva. Ocupou os cargos de Grão-Mestre Adjunto e Lugar-Tenente Comendador desde junho de 1901 até quando passou para o Oriente Eterno. Era Garante de Amizade do Grande Oriente de França e do Supremo Conselho do Egito, junto ao Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil. O ilustre e operoso Henrique Valladares teve em vida a consagração de ver o seu nome civil e o seu nome histórico adotados como títulos distintivos de três Lojas Maçônicas do Grande Oriente do Brasil.

Encontramos registro na Ata de 28/09/1999 dando conta de ter sido incorporado ao Museu da Loja Cayrú cópia da certidão de óbito

O Patrono



Acróstico

Autor: Irmão Wilson F. Dantas

Homens somos em busca da Verdade,

Escavando entre símbolos milenares,
Nesta faina em que só aos luminares
Resplandece o Mistério da Trindade
Inefável por toda a Eternidade.
Quem és Tu? Arquiteto, Grão-Senhor,
Uno em três e Protótipo do Amor?
Es Iahweh, Brahma, Zeus, que Postetade?

Vamos todos Irmãos desta Oficina!

Aprendizes seremos! Eternais
Lapidários de pedras humanas;
Laboremos! Que a senda só culmina
Ao mais alto degrau da Paz Divina.
Do “athanor” desta Loja de S. João,
Alquimistas buscando a mutação,
Recebamos o eflúvio imaculado
E de espírito assim acrisolado
Saberemos ver Deus na “Criação”!

Obs. O presente trabalho foi apresentado a ARLS Henrique Valladares na Sessão Comemorativa do 107º aniversário de Fundação, em 1/8/2000.

CARTA CONSTITUTIVA, ESTANDARTE E TIMBRE

Algumas Lojas não mais possuem o original de sua Carta Constitutiva, mas os cayrús nossos antecessores bem souberam preservar aquele documento histórico; podemos considerá-lo em perfeito estado de conservação, embora esmaecido, nele podemos observar: Gr.:Or.: e Sup.:Cons.:do Brazil, o selo, as assinaturas. O original, atualmente, encontra-se, em um quadro, no Gabinete do Venerável ao lado dos Títulos Distintivos outorgados à Loja Cayrú que a nós caberá conservar e entregar às futuras gerações.

A primeira referência sobre ESTANDARTE encontramos na Ata nº840 (21/06/1920) quando o 1º Vig.: João José Tícidio apresenta o croqui do estandarte. (O croqui ficou à disposição dos Irmãos no Altar do Ven.: e infelizmente não há registro de sua composição).

E já no dia 28/07/1920 Ata nº841 encontramos relato dando conta de: *“Propõe ainda o 1º Vig.: para a inauguração do estandarte, seja convidada a nossa co-irmã Ganganelli do Rio para paraninfá-lo”*.

Seguindo-se encontramos registro das seguintes palavras do Ven.::

“Fazendo o histórico de nossa Oficina, acha acertadíssima a escolha, pois muito concorreram os Irmãos da Ganganelli do Rio para o engrandecimento da Cayrú”.

Na Ata nº846 de 28/08/1920 verificamos a Inauguração do Estandarte pelo Ir.:Dr.Agenor Moreira que convidou a Loja Ganganelli do Rio para paraninfa do Estandarte.

O atual Estandarte da Loja tem as seguintes características:

Confeccionado em cor azul-religioso, de formato retangular; terá no seu campo, pintado ou bordado ao lado, um listel com os títulos honoríficos da Loja em dourado; a meia altura do campo, duas colunas em escala, segundo descritas no Antigo Testamento (I Reis 7) tendo, entre elas, à altura dos capitéis, um olho radiante, encimando um esquadro sob um compasso e, logo abaixo, o título distintivo “Cayrú”; as colunas terão escritas no fuste as letras “Iod” e “Beth”; no nível das bases das colunas, estará a data de fundação da Loja. O estandarte será contornado por um galão prateado, tendo franjas prateadas na parte inferior, formando matame.

No que diz respeito ao **SELO** e **TIMBRE** da Loja encontramos na Ata nº 2 de 22/09/1901, o seguinte:

“O Ir.: Ven.: apresenta a idéia e a Loj.: aceita de que o selo e timbre da Oficina sejam constituído das efígies dos PPod.: Ilr.: Visconde de Cayrú e Dr. Henrique Valladares separadas por um ramo de acácia e circundadas de emblemas maçônicos”. Entretanto, no livro 7 das Atas de 09/08/1913 até 08/09/1917, encontramos diferentes tipos de Timbres.

O timbre atual da Loja que será usado em carimbo e sinete constará de dois círculos concêntricos, tendo na coroa a legenda “Loja Maçônica Cayrú nº 762 - RJ - 15-IX-1901”. No centro um olho radiante encimando um esquadro sob um compasso.



Estandarte



Selo e Timbre

INICIAÇÕES , FILIAÇÕES e LOWTONS

Encontramos relato na Ata nº 3 de 29/09/1901, dando conta do seguinte recebimento:

“...colheu 8 (oito) propostas de Iniciação, referentes aos Srs. José Alves de Sá Campos, Luiz Veiga, Alfredo Veiga, Affonso Augusto Corrêa, Ludgero Pereira da Luz, Francisco Cardoso Parreira, Álvaro Lopes e do Dr. João da Gama Filgueira Lima e de que todas as propostas podem ser sindicadas”.

Na Ata de nº 5, consta que foram devolvidas as Sindicâncias devendo as mesmas aguardar o escrutínio. Consta o recebimento do seguinte expediente:

- Propostas para Filiação:

*Julio Telles de Moraes (Loja Amor ao Trabalho),
Avelino Assis Andrade (Loja Amizade Fraternal),
Manoel José Moura Bastos (Loja Esperança de*

Nicteroy)

- Propostas de Iniciação:

*Antonio de Oliveira Campos,
Alfredo de Souza Bastos,
Manoel Ferreira do Bonfim e Silva, e
Ailton da Cruz Rangel.*

A primeira sessão de iniciação ocorreu no dia 20 de outubro de 1901, ocasião em foram iniciados os Senhores:

**Luiz Veiga, Alfredo Veiga e
Francisco Cardoso Parreira.**

No mesmo ano foram iniciados:

Alfredo Lourenço de Souza Bastos - 27/9
Antonio Augusto Pinto de Siqueira Júnior - 10/11
José da Rocha Gonçalves Júnior - 17/11
Joaquim Felix - 30/11
Francisco Dias Pereira - 07/12
Emygdio Barbosa Lima - 21/12

O volume de filiações também é fator de destaque; a Loja Cayrú fecha o ano de 1901 com 52 (cinquenta e dois) Obreiros úteis e dedicados. A expressão “úteis e dedicados” faz sentido porque as atividades para construção do Templo são intensas e a leitura dos escritos nos levam à conclusão ser uma meta a ser atingida pelos Fundadores e a Administração; sobre isto escreveremos alguma coisa no capítulo “Patrimônio”, bem como, em outra parte do livro, dedicaremos atenção para a Educação Escolar (outra menina dos olhos daqueles Irmãos).

A primeira Adoção de Lowtons foi realizada conforme Ata nº117 no dia 24/12/1903, tendo sido recebidos, com as formalidades do ritual, 3 (três) meninos:

Waldemar Parreira de I. Gomes; Francisco Lopes de Matos e Cartomiro Lopes Pereira.

E na Ata nº1579 de 20/07/1937 vamos encontrar o seguinte relato: “ *O Irmão Casimiro Manoel Gonçalves Guimarães para se aproximar do altar e prestar seu compromisso para o cargo de Venerável para que fora eleito*”.

Poderá alguém argüir: Posse de Venerável é fato corriqueiro. Mas o referencial que nos levou a relatar tal investidura foi o fato de que Casimiro Manoel Gonçalves Guimarães, muito embora não tenha sido um dos primeiros aadotados pela Loja foi o **primeiro Lowton da Loja a assumir o Primeiro Malhete.**

Quando do retorno das férias maçônicas de 2000, em janeiro de 2001, a Loja recebe os seguintes expedientes:

- Uma solicitação de Filiação
Irmão Antonio Joaquim da Rocha Fadista
- Um requerimento de Regularização
Irmão Ralf Goulart Campos
- Um pedido de Iniciação
Senhor Paulo Alexandre da Fonseca Moreira

Os quais depois de examinados e achados conforme foram despachados, pelo Venerável, para que se cumprissem os trâmites legais.

A Sessão Magna de Filiação e Regularização ocorreu no dia 06/02/2001.

A Sessão Magna de Iniciação ocorreu no dia 17 de abril de 2001.

Querem ser cayrús. Ao encerrarmos a matéria para edição deste livro, havia na Secretaria dois pedidos de Iniciação:

Carlos Eduardo Montenegro da Silva e

Elmer Augusto Vieira.

Caso sejam aprovados, poderão iniciados no ano de Centenário da Loja.

TÍTULOS DISTINTIVOS

Muito embora não seja uma condecoração a primeira alteração no Título da Loja Maçônica Cayrú consta na Ata nº51 (21/6/1902) que no Expediente foi lida a prancha dando conta da regularização do **Sublime Capítulo Cayrú** e que a denominação do título da Loja passou para: Loj. :. Cap. :. Cayrú.

Na Ata nº428 (15/12/1909) consta ter o Orador feito a leitura do Decreto nº424 dando conta de que fora concedido à Loja o **Título de Benemerita**. Passando o título da Loja para:

Aug. :. Resp. :. Ben. :. Loj. :. Cap. :. Cayrú

Quando esteve subordinada ao Grande Oriente Unido foi outorgado à Loja Cayrú os seguintes Títulos:

Grande Benemerita pelo Decreto nº 17 de 15/9/1951
Benfeitora pelo Decreto nº 22, de 15/9/1955

Pelo Decreto nº 2.199, de 12/09/1969, do Grande Oriente do Brasil foi outorgada à Loja Cayrú o **Título de Grande Benfeitora da Ordem** (Entrega feita quando da Sessão Comemorativa do 68º Aniversário de fundação da Loja realizado no dia 14/09/1969).

Pelo Ato nº 3.622 de 13/09/1973 do Grande Oriente do Brasil foi outorgado à Loja Cayrú a **Estrela de Distinção Maçônica**.

Constatamos ainda ter a Cayrú recebido várias homenagens de outras Lojas caracterizadas por vários diplomas, medalhas e placas comemorativas de Corpos Maçônicos e de Entidades Representativas do mundo Profano.

• MEDALHAS DA LOJA

Estatuto da Loja Cayrú nº762

Capítulo IX -Das recompensas maçônicas.

Art. 42 - Para premiar serviços relevantes dos membros do Quadro, haverá as condecorações da “Estrela de Mérito Cayrú” e da “Cruz de Distinção Cayrú”.

Art. 43 - As condecorações serão concedidas ao membro que se destacar na atividade maçônica de maneira relevante, inclusive aos que oferecerem em sua propriedade, usufruto ou qualquer outra modalidade, imóveis para funcionamento de órgãos maçônicos ou paramaçônicos ligados à Loja e aos que se sobressaírem em volume de trabalho filantrópico profundo e contínuo em nome da Loja.

Art. 44 -As medalhas referidas no Art. 42 não criarão exceção nem foro especial para o seu possuidor.

Art. 45 - A “Estrela do Mérito Cayrú” terá as seguintes especificações: confeccionada em prata, medindo 0,035 m entre as extremidades das pontas, tendo ao centro o timbre da Loja. No passador a inscrição “MÉRITO”.

Art. 46 - A “Cruz de Distinção Cayrú” terá as seguintes especificações: confeccionadas em bronze, medindo 0,035 m entre as extremidades dos braços, de forma potentéia, tendo ao centro o timbre da Loja. No passador a inscrição “DISTINÇÃO”.

Art. 50 - Fica criada a Medalha de Gratidão Cayrú, para ser outorgada a quem, maçom ou profano, se tornar merecedor, nos termos do disposto do Art. 43.



Estrela do Mérito Cayrú



Cruz de Distinção Cayrú



Medalha de Gratidão Cayrú

- **BROCHES ENCONTRADOS**



- **OUTRAS MEDALHAS CAYRÚS ENCONTRADAS NO ACERVO DA LOJA**



BOLETIM

Desde março de 1959 a Loja Cayrú patrocina a Revista “O CAYRU” como veículo oficial de divulgação de assuntos científicos, filosóficos e literários no âmbito da Maçonaria Simbólica e Filosófica.

O Boletim “O CAYRU” , fundado pelo Irmão Sylvio Claudio, em 31 de Março de 1959, teve sua **circulação oficializada pelo Grande Oriente do Brasil (GOB) pelo Dec. nº 1934, de 17/09/1963; e pelo Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Brasil pelo Ato nº 672, de 10/03/1966.**

“O CAYRÚ” é distribuído regularmente com circulação em todos os Estados do Brasil, países da América do Sul, Estados Unidos e Europa. Mudou a sua forma de apresentação, mas continua firme em seu propósito: publicar trabalhos abrangendo assuntos maçônicos e os que em geral puderem interessar. Com distribuição gratuita e restrita à maçonaria; os conceitos emitidos em artigos são de responsabilidade do Autor, não representando o pensamento da Direção do Boletim, nem da Loja que o patrocina.

No Livro de Honra da Loja encontramos várias doações em dinheiro para publicação especial da “Discrição”. Não encontramos nas Atas pesquisadas nenhuma alusão a tal publicação. Se existiu como meio de divulgação teve curta existência ou não existiu.

Na Ata de nº66(23/08/1902) encontramos referência a proposta do Irmão Tesoureiro:

“... que seja publicado um jornal no dia 15 de setembro, data do primeiro aniversário da Loja, devendo esse jornal ter o título “CAYRÚ” ou outro”.

Vários Irmãos falaram sobre esta proposta. Ficando o assunto de ser tratado na próxima reunião; o que foi feito no dia 30/08/1902: constituída Comissão de 5 (cinco) Irmãos para encarregar-se da publicação. Entretanto não encontramos nenhum registro nas Atas subseqüentes sobre o supracitado jornal. Será que existiu? Fica a pergunta.

O Editorial do “O CAYRÚ” nº 1 - 2001 - Ano XLIII - bem demonstra a atmosfera reinante na Loja haja vista ter tido como temática: “RUMO AO CENTENÁRIO”, uma fala de despedida da Administração 1999-2001. Neste mesmo exemplar encontramos as seguintes Administrações:

Loja Simbólica Cayrú - 762

Venerável - Carlos Loureiro Amarante

1º Vigilante - João Lopes Neto

2º Vigilante - Gilson Léo

Orador - Nilson Pinto Madureira

Secretário - Sizenando da Silva

Tesoureiro - Francisco de Assis de Sena

Chanceler - Isaque Rubinstein - em exercício

Adjuntos:

de Orador - Daniel Ferreira Brito

de Secretário - Jorge Gomes Rodrigues

Loja de Perfeição Cayrú

T.: V.: P.: - Cleiner de Oliveira Costa

1º Vigilante - Geraldo Braga Gonçalves da Silva

2º Vigilante - Arnaldo da Penha Rosa

Grande Orador - Sérgio Maurício Almeida de Araujo

Grande Secretário - Almir Nogueira Freire

Grande Tesoureiro - Ademilton Madureira Lima

Grande Chanceler - Carlos Cardoso de Moraes

Sublime Capítulo Cayrú

Aterzata - Benito Cohen

1º Vigilante - Ivo Carneiro

2º Vigilante - Carlos Loureiro Amarante

Gr.:. Cav.:. Eloquência - Henrique Cardoso S. Pinto

Grande Secretário - João Lopes Neto

Grande Tesoureiro - Ademilton Madureira Lima

Grande Chanceler - Aloisio Luquez de Souza

A LOJA CAYRÚ NOS ALTOS CORPOS

Consta na Ata nº51 (21/06/1902) que no Expediente foi lida a prancha dando conta da **Regularização do Sublime Capítulo Cayrú:**

Diretoria Interina

Arth.: Pod.: Ir.: - Antonio Francisco d' Aragão Sobrinho

1ºGr.: Vig.: - Antonio Teixeira Pinto

2ºGr.: Vig.: - Gastão Waddington

Gr.: Or.: - João Fonseca R. Bastos

Gr.: Secr.: - Augusto Hypolito de Medeiros

Gr.: Hos.: - José de Souza Loureiro

Gr.: MC.: - Theodorico da Conceição

Na Ata nº169 (10/06/1904) encontramos relato dando conta de que Irmãos do Quadro da Cayrú foram escolhidos para **Representar Lojas de outros Orientes na Grande Assembléia Geral**. Portanto, podemos afirmar que o espírito representativo de influenciar nas grandes decisões da Ordem, uma característica dos cayrús através dos tempos... É uma questão de hereditariedade.

Na Ata nº821 (06/11/1919) nos deparamos com o lançamento de um Manifesto de Representantes dos Corpos Legislativo, Judiciário e Administrativo apresentando o nome do **Ben.: Ir.: General Thomaz Cavalcante de Albuquerque (Membro Ativo do Quadro da Cayrú) para concorrer ao cargo de Grão-Mestre**. No dia 15/10/1919, por proposta do 1º Vig.: é nomeada uma Comissão para manifestar o júbilo da Loja ao Gr.: Ben.: Ir.: General Thomaz Cavalcante pela escolha do seu nome ao Cargo de Gr.: Mestr.: do Gr.: Or.: do Brasil.

O comitê de propaganda da candidatura do Pod.: Ir.: General Moreira Guimarães, Membro da Cayrú, ao cargo de Grão-Mestre Geral, resolve pranchear a todas as Lojas do

Brasil pedindo apoio a esta candidatura e pergunta se a Off.: concorda em ratear as despesas que se fizerem necessárias com expediente e impressão das circulares, tendo o Irmão Rego Barros dito que sendo esta candidatura nascida aqui na Cayrú era justíssimo que a Loja aceitasse participar das despesas (É o que consta na Ata nº868 de 17/03/1921).

Tivemos a oportunidade de manusear vários documentos avulsos: revistas, boletins e dentre eles o Boletim Informativo ano I - julho a setembro de 1979 - nº I (Órgão de Divulgação do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro) onde constatamos que da primeira administração do recém instalado Grande Oriente, seu primeiro Grão-Mestre um cayrú, o Irmão Sylvio Claudio, contou com 9 (nove) cayrús no seu “staff” (grupo qualificado de pessoas que assistem a um chefe, a um dirigente, em organizações governamentais ou privadas). Portanto quando afirmarmos que a Cayrú tem e sempre teve uma participação ativa nas administrações nos Altos Corpos não estamos assumindo uma postura fanática e sim relatando um fato incontestável; lamentamos apenas a falta de maiores informações para que possamos transmitir uma maior e melhor visão do envolvimento dos cayrús nos Altos Corpos e conseqüentemente do envolvimento detalhado dos relevantes serviços prestados nos últimos 100 anos.

A Loja Cayrú tem se mantido ativa no Filosofismo. Tanto assim que há em funcionamento, em suas dependências, dois corpos:

Loja de Perfeição

Sublime Capítulo

Atualmente, 4 (quatro) cayrús têm assento como Membros Efetivos do Supremo Conselho para o R.:E.:A.:A.:., em ordem alfabética:

Álvaro Francisco Canastra,
Ary Azevedo de Moraes,
Euler de Souza Novaes,
Sylvio Claudio.

Na foto publicada no “Recordatório” aparecerá o Irmão Fares de Moura Silveira (falecido em 14/08/2000) mas que fez parte do Supremo Conselho como Membro Efetivo.

Do quadro da Cayrú são oriundos:

Grão-Mestres Gerais:

Thomas Cavalcanti Albuquerque
José Maria Moreira Guimarães
Osmane Vieira de Resende

Delegado do Grande Oriente do Brasil no Estado do Rio de Janeiro:

Nilton Borges da Silva

Grão-Mestre Estadual do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro:

Sylvio Claudio

Cayrús há que também fizeram parte de várias Comissões: Instalação de Veneráveis, Sagração de Templo ou Estandarte, outros foram Grandes Secretários, prestando assim relevantes serviços à Ordem e, conseqüentemente, contribuíram consciente ou inconscientemente para forjar a máxima de que:

“A Cayrú é uma escola de maçonaria”.

Na Ata de 23/09/1986 encontramos registro do recebimento de correspondência da Loja Verdadeira Amizade n° 2366 ressaltando os serviços realizados por uma Comissão, formada por Irmãos

cayrús, nomeada por Ato do Grão-Mestre Estadual, encarregada de conduzir a primeira iniciação realizada naquela Oficina. Atualmente a Cayrú tem Irmãos filiados a Lojas no exterior:

- 1 (um) filiado à Loja Fraternidade Atlântica nº1267, no Oriente de Paris - França onde exerceu o cargo de Mestre de Cerimônias, além de ter sido um de seus Fundadores (Ata de 16/05/2000).
- 1 (um) filiado ao Capítulo James Anderson subordinado à Grande Loja Unida da Inglaterra - Distrito América do Sul -Divisão Norte.
- 1 (um) filiado à Harthington Lodge nº1021 - cidade de Barrow-in-Furness - Inglaterra.
- 1 (um) filiado ao Capítulo Campos Salles.

Não esqueçamos também que há cayrús participando da Administração do **Consistório** e do **Kadosch**.

Durante todo o trabalho de pesquisa sempre encontramos relatos dando conta ainda nos dias atuais sobre a participação de Irmãos da Cayrú na Administração do Grande Oriente do Brasil e do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, fato que bem demonstra a pujança e a importância da Loja no âmbito federativo e estadual. Na Ata de 01/02/2000 encontramos registro dando conta da nomeação de uma Comissão de cayrús para analisar o Projeto da Nova Constituição do GOB. Mas será que o assunto motivou os Irmãos do Quadro da Loja Cayrú? Fomos encontrar a resposta na Ata de 25/04/2000 diante do registro do pronunciamento lembrando que a Comissão continua aguardando sugestões (emendas) e que até o presente nada havia recebido. Quase 2 (dois) meses se passaram e eis que encontramos lançado na Ata de 20/06/2000 relato narrando de que a Loja apresentará 12 (doze) emendas a Constituição.

Atualmente, o Irmão Álvaro Francisco Canastra é Membro do Conselho Estadual da Ordem (C.:E.:O.:); o Irmão Joaquim Tavares da Silva é o vice-presidente da Mútua Maçônica do GOERJ. O Irmão Rui Ferreira da Silva é o Garante de Amizade junto à Grande Loja de Nova York; o Irmão Ary Azevedo de Moraes é o Garante de Amizade junto à Grande Loja da Nicarágua. O Irmão Henrique Marini e Souza é Membro do Conselho Federal da Ordem do GOB e o Irmão Fernando Augusto Diogo é o Grande Secretário de Relações Interiores do GOERJ.

RELATOS

Neste capítulo o Leitor se defrontará com uma coleção de atos e/ou fatos extraídos das Atas e documentos. Continuaremos mencionando sempre uma referência, isto é, a fonte de origem; com isto estaremos afastando o “achismo”. Convém ressaltar que os conceitos, observações, considerações, comentários, narrativas e adaptação de texto, deste ou de qualquer parte deste livro, são de responsabilidade do Irmão encarregado de efetuar a pesquisa e não da Administração da Loja, da Comissão dos Festejos do Centenário ou de qualquer outro Corpo Maçônico. Se porventura, merecerem ser julgados que a sua defesa tome como tese as palavras de Manhatma Gandhli (1869-1948): “O único tirano que aceito neste mundo, é a voz silenciosa dentro de mim, a consciência”.

Para bem cumprirmos a nossa missão, fomos buscar inspiração nas seguintes palavras:

“Examinai todas as coisas e retende o que for melhor”.
(1 Ts 5:21)

PERÍODO 1901 - 1910

Consta na Ata nº72 (15/09/1902) ter a Loja Cayrú recebido **a visita do seu Patrono Irmão Henrique Valladares** e que na mesma Sessão Magna Comemorativa do 1º Aniversário de Fundação terem sido ofertados **3 (três) malhetes de prata** (até hoje existentes e que são usados nas Sessões Magnas). No Livro de Presença verifica-se a assinatura de 53 (cinquenta e três) Irmãos. O espírito de curiosidade nos conduziu ao Livro de Registro de Obreiros da Loja e após feitas as contas concluímos que o Quadro aumentara em 254%.

Verificamos que nos anos de 1902/1903 a Loja Cayrú esteve envolvida com a votação e aprovação de seu Regulamento Particular.

Na Ata nº150 (06/02/1904) consta ter a Loja recebido doação feita pelo Irmão Alfredo Guimarães de 7 (sete) candelabros para gás, um tapete encarnado para o Altar do Venerável e que o Irmão Alberto Costa na mesma ocasião doara 4 portas e as colocações das estátuas na fachada do Templo e que o Irmão Mathias Menezes fazia a entrega de 12 (doze) cadernos em branco para a Escola.

Na Ata nº164 (07/05/1904) vamos encontrar relato sobre a proposta do Orador quanto a criação do Título de Grande Benemérito da Loja com encaminhamento de que a concessão somente poderá ser conferida, se aprovada, por 3/4 dos Irmãos presentes em duas sessões consecutivas, com exceção dos que apresentaram as propostas. Depois de muitas emendas do tipo: colocar o retrato do agraciado em uma sala; feitura de um busto do agraciado em mármore ou bronze, etc. Foi retirada a Proposta. A matéria volta ser levantada na Sessão de 23/06/1904 e o plenário por unanimidade resolve conceder ao Irmão João Fonseca Ribeiro Bastos o Título de Benemérito; mas a proposta aprovada não foi

regulamentada, tendo a concessão do título de Benemérito sido considerada como uma homenagem avulsa.

Na Ata nº166(21/05/1904) nos deparamos com o seguinte relato que caracteriza a concessão do **primeiro Placet pela Loja:**

“O Ir.: Dr. Domingos Ribeiro declara sentir estar em desacordo com o Ir.: Magioli e que é daqueles que pensam que não se deve obrigar a quem quer que seja a fazer parte de uma associação contra a sua vontade e nestas condições vota pela concessão do PLACET sem mais formalidades”.

A Sessão de nº167, 08/05/1904, parece-nos ter tido seus ânimos exaltados:

*“O Ir.: Magioli declara que ainda não houve ocasião de usar nesta Oficina da palavra, senão para tratar de assuntos do quadro em particular, mas hoje, vai falar sobre assuntos concernentes à nossa Sublime Ordem, pois tem notado que na Loja Cayrú se procede com a maior isenção de ânimos, ligados todos os Irmãos pelos laços da verdadeira fraternidade; que há dias caiu-lhe a alma aos pés, em uma Loja do Poder Central por ver que o seu Venerável, parecendo ter perdido a calma precisa, procedera com a máxima incorreção e descortesia para com os Irmãos que ali se achavam presentes, atirando com o **malhete da direção e retirando-se abruptamente**, sem o menor formalidade maçônica deixando perplexos todos os Irmãos. Disse que não é uma censura o que está fazendo e sim uma magoa de que está ressentido e estar certo de que de nossa Oficina jamais cometerá semelhantes atos de descortesia e desconsideração”.*

Nesta mesma Ata há relato do Irmão Candido Floriano da Costa Barreto (CMG da Marinha de Guerra servindo em Corumbá - MT) ter solicitado que **a Loja interfira** junto ao Ministro da Marinha no sentido de obter sua transferência para a Capital do Rio de Janeiro que em Corumbá fora ameaçado de morte. A Loja através

do Capitão Albuquerque (maçom) conseguiu a solicitada transferência.

“Se não vacinar morre!” Este era o grito do governo e autoridades sanitárias. O povo reagia: “Se vacinar, mato!”. Muito pouco encontramos com referência a atuação da Loja na campanha para livrar o Rio de Janeiro da varíola. Pelo visto o engajamento se deu de maneira bem sutil, diante da reação do povo no dia 10 de novembro de 1904, quando o descontentamento explode. Bondes são tombados, trilhos arrancados, calçamentos destruídos. Durante dias, o povo do Rio de Janeiro enfrenta a polícia com pedradas. O sanitarista Oswaldo Cruz, Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública quer livrar o Rio da varíola, mas a lei que tornara obrigatória a vacinação, batizada de “código de torturas” é recebida com medo e revolta pelo povo desinformado. As coisas começam a tomar um cunho político quando a oposição canaliza a revolta em favor de sua causa: derrubar o Presidente Rodrigues Alves. O governo age rápido, com dureza e esmaga a rebelião. Cancela a obrigatoriedade, tornando a vacinação opcional. Baixada a poeira, começa a vacinação em massa. Em alguns meses, desaparece a varíola, que havia matado aproximadamente 35.000 (trinta e cinco mil) habitantes do Rio de Janeiro.

“Como a mediocridade não perdoa ao talento como a treva não perdoa a luz”, deve ter havido cautela por parte da Loja quando se engajou na campanha.

Na Ata nº385 de 11/12/1908 encontramos registro que o **LIVRO DE OURO ou HONRA** fora encontrado pelo Irmão Maggioli em um armário da Sala de Aulas. O que nos leva a pensar que em estando o aludido livro em lugar não sabido, muitas doações deixaram de ser ali lançadas. No capítulo “Patrimônio” abordaremos com mais detalhes os lançamentos encontrados naquele LIVRO.

A Sessão do dia 01/02/1910 teve seus exaltados é o que consta da Ata nº472:

“Quando é solicitado que cubra o Templo o Ir.º. Luiz José Barbosa, sendo proposta sua elevação aos graus de Comp.º. e Mest.º.”.

Que foi aprovado, depois do debate entre os Irmãos Eduardo Pinheiro Magalhães e Antonio Teixeira Pinto Gonçalo Fernandes da Silva e Carlos Duarte.

INTERESSANTE!!!!!!!!!!

PERÍODO 1911 - 1920

Encontramos um pitoresco relato na Ata nº476, 08/03/1911, dando conta de que:

“O Ir.: José Antonio Guimarães não faz parte do quadro e, portanto ficava vedada a sua entrada na Cayrú”.

E o direito de visita? Onde ficou?

A Cayrú ao que podemos constatar pela proposta que ficou sob malhete para ser discutida em uma Sessão Especial (Ata nº493 de 19/06/1911), vive o problema de **baixa frequência às sessões**. Tanto que no bojo da proposta transcrita datada de 12/06/1911 culmina com a petição:

“... que as sessões desta Ben.:Loj.:passem a realizar-se no edifício do Gr.:Or.:do Brasil à rua do Lavradio”.

Mudança essa que os signatários diziam ser a garantia do ressurgimento da “Cayrú”.

Assinado Amadeo Marquês, Manoel Salgado de Oliveira Guimarães, José Correa da Rocha e Eduardo Gazon”.

Realmente os ventos não estavam muito bons na Cayrú é o que podemos deduzir da leitura da Ata nº496 de 09/08/1911 quando o Segundo Vigilante Irmão Amadeo de Andrade lembra à Oficina:

“... que no dia 15 de setembro vindouro, aniversário da Loja que sempre foi comemorado com uma solenidade. Desde que havia o empenho de reerguer as colunas da Loja pensava que tal comemoração viria contribuir. Propondo que se prestigiasse no dia 15 de setembro, esse aniversário de fundação da Oficina”.

Vários apartes se sucederam entre eles destacamos:

“Como poderemos deliberar sobre a comemoração do nosso aniversário, se pende de decisão nossa o destino da Ofic. : ”.

Até que faz sentido porque conforme vimos anteriormente há pendente uma proposta para que as reuniões da Loja passem a ser realizadas na rua do Lavradio. Voltemos ao texto da Ata:

“É necessário antes de tudo deliberar sobre a permanência ou não da Ofic. : no Meyer. Se a Cayrú deliberar ir para o Poder Central não poderá haver jubilo na solenidade projetada.... É necessário retirar a guilhotina que a pretende decepar é necessário afastar de seus alicerces essa picareta com que se pretende demolir”.

A seguir o Irmão Amadeu diz que os signatários da proposta são indiferentes ao futuro da Cayrú. Aquela proposta, aprovada ou não, ficará de pé a convicção de que aquele movimento foi deliberado no propósito de contribuir para que os Irmãos da Cayrú retraídos recobrassem o ânimo e empreendessem o seu ressurgimento.

E continua:

“Se tal proposta estivesse sendo apreciada muito diria a respeito, mas não deseja protelar esta sess. :. fazendo-lhe referências. Mesmo no caso dos presentes repudia-la e ele assegurava que os seus signatários não se magoariam. Que a Cayrú volte a ser grande como foi, e seus OObr :. tenham entusiasmo, comparecendo às suas sessões e revigorando as suas colunas e estarem satisfeitos os desejos dos signatários da proposta”.

Seguem-se vários apartes....

Diz o Venerável:

“A festa projetada poderá quem sabe, comprovar que a “Cayrú” está em via de engrandecimento e de prosperidade; e se assim acontecer, certamente os signatários da proposta de mudança da sede, serão os primeiros a reconhecerem que não há motivos para insistirem nessa tentativa”.

Os apartes têm prosseguimento, tendo o Venerável declarado que:

“A proposta de transferência não está em debate”.

Ficando decidido por unanimidade que a comemoração do aniversário seria feita com toda pompa no dia 15 de setembro. Consta ainda ter dito o Primeiro Vigilante:

“A transferência de sede não significava abatimento de colunas caso único em que a Loja não poderia efetuar a solenidade de aniversário”.

Na Ata de nº498 (22/08/1911), por unanimidade, foi decidido que a festa de aniversário da Loja seria no dia 23 de setembro.

Na Ata de nº500 (06/09/1911) o Ir.:Sec.: aborda o tema discutido da última Sessão da Assembléia Geral :

“A Maçonaria agitar-se em prol dos menores e das mulheres empregadas no comércio e na indústria, promovendo-se leis garantidoras e protetoras desses deserdados da sorte”.

Verificamos que o assunto já fora largamente discutido no Cong.:.Maç.: em 1909 e que suas teses foram esquecidas no arquivo do Gr.:.Or.: sem que tivesse havido nenhum movimento em favor das questões debatidas. E concitava a Cayrú a voltar ao assunto:

“ Uma das teses discutidas em 1909 era a separação da Igreja do Estado”.

Nota: É importante esclarecer que se trata de dado histórico, simplesmente, pois a Maçonaria não prega ato contra a Igreja - seja ela de que crença for.

Seguem-se várias considerações e a Loja envidará esforços para propagar as aspirações referentes aos menores e das mulheres.

Na Ata de nº533 (26/06/1912) consta que foram **eliminados 128 (cento e vinte e oito) Irmãos** do Quadro da Cayrú (art. 173 do Reg.: Ger.: da Ord.: daquela época). Na Ata nº 1.426 de 24/04/1934 vamos encontrar registro de mais 15 (quinze) eliminados.

No dia 06/05/1914 houve uma Sessão Eleitoral na Loja Cayrú é o que encontramos quando da leitura da Ata nº 620; cujo resultado foi o seguinte:

Para Venerável

Antonio Teixeira Pinto 9 (nove) votos

João Steenhagen 6 (seis) votos

Gonçalo F. da Silva 1 (um) voto

Para Primeiro Vigilante

João Steenhagen 9 (nove) votos

Manoel Leite 4 (quatro) votos

Gonçalo F. da Silva 3 (três) votos

Para Segundo Vigilante

Gonçalo F. da Silva 8(oito) votos

Jayme Vieira 4 (quatro) votos

Luiz José Barboza 4 (quatro) votos.

Observações:

Gonçalo concorreu aos cargos de Venerável obtendo 1 voto; a Primeiro Vigilante obteve 3 votos; a Segundo Vigilante com 8 votos. Concorreu ainda a Secretário tendo obtido 1 voto. Se tal não bastasse concorreu ao cargo de Representante obtendo 12 votos.

Dando continuação à leitura daquela Ata consta que foram aclamados os ocupantes dos demais cargos.

Na Ata nº625 (17/06/1914) encontramos referência quanto ao recebimento de correspondência da Loja Aurora do Oriente comunicando ter eliminado 96 (noventa e seis) Obreiros por falta de pagamento. Bem como que a Loja Cayrú se fez representar na Posse da Ganganelli do Rio.

Registramos ainda que nesta mesma Ata encontramos escrito dando conta de ter o Venerável da Loja Cayrú comparecido, a convite do Pod. :. Gr. :. Mest. :., a uma reunião onde ficou decidido que a posse da Administração de todas as Oficinas seria no Grande Oriente do Brasil. Para falar sobre o assunto falam os Irmãos Loureiro e João Steehagem. Ficou resolvido dar a posse em nosso Templo; tendo sido proposto pelo Irmão Gonçalo que a posse seja realizada para a próxima quarta-feira. Mas a posse só se realizou no dia 12/08/1914 (conforme consta da Ata nº631) cuja Sessão foi dirigida pelo Coronel João Ferreira Ribeiro Bastos que empossa o Irmão Antonio Teixeira Pinto (quinto Venerável da nossa Centenária Loja Cayrú); ocasião em que o Orador pronuncia um bonito discurso alusivo ao ato e termina falando sobre a guerra que se desenrola na Europa na qual muitos de nossos Irmãos caem fulminados no cumprimento do dever e que nós em defesa nada podemos fazer; termina solicitando um voto de pesar por tão nefasto acontecimento que, aprovado, é depois aplaudido delirantemente pela bateria do ritual (é o que consta da Ata).

Na Ata nº633 (26/08/1914) encontramos proposta feita pelo Irmão Domingos Ribeiro solicitando providências quanto a **revisão do Regulamento Interno da Loja** a fim de melhor resolvermos os assuntos nas reuniões. O Ven.º informa que desde a Administração anterior existe uma Comissão tratando do assunto, mas que até agora nada fez. Depois de diversas ponderações foi composta outra Comissão para dar prosseguimento a organização do Regulamento Interno.

No mundo profano um cayrú é eleito para o Senado Federal. Na Ata nº648 (03/02/1915) o Irmão Gonçalo propõe que seja remetido um telegrama, em nome da Loja Cayrú, felicitando o Irmão Thomaz Cavalcante pela sua recente eleição para Senador Federal pelo Estado do Ceará.

Encontramos observação lançada à folha 72 do sétimo livro de atas, onde se lê:

“A acta nº 649 não está lavrada”. E segue-se a Ata de nº650 (10/03/1915) onde encontramos relato em que o Venerável comunica ter comparecido ao embarque do Pod.º Gr.º Mestre da Ord.º para o Norte e bem como que estava procurando dar andamento às obras na parte térrea do edifício, em virtude de proposta que tem do Dr. Fábio Luz para instalação de escolas.”

Já na Sessão do dia 24/03/1915 (Ata nº651) encontramos relato dando conta de pedido de elaboração de orçamento para **adaptar a ala direita do edifício para servir como escola.**

Rebuscando a Ata nº655 (26/05/1915) nos deparamos com os registros de mais uma eleição e a história se repete. Vejamos o resultado:

Para Venerável:

Dr. Domingos Ribeiro - 13 votos

Erico Nascimento - 1 voto

Para Primeiro Vigilante:
Antonio Teixeira Pinto - 13 votos
João Steenhagen - 1 voto
Para Segundo Vigilante:
Gonçalo Fernandes da Silva - 12 votos
João Steenhagen - 1 voto
Luiz José Barboza - 1 voto
Para Orador:
Coronel João Fonseca Ribeiro Bastos - 14 votos
Para Secretário:
Antonio Barcello - 13 votos
Antonio Correa - 1 voto
Para Representante à Assembléia Geral:
Dr. Domingos Ribeiro - 13 votos
João Steenhagen - 1 voto

A Loja no dia 28/06/1915 (Ata nº659) recebe Circular do Pod.∴ Grão-Mestre solicitando dos Irmãos desta Oficina auxílio pecuniário que for possível em benefício dos **vitimados pela seca do Norte do País**, um problema antigo que ainda hoje, em nossos, dias apesar de decorridos 100 anos é assunto muito divulgado pela mídia e cuja solução continua pendente.

Na Ata nº660 (04/08/1915) vamos encontrar registro da fala do Irmão Steenhagen lembrando sobre a necessidade da reorganização do nosso Regulamento Interno e que ele fora convidado para este trabalho que até hoje ele ainda não começou; lembra isto em virtude de ter sido procurado pelo Irmão coberto desta Oficina Octavio de Moraes Vianna pedindo que queria se regularizar por meio pecuniário que não o onerasse muito tendo em vista a crise (o grifo é nosso) que atravessa o país, para poder voltar ao trabalho desta Oficina, e que ficou sem saber o que responder; na continuação da leitura não encontramos nenhuma abordagem à fala do Irmão Steenhagen. Teria ele pregado no deserto? Fica a pergunta.

Decorridos quase um ano voltamos a nos deparar com registro dando conta do recebimento de um resumo do Regulamento enviado por um Irmão do Quadro, Ata nº 662 (12/08/1915); após sua leitura o Irmão Gonçalo propõe seja nomeada uma nova Comissão para tratar do assunto.

No dia 29/09/1915 é feita apresentação do tão falado Regulamento Interno (Ata nº667) sendo a leitura feita pelo Irmão Steenhagen. A primeira apreciação artigo por artigo é iniciada no dia 06/10/1915, ocasião em que ficou aprovado até o Artigo 24 (com emendas) é o que verificamos na Ata nº668. No dia 13/10 continua a apreciação, tendo sido encerrada a primeira parte com a leitura do Art. 63. (Ata nº671)

No dia 24/11/1915 (Ata nº675) a Loja recebe do Pod.: Ir.: Dr. Luiz Soares Horta Barboza, portador de uma pr.: da Gr.: Secret.: do Gr.: Or.: do Brasil **com amplos poderes para fiscalizar a Ben.: Loj.: Cap.: Cayrú Or.: do Meyer;** recebido com as formalidades do ritual. Na ocasião oportuna, usou da palavra o Irmão Fiscalizador pedindo da Secretaria certidão da Ata da última Iniciação e ata da sessão de hoje, cópia do Quadro de Obreiros bem como um mapa de frequências e ao Tesoureiro um balancete demonstrativo das condições em que se acham os metais da Loja.

Formigas invadem o prédio. Na Ata nº678 (15/12/1915) o Irmão Bittencourt (Sec.: da Administração passada) comunica a Oficina ter exterminado as formigas que invadiram o prédio, tendo feito gasto 6\$000 réis.

Na Ata nº 682 de 02/02/1916 consta a Loja ter recebido convite da Loja Commercio para assistir a **2ª Conferência de Medicina Prática** a ser proferida pelo Dr. Luis Oscar Romero no dia oito do corrente que é recebido com especial agrado.

Voltamos a encontrar referências abordando a necessidade do Regulamento Interno (Ata nº683 de 09/02/1916). Nesta mesma Ata encontramos registro dando conta de que o Irmão Gonçalo fora eleito Membro do Supremo Conselho do Brasil.

Consta da Ata nº686 (01/03/1916) que o tão falado Regulamento Interno se encontra com a Comissão de Redação já em fase de conclusão.

Em determinada parte do presente livro falamos sobre “a crise por que atravessa, atualmente, o nosso Brasil”. Pois bem, na Ata nº688 (12/04/1916) encontramos registro de que o Irmão Diogo Vilas estava desempregado e lutando com grandes dificuldades e em se tratando de um Irmão um assíduo frequentador da Loja, fora proposta sua dispensa de pagamentos das mensalidades em atraso até o corrente exercício.

Já estamos em maio de 1917 e para surpresa constatamos que na Sessão de 16/05/1917 (Ata nº725) encontramos registro dando conta que a Loja Cayrú recebe **uma cópia do Regimento Interno da Ben. : Loj. : Ganganelli do Rio para servir como exemplo na reforma do seu Regimento.**

Na sessão do dia 06/06/1917 (Ata nº727) o Irmão Jayme Vieira apresenta o Regimento Interno da Oficina e seu trabalho sobre o mesmo.

- Afinal como está o Estatuto da Loja?

Ao que tudo indica trata-se de um assunto ainda não definitivamente resolvido.

Em 18/07/1917 (Ata nº731) encontramos registro das palavras do Orad. : (ad hoc) Dr. Domingos Ribeiro que fala o seguinte:

*“E assim recordando o passado da Loja com alguns Fundadores já mortos que souberam ser maçons; diz ao Venerável Mestre que diante de tamanha satisfação na posse desejava que os novos eleitos elevassem a Cayrú muito alto; mais que **para elevar a***

Cayrú era preciso esquecer os erros passados, desprezar os intrusos e intrigantes. Lembra ao Ven.:. o que recebia o rei debaixo de flores, e dias depois o apedrejava e que o presente é gérmen do futuro, e que é preciso tornar-se a fictícia fraternidade em íntima confraternidade...”.

Ao que declara o Or.:.:

“Ser o passado um reflexo para o presente e que fiado no passado desta Oficina e neste sentido tem apelado aos novos empossado”.

Apesar da metáfora utilizada nos pronunciamentos e bem como as palavras que foram usadas na escrita da Ata supracitada nos induz a pensar que a Loja Cayrú atravessa por águas turvas e de são consciência não estamos fazendo tempestade em um copo d’água, pois que na leitura da Ata de 01/08/1917 encontramos registro das seguintes palavras do Venerável:

“A Loja Cayrú foi uma das LLoj.:. MMAç.:. que mais brilho teve. Os seus OObr.:. por motivos de ordem particular no mundo prof.:. afastaram-se das suas ccol.:. o que aconteceu a ele próprio, mas, que esperava e espera ver outra vez a Cayrú no seu antigo apogeu...”.

Na mesma Ata encontramos ainda:

“O Pod.:.Ir.:.Steenhagen declara não lhe caber a responsabilidade, tem feito e fará esforços para que “Cayrú” não abata as ccol.:. , deseja só o seu engrandecimento e não desanima por acreditar que em breve a nossa Loja , muito em breve se elevará...”

Na Ata nº743 (31/10/1917) a Loja envia telegrama ao Sr. Presidente da República e ao Ministro do Exterior hipotecando solidariedade pelo último **torpedeamento de navios** mercantes brasileiros pelos alemães.

A reunião do dia 23 de janeiro de 1918 não foi realizada porque **não houve o quorum** necessário (Ata nº748 de 30/01/1918).

Vez por outra há referências aos ataques que o jornal maçônico “O Ord. :” vem fazendo aos atos maçônicos de algumas Lojas. Infelizmente não há detalhes... Mas na Ata nº 754 de 03/04/1918 consta que algumas LLoj. : já se manifestaram no sentido de que seja informada a Gr·Sec·Ger·da Ord· a linguagem violenta que o jornal ataca os atos maçônicos. O Irmão Francisco do Rego Barros diz ter todos os jornais e os oferece para leitura. Por unanimidade a proposta foi aprovada.

Consta na Ata nº756 (17/04/1918):

“As eleições estarem próximas e existe dificuldade para preenchimento de todos os cargos. Tendo sido lembrado ao Ir. :. Sec. : para mandar convites aos Ir. :.”.

Na mesma ocasião é também comunicado que a Loja está em obras empreitada por 700\$000 mil réis satisfazendo a exigência da Prefeitura.

Como persistem as dificuldades para manter a escrituração da Loja no dia 22/05/1918 (Ata nº761) encontramos registro de ter o Irmão João Steenhagem proposto que a escrituração fosse feita pelo Irmão mediante uma pequena remuneração em vista suas dificuldades financeiras. A proposta é colocada em votação e aprovada por unanimidade. Fica a pergunta teria sido este o primeiro “funcionário” na função de Auxiliar da Tesouraria da Loja?

Consta na Ata nº768 de 03/07/1918 ter a Loja recebido carta da Gr.:Sec.:Ger.: da Ord.: comunicando ter feito entrega à Sociedade de Philantropia Maçonica da prancha na qual **a Loja cede seu excelente palacete para a instalação do Instituto Profissional**. Mais uma vez sugerimos ao Leitor que quiser se aprofundar nos fatos e atos históricos da nossa Loja realizar a leitura integral das Atas que sempre mencionamos e que representam um manancial inesgotável para um completo entendimento daqueles tempos. Podemos ainda verificar que:

“A instalação do Instituto Profissional nas dependências do prédio da Ana Barbosa não só é uma grande ajuda para a Loja como foi uma situação conciliatória”.(Ata nº769 de 12/06/1918).

Na mesma Ata poderemos ler as diversas cláusulas do extenso contrato assinado entre as partes. Para termos uma idéia do otimismo reinante quando da assinatura do referido contrato; reproduzimos palavras do Irmão Duarte (orador da Loja):
“... acabamos de entrar em uma nova era, e lembra para a festa de inauguração do Instituto”.

Confirmando o grande otimismo reinante na Loja encontramos na Ata nº777 de 11/09/1918 e algumas subseqüentes ampla explanação sobre a destinação dos recursos advindos daquela operação. E ao que tudo indica o rumo da Loja tinha sido corrigido.

Estamos no mês de novembro de 1918, mais precisamente na reunião do dia 30/11/1918 (Ata nº781) uma sessão especial na qual a Loja Cayrú **colocou à disposição do governo seu prédio para que ali fosse instalado um hospital**.

O fato foi amplamente divulgado em diversos jornais da época. Tendo inclusive sido ofertado ao Dr. Carlos Chagas os salões da Cayrú.

Encontramos registro das seguintes correspondências recebidas, todas referentes ao assunto supracitado:

1- da Ben.:Loj.:Cap.:Un.:Escoss.:

Enaltecendo a conduta altamente humanitária da Loja Cayrú por ter transformado o seu Templo em posto de socorro a fim de recolher e atender as vítimas da epidemia reinante.

2- da Gr.:Ben.:Loj.:Cap.: União e Tranquilidade

Congratulando-se com o gesto filantrópico e humanitário que teve a Cayrú diante da grande desgraça que encheu de luto e dor esta Capital, e felicitando pela feliz resolução, salvando com esse procedimento o nome da maçonaria que esquecida, ia sendo imolada de roldão nesta grande hecatombe humana.

3- da Ben.:Aug.:Resp.:Loj.:Cap.: Imparcialidade e Caridade

Participando que em sessão de 8 de novembro resolveu por unanimidade de seus membros fazer consignar na ata dos seus trabalhos um voto de louvor e alto regozijo pela atitude verdadeiramente maçônica tomada por essa Ben.:Loj.: Cayrú oferecendo o seu edifício para nele ser instalado um hospital, onde pudessem ser recolhidos os infelizes atacados pela epidemia de gripe que avassala esta Capital e esse gesto altamente humanitário que indiscutivelmente veio salvar a nossa Instituição de um ridículo lamentável e foi devidamente apreciado pelos Obreiros da Imparcialidade e Caridade.

A epidemia a que se refere a Ata, hoje podemos afirmar, com toda certeza foi a GRIPE ESPANHOLA.

Observações:

Em que pese o gesto altamente humanitário dos cayrús vamos constatar na leitura da Ata nº783 (18/12/1918) que foram acessas as chamadas das vaidades e este altruístico ato, levou os cayrús a revidar protestos e a ter muitos desencontros.

Já agora estamos no último mês do ano de 1918, quando na sessão do dia 11/12 (Ata nº782) chega à Loja o informe sobre a morte do Irmão Teixeira Pinto e a Loja marca uma Pompa Fúnebre a realizar-se no trigésimo dia de seu falecimento ou depois do regresso das férias maçônicas; devendo o Secretário comunicar à família o dia correto. A Pompa Fúnebre foi realizada no dia 08/02/1918 (Ata nº788) tendo comparecido representantes das Lojas: Ganganelli do Rio; Estrela do Rio; Fraternidade Italiana; Commercio; João Caetano; Amizade Fraternal; Redempção; Salomão; Sócrates; Imparcialidade e Caridade; Urias; Luz, Amor e Caridade e representante do jornal A Ord. . .

Na Ata nº842 de 04/08/1920 encontramos registro de que **a cantora Senhorita Violeta** está pronta para tomar parte na Coluna de Harmonia na posse da nova Administração da Cayrú.

Na Sessão de posse (Ata nº846 de 28/08/1920) consta ter sido solenemente **inaugurado o Pavilhão Nacional** cujo Hino Brasileiro fora cantado por um grupo de crianças e a saudação ao Pavilhão Nacional fora feita com muito brilho pela menina Eliza Vieira Raffard. Nesta mesma Ata encontramos referência que solenemente foi **inaugurado o Estandarte**.

Decorridos dois anos voltamos a encontrar pronunciamento sobre a atuação da Loja Cayrú no episódio GRIPE ESPANHOLA registrado nesta mesma Ata:

“Relembrando que a Cayrú sem vaidades marcha na vanguarda já pela criação de Escolas, bem como pelo gesto que teve por ocasião da calamitosa epidemia da gripe que transformando as dependências de seu edifício em um grande hospital, cumpriu um verdadeiro dever maçônico ato que muito concorreu para o bom nome da Maçonaria Brasileira”.

Muito já falamos sobre o Regulamento Interno da Loja. E aqui constatamos, por dedução, que ainda não ficara pronto, isto porque encontramos na Ata nº849 de 16/09/1920 o seguinte:

“Pede a palavra o Irmão João Steenhagem lembrando que pelo Decreto nº 653 temos que cuidar da elaboração do Regulamento Interno da Loja que atualmente deve estar em mãos do Irmão Rego Barros, para a continuação e terminação. E que em vista do atual Decreto devemos tomar zelo para sua conclusão”.

Encontramos registro na Ata nº850 (23/09/1920) referente ao pagamento da quantia de 450\$000 (quatrocentos e cinquenta mil réis) referente a **afinação do piano** utilizado na festa de 28 de agosto de 1920 (Posse , Inauguração do Pavilhão Nacional e do Estandarte). Encontraremos ainda mais referências ao piano na Ata nº1042 de 9/9/1925. E neste estágio poderá ser perguntado, por simples curiosidade ou não:

Onde está o piano? Onde foi parar este tão falado piano? A resposta foi encontrada quando da leitura da Ata nº 1.541 de 08/09/1936 diante do seguinte relato:

*“O Venerável informa haver providenciado com relação **ao aluguel do piano**, sobre a coluna de harmonia e confecção do programa musical”.*

Que um piano esteve presente em diversas solenidades é um fato incontestável pelo relato das Atas. Entretanto a Ata nº1.541 esclarece, definitivamente, o grande mistério sobre o piano: era alugado. A Loja nunca foi “proprietária” do citado instrumento musical.

Vamos encontrar registro na Ata nº852 de 07/10/1920 dando conta ter a Loja recebido o aluguel do mês de setembro da **Oficina de Impressão** mantida pelo Gr.: Or.:.

Observações:

Na leitura da Ata nº 856, de 04/11/1920, encontraremos maiores comentários quanto as “OFICINAS GRÁFICAS” existentes nas

dependências da Loja cujo contrato de locação fora celebrado entre o Grande Oriente e a Loja Cayrú.

No dia 30/08/2000 quando da visita à Loja União Escosseza nº105, Sessão Comemorativa do 155º aniversário de fundação, o Irmão Reinaldo Pinto Rabelo apresentou uma peça de arquitetura que entre outros tópicos abordados trouxe à baila a “Oficina Gráfica da Escola Profissional Maçônica José Bonifácio”.

Confesso que fiquei surpreso e dias depois com ele mantive contato. O Irmão Reinaldo disse ter obtido as informações com o Historiador Maçônico e Numismata Kurt Prober que também vem a ser o idealizador da Medalha do Centenário da Loja Cayrú. Aproveito a oportunidade para tornar público os sinceros agradecimentos ao Irmão e Amigo Kurt Prober a quem recorri para completar algumas informações ou até mesmo para esclarecer dúvidas de fatos encontrados nas pesquisas realizadas nos livros de Atas da Loja Cayrú. Abaixo transcrevemos as palavras do Irmão Reinaldo:

“Mas quase esquecia de mencionar um acontecimento muito interessante do ano de 1916. Tão bom era o estado patrimonial da Oficina (no caso da União Escosseza) que resolveu elaborar um plano para a Instalação de uma Escola Primária e de uma Tipografia, para isto aprovando em 17/03/1916 um plano para levantar um empréstimo de R\$30:000\$000 entre os Obreiros e as demais Lojas, emitindo 600 ações de 50\$000, dando juros de 7%. A proposta foi feita pelos Irmãos Hugo Martins Ferreira, Joaquim Dias de Almeida, Vistorino Pereira de Souza e Salamon Pacual e acabou sendo aprovada em Sessão da Loja União Escosseza de 17-3-1916, aprovada pelo Ven.: Ir.: Antonio Cinelli, em

face do parecer da respectiva comissão que examinou o plano (Boletim GOB de 1916 pág. 235/236). A parte que dizia respeito à Escola, foi autorizada pelo Conselho Geral da Ordem em Sessão de 5/4/1916, podendo ser incorporada ao Regimento Interno da Loja a “Escola Hiram” fundada em 10/11/1915 e na página 283/285 são relacionados, nominalmente, os Irmãos da Loja Escosseza, 27 (vinte e sete) ao todo, que votaram por unanimidade a fundação. Quero acreditar que a Escola tenha sido de fato fundada e que tenha funcionado apesar dos poucos registros abordando a instalação da Oficina Tipográfica. Paralelamente não nos deparamos com o assunto Empréstimo, cuja autorização teria sido dada pelo GOB, e não havendo dinheiro, nem se poderia cogitar do assunto. Além disto, contrariava este plano com os desejos do GOB, que pretendia, ele mesmo instalar, como de fato mais tarde veio ocorrer (creio que foi em maio de 1919) a Oficina Gráfica da Escola Profissional Maçônica “José Bonifácio” na rua Ana Barbosa, 16 (Méier), no prédio da Loja Cayrú. Aliás, de passagem se diga, que já em maio de 1916 se estava estudando a compra da antiga Tipografia da viúva do Irmão João Paulo Hidebrandt, negócio que na ocasião se desfez”.

A leitura de diversas Atas não tornou possível esclarecer, com a devida precisão, a data do fechamento da tal Escola. Entretanto fica a certeza que existiu no prédio da Loja Cayrú uma Oficina Tipográfica onde foi impresso, em 1923, o “APELO” (referente a concessão de anistia ampla a todos quantos se viram envolvidos nos acontecimentos revolucionários de Julho/1922).

PERÍODO 1921 - 1930

Anteriormente relatamos o fato de que o jornal “A Ord. :” fora criticado pela Loja pela sua posição de crítico da Maçonaria. Pois bem, vamos encontrar na Ata nº886 (18/8/1921) ter sido submetido ao plenário: “**a proibição da entrada na Loja Cayrú do jornal A Ord. :**”, pois que tal proibição já existia no Pod. : Central. Proposta aprovada por unanimidade.

A Loja transfere o dia de reuniões na Ata nº891 de 15/10/1921 as reuniões da Cayrú que eram feitas nas 5as. feiras voltam a ser feitas às 4as. feiras.

Por diversas ocasiões falamos da **intervenção da Loja para a solução de problemas de Irmãos do Quadro**. Pois bem, na Ata nº949 de 09/05/1923, encontramos registro de ter o Irmão Comandante Mesquita solicitado uma prancha de recomendação ao Pod. : Ir. : Gr. : Secr. : Geral da Ord. : com a finalidade de que a maçonaria intercedesse a favor do mesmo, na reintegração do cargo de Comandante do Lloyd Brasileiro. A proposta foi colocada em votação e a prancha deveria ser assinada pelas LLuz. :. Não encontramos outros relatos abordando o assunto.

Estamos agora iniciando pesquisar o mês de setembro de 1923 nos deparamos com uma longa Ata nº966 (5/9), onde consta:

“Indicação

Considerando-se:

1) que a Maçonaria não deve ser indiferente a sorte dos militares - filhos da mesma Pátria;

2) que se acham envolvidos em processo tumultuoso, por motivo dos acontecimentos de julho do ano próximo findo; considerando que a maçonaria, sem intervir em questões políticas, faria obra de patriotismo e de fraternidade, empenhando-se em restabelecer a ordem constitucional, prestigiar

a autoridade constituída e levar a tranqüilidade no seio da família brasileira;

3) que o fulgurante passado de grandes e audaciosas realizações da Maçonaria, reclama desta Benemérita Instituição o esforço e a colaboração de todos seus membros para a grandeza geral da Ordem e para a solução de importante problema que interessam à família, a sociedade e ao país;

4) que para se tornar eficiente esse sublime ideal é absolutamente indispensável exigir que os Maçons penetrem no mundo profano para fazer sentir sua influência pelos meios que a prudência aconselhar.

INDICO:

a) que seja enviado ao Exmo. Sr. Presidente da República e em nome da Benemérita “CAYRÚ” o apelo que acompanha esta indicação, pedindo nesta data a volta dos ex-alunos da Escola Militar e a concessão de anistia ampla para todos os brasileiros envolvidos nos acontecimentos sediciosos de 1922;

b) que seja remetido aos Maçons de São Paulo uma cópia do apelo dirigido por esta Ben.:Loj.:..

(Cópia do Manifesto colocado no Museu da Loja Cayrú - Ata de 07/12/1999)

Desde o início da transcrição das informações encontradas nas Atas temos nos pautado na máxima de que:

“A História foi feita para ser narrada:

seus vultos, seus partícipes e seus acontecimentos”.

Não vamos transcrever a íntegra daquele “APELO” (no qual a Loja pede a concessão de anistia ampla a todos quantos se viram envolvidos nos acontecimentos revolucionários de Julho de 1922) impresso pela Escola Profissional Maçônica José Bonifácio - Rio de Janeiro - 1923, tendo em vista o mesmo conter 40 (quarenta) páginas. Vamos nos limitar a fazer o seguinte comentário:

Uma vez entregue ao Sr. Presidente da República a Loja deliberou colher assinaturas para igual documento em cópia, destinando-o, porém, ao Sr. Dr. Presidente do Estado de São Paulo. Graças aos esforços dos Maçons da Loja Cayrú, dentro de alguns dias esse

último documento contava cerca de 4.000 (quatro mil) assinaturas. O assunto foi noticiado nos jornais, tendo os católicos deliberado trabalhar também em prol do restabelecimento da paz no seio da família republicana. Consta que aqueles católicos entregaram a V. Exa. Reverendíssima Arcebispo do Rio de Janeiro um documento contendo referências a ação da Benemerita Cayrú:

“Agora mesmo V.Exa. Reverendíssima deve ter lido nos jornais que os Maçons, cujo valimento religioso é nenhum, procuraram o Sr. Presidente da República, que os recebeu, e a quem pediram solução em favor do bem coletivo, propondo uma anistia pacificadora geral, que retornasse numa só família e grande comunidade brasileira”.

Se o Leitor assim o desejar a Loja dispõe de cópia para leitura.

Vamos constatar na leitura da Ata nº973 de 18/10/1923 que a Loja Cayrú interferiu naquela data, através do Grão-Mestrado, quando o Congresso Nacional apreciou o **PROJETO DE LEI CONTRA A IMPRENSA**.

Consta ter chegado ao Altar uma declaração assinada pelo Irmão Oscar Pimentel da qual transcrevemos algumas partes para que o Leitor tenha uma idéia dos ânimos daquela Sessão:

“Posso, entretanto, afiançar que há referências:... contra todo despotismo... liberdade de consciência... guerra contra esse ato jurídico que foi gerado pela inconsciência brutal de uma acidental maioria parlamentar escravizada aos caprichos antidemocráticos, anticonstitucionais, antipatrióticos, anti-sociais, antimaçônicos do Poder Executivo... e que na última hipótese quais as medidas aconselháveis as Oficinas, para execução de um plano de guerra que deverá ter como objetivo principal - revogar-se e tornar de nenhum efeito o decreto que vier designar a chamada lei contra a imprensa”.

As discussões não ficam restritas a esta Sessão e vamos encontrar outros relatos nas Atas nºs. 976, 977, 978 respectivamente de 17/11/1923, 4/11/1923, 21/11/1930

quando ainda são feitas referências ao APELO encabeçado pela Loja em favor dos 588 militares no movimento de 5 de julho que deixamos de transcrever.

A Loja Cayrú sempre teve Irmãos nas mais diversas ocupações no mundo profano e vamos encontrar na Ata nº982 (12/03/1924), o registro das seguintes palavras do Irmão D. Abílio Maia, quando:

“... oferece os seus préstimos em Paris para onde regressaria ou em Bruxelas onde tem seus negócios comerciais”.

Na Ata nº 983 de 16/03/1924 encontramos referência a convite recebido pela Loja:

**Para lançamento da pedra fundamental do
Orfanato Maçônico do Grande Oriente do Brasil.**

O Irmão Jayme Vieira na Sessão de 11/06/1924 (Ata nº990) propõe que **a Loja Cayrú mude de Rito**, isto é, do R.:E.:A.:A.: para o Moderno por entender que o novo Rito estaria mais adequado aos sentimentos liberais de quase todos os “Cayrús”, sendo muito aplaudido. O Venerável convoca Sessão Extraordinária para deliberar; o que foi feito no dia 16/6/1924 (Ata nº 991) vários Irmãos fizeram uso da palavra... A matéria foi colocada em votação, tendo sido aprovada a mudança para o Rito Moderno.

Na Ata nº1076 (16/11/1926) vamos encontrar registro de ter sido realizada uma Iniciação na qual os Profanos foram recebidos como Aprendizes Maçons do R.:E.:A.:A.: e na Ata nº1077 (23/11/1926), encontramos que a Loja Cayrú, **para retornar ao R.:E.:A.:A.:**, valeu-se do disposto no “Tratado” firmado entre o Grande Oriente do Brasil e o Soberano e Superior Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: que estabeleceu novas instruções e nova regulamentação.

Banco de Crédito Maçônico. A Ata nº1090, de 22/03/1927, fornece explicações da formação na Praça do Rio de Janeiro de um Banco Maçônico. A Loja recebeu prospectos e estatutos do mesmo bem como 3 (três) ações para serem subscritas pela Loja ou por algum Irmão. Entretanto, não encontramos registros sobre o avanço de tal empreendimento.

Na Ata nº 1.100 (31/05/1927) encontramos relato de ter a Cayrú recebido prancha da Loja Independência e Luz, da cidade Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro sugerindo que diante dos fatos referentes a anistia ampla a todos os civis e militares para que remetesse **correspondência ao Senhor General de Brigada Flores da Cunha - Deputado Federal pelo Estado do Rio Grande do Sul** - pelo gesto altamente patriótico e humano do mesmo na Câmara dos Deputados, no discurso que pronunciara a favor da anistia ampla como único elemento de pacificação do país de Norte a Sul. E na Ata nº 1.101 constatamos que a Cayrú enviara apelo a todas as Lojas solicitando o concurso de todas em prol da decretação da anistia ampla de todos os civis e militares, que de modo direto ou indiretamente se envolveram nos acontecimentos revolucionários do país de 1922 e até a presente data, isto é, 07/06/1927 nada fora resolvido.

Na Ata nº1.110 (09/08/1927) nos fornece as palavras de um Irmão alertando para o fato de que nenhum Candidato seja admitido sem que esteja **devidamente aparelhada a Cam. : das RReflex** :. conforme determina a lei.

Finalmente na Ata nº1.111 (16/08/1927) encontramos relatado ter sido **aprovado o Regulamento Interno da Loja**. Observando-se que o livro de Atas foi levado ao Cartório Teffé - **Registro de Títulos de Documentos somente 18 de fevereiro de 1939 (É o que consta dos vários carimbos).**

Muito escutamos falar sobre o Irmão General Dr. José Maria Moreira Guimarães “o poeta”. Entretanto, na Ata nº 1.112 de 23/08/1927 verifica-se ter sido ele, carinhosamente, chamado de “**Rouxinol da Maçonaria**”.

O LIVRO DE ASSENTAMENTOS fica pronto em cumprimento ao Reg.: Ger.: da Ordem, um livro contendo os Obreiros desde a Fundação da Loja, bem como o Livro Negro (Ata nº 1.140, de 27/03/1928).

A questão agora é a situação legal e legítima do Gr.: Or.: e o Sup.: Cons.: do Brasil - Vale do Lavradio que desde 1827 da era vulgar é mundialmente reconhecido com única potência maçônica entre nós no Brasil. Tudo em função do **incidente ocorrido no Congresso Internacional Maçônico** realizada em Paris quando naquele Congresso “houve abstenção para examinar a documentação apresentada abordando o assunto Gr.: Or.: e o Sup.: Cons.: do Brasil.:”. É o que consta da Ata nº 1.200 de 4/6/1929 quando a Loja Cayrú remete ao Gr.: Mestre Dr. Octavio Kelly uma prancha externando os votos de inteira e absoluta solidariedade.

Tradição na Ata nº 1. 202 (18/06/1929) vamos encontrar relato de que, mais uma vez, a Loja Cayrú decidi que não se quebrasse “a sua tradição de empossar a sua nova Administração em próprio Templo”. Proposta colocada em votação e aprovada por unanimidade.

Noventa e seis (96) Irmãos são eliminados da Loja Cayrú por se encontrarem em atraso com suas contribuições. (Ata nº 1.213 (03/09/1929).

Bem comemorar a data de sua fundação parece ser uma tradição da Loja Cayrú.

Nos deparamos com a proposta referente às comemorações do 28º Aniversário de Fundação, onde na Ata nº 1.213 (03/09/1929) se lê:

“... que se fizesse no dia 15 do corrente uma Sessão Magna Branca... autorizando a Administração despender o necessário para a festa e organizar um programa”.

Naquela ocasião foi composta uma Comissão para auxiliar a Administração nas Festividades, composta pelos Irmãos Octavio Baptista, Cid Miranda, Ovídio, General Bonfim e Silva, José Azevedo e Lucio Lopes Araújo.

A Sessão foi realizada no dia 15/09/1929 (Ata nº1.215) e destacamos os seguintes itens da programação: - Abertura da Sessão - Recepção aos Visitantes - Recepção às Altas Autoridades da Ord.: - Hino Maçônico - Discurso do Orador - Distribuição de Flores - Música executada pelas Cunhadas e Lowtons.

Herói ou vilão? Consta da Ata nº 1.256 (12/08/1930) que ao Irmão Vallido fora enviada uma carta perguntando sobre suas ausências.

Para surpresa da Loja o Irmão responde com:

“Um pedido de Quite-placet”.

Entretanto, antes de ser colocado em votação, um dos Irmãos presentes aquela sessão propõe seja concedido o Título de Membro Honorário ao Irmão em gratidão e recompensa pelos relevantes serviços prestados à Loja.

Tal proposta colocada em votação foi reprovada, tendo sido concedido o quite-placet ao Irmão Vallido dos Santos por falta de pagamento com os metais da Loja.

Na Ata nº1.258 de 26/08/1930 quando se discutia a programação relativa ao programa comemorativo do 29º Aniversário de Fundação da Loja vamos encontrar relato dando conta de que um Irmão diz que: ***“A Cayrú erra ao permitir a entrada de profanos em seu Templo”.***

Usando a palavra o Orador diz que:

“As posições daquele Irmão a respeito do assunto - Profanos entrar em Loja - já eram bastantes conhecidas. E que a Maçonaria necessita sair da apatia em que vive e partir para uma propaganda inteligente e sistemática divulgando a grandeza dos seus ensinamentos e nobreza dos seus ideais”.

O Venerável Mestre pede a palavra e diz:

“Que a questão somente será resolvida depois de ouvida a opinião do Gr.:Mestr.: e conclui pedindo o adiamento”.

Na Ata nº 1.260 (09/09/1930) encontramos registro dando conta ter o Venerável Mestre feito consulta ao Sob.:Gr.:Mestr.: sobre o assunto, tendo recebido como resposta: “não ser possível realizarmos a festa de aniversário em presença de Profanos assim podem com segurança decidir se a Sessão será Magna Maçônica ou Solene Branca. *O comentário é nosso*: observamos falta de entendimento sobre matéria maçônica. Mas acredito, hoje, não existir dúvidas quanto ao que seja uma Sessão Magna e uma Solene Branca.

A Loja é ignorada? Conforme vários relatos encontrados a Loja Cayrú sempre tomou posição firme e decisiva em vários episódios no mundo maçônico e profano. Na Ata nº1262 (23/09/1930) encontramos relato dando conta da mudança da Constituição do Grande Oriente e que a Loja não recebera o novo exemplar o Irmão Orador pede a palavra e diz o seguinte: **“De sã consciência deveríamos agir de acordo com a antiga constituição, pois parece que vivemos mesmo em outro mundo, pois nem sequer a p.:s.: nos remeteram ainda, mas se assim procedermos corremos o risco de sermos taxados de revoltosos e propõe que o Secretário remeta uma solicitação ao Grande Secretário pedindo que nos envie um exemplar da Nova Constituição para que possamos funcionar”.**

Vamos constatar pela leitura de algumas Atas (1.284, 1.285 e 1.286) ter sido introduzido o ensino religioso nas Escolas Públicas e que diversos Irmãos da Cayrú se posicionaram contra, resultando em uma controvertida prancha da Loja União Escosseza nº105, não muito bem recebida pela Cayrú, o protesto fora interno e que a Cayrú não censuraria Loja nenhuma por ser contrária às suas deliberações. Este assunto ainda seria alvo das discussões nas Atas nºs 1.287 e 1.289.

PERÍODO 1931 - 1940

Estamos na Ata nº 1.301(15/9/1931) que relata os acontecimentos referentes às comemorações do 30º Aniversário de Fundação da Cayrú entre os quais destacamos: execução de diversas músicas ao solo de piano, flauta e violino (Verdi, Puccini, Liszt, Beethoven). Distribuição de bombons e flores para as Senhoras e Senhoritas presentes. Após a Sessão, foi servida lauta mesa de doces, água mineral e outras bebidas.

Na Ata nº 1.302 (22/9/1931) é proposto um voto de louvor aos Irmãos da Comissão Organizadora da Festa. Lamentando-se apenas o fato que há muito vem sendo observado de alguns avançarem no buffet antes das senhoras.

Doando terreno na Ata nº 1.308 de 17/11/1931 encontramos registro de correspondência recebida da Loja Independência II comunicando que em 4/3/1931 fora lavrada às fls. 66v no livro 209 do Tabelião Lino Fonseca a escritura de doação feita pelo Irmão José Antônio Guimarães do terreno da rua do Souto nº 117 - Cascadura - onde está em construção o Templo.

Consta da Ata nº 1.456 (13/11/1934) uma proposta que tem por escopo “**despertar a fé maçônica dos vencidos**”; a proposta foi aprovada por unanimidade e a Loja, por meio de listas, deverá angariar donativos para serem distribuídos no dia 25 de Dezembro aos necessitados: gêneros alimentícios de primeira necessidade e caso a arrecadação ultrapasse 1:000\$000 (um conto de réis) que sejam adquiridos roupas e sapatos para as crianças.

E na Ata sem número da Sessão Especial realizada no dia 25/12/1934 vamos encontrar registro dando conta de que o **produto da campanha**: 500 peças de vestuário, calçados, arroz, feijão, açúcar, café e massas, tendo sido atendidas 200 pessoas.

E finalmente na Ata nº 1.464 de 22/1/1935 encontramos na prestação de contas a quantia 3:491\$000 como importância total arrecadada. E aqui fazemos um comentário:

“Conforme constatamos a Campanha foi um SUCESSO, superando a previsão de 1:000\$000”.

A nossa Loja Cayrú sempre se manteve alerta ao que parece ter sido ser um problema crucial daquela época: *assistência social*. Corroborando com tal afirmativa ainda na Ata nº 1.464 encontramos registro sobre a criação de uma **Caixa de Socorros Sociais** que recebera o nome de Visconde de Cayrú.

Os principais fins da Caixa: - socorrer em primeiro lugar viúvas desamparadas, com filhos menores, famílias cujos chefes estejam privados do seu convívio por motivos diversos e ainda maçons chefes de família, cuja situação de penúria seja realmente reconhecida pela Comissão de Sindicância da Caixa.

Não vamos transcrever todos os artigos, mas o quarto artigo merece ser aqui transcrito por conter em seu bojo uma abertura para a participação da mulher:

“Será fundado, imediatamente, uma vez aprovada a presente proposta um Departamento Feminino”.

Na Ata sem número datada de 5/2/1935 vamos encontrar referências de ter sido realizado no pavimento térreo um BANQUETE RITUALÍSTICO.

Mais uma vez encontramos **proposta para mudança dos dias das sessões para quarta-feira** desta vez pela Ata nº 1.490 (6/08/1935) que, depois de apreciada pelo plenário, foi rejeitada. Entretanto os interessados não se deram por satisfeitos e eis que no dia 27/8/1935 (Ata nº 1.493) apesar de ser matéria passada e vencida; o Irmão Orador solicita que seja posta, novamente, a proposta em votação que é rejeitada por maioria.

Aproxima-se mais um 15 de setembro e na Loja começam os preparativos para o evento que segundo registro na Ata mencionada

no parágrafo anterior deve ter toda pompa “para não fugir as tradições da Loja”. Na Ata nº 1.496 (15/09/1935) vamos encontrar relatos detalhados sobre a Festa do 34º Aniversário de Fundação da Cayrú, entre os quais podemos registrar os seguintes: Ingresso dos familiares; Recepção aos visitantes e Autoridades Maçônicas; Homenagem aos Irmãos passados para o Or.: Eterno; Execução de música; Distribuição de flores e bombons; Discurso do Grão-Mestre Gen. Dr. José Maria Moreira Guimarães; Inauguração do retrato do saudoso Irmão João Stenhagem e finalmente foi servido um buffet.

A Cayrú no Natal de 1935... Na Ata nº 1.502 (29/10/1935) consta ter sido lançada uma Campanha com vista a arrecadar recursos para a Festa de Natal “em favor dos pobres”.

Na Ata nº 1.510 (27/01/1936) encontramos relato dando conta de que foram distribuídos 230 pacotes de gêneros com 9 quilos cada; 567 roupinhas para crianças; 336 pares de sapatos; 200 peças de roupas brancas; brinquedos; 600 pacotes de balas; 700 sanduíches e 1\$000 (um mil réis) em dinheiro para cada portador de cartão. E na Ata nº 1.515 de 11/02/1936 a Comissão do evento apresenta balancete dando conta de uma receita de 4:424\$700 (quatro contos e tantos...) muito dinheiro naquela época (*o grifo é nosso*).

Declarado o “Estado de Guerra” a Cayrú faz consulta ao Soberano Grão Mestre a respeito do assunto e recebe orientação para que os trabalhos não ultrapassem às 22 horas. Vamos constatar que as Sessões de nºs 1.522 e 1.523 não foram realizadas por falta de quorum; e que na Sessão do dia 28/04/1936 as preocupações com o “Estado de Guerra” continuam a fazer parte dos debates e/ou preocupações em Loja.

Encontramos relato na Ata nº 1.543 (22/09/1936) que a Loja aquela época instituiu **três prêmios a serem concedidos a alunos da Escola Visconde do Cayrú.**

Na Ata nº 1.699 (29/10/1940) a Loja, ao que indica, mais uma vez enceta esforços no sentido de reformar o Estatuto de maneira a alterar a distribuição da receita e despesa gerais com vista a determinar um limite nas despesas gerais para que seja feito um FUNDO DE RESERVA e outro de BENEFICÊNCIA.

PERÍODO 1941 - 1950

Na Ata nº 1.628 (22/7/1941) encontramos registro das palavras de um Irmão abordando a substituição do atual edifício da Loja por um outro com melhores acomodações. Como já externamos em diversas outras oportunidades “Patrimônio” sempre foi uma temática que vez por outra vinha à baila na Loja apesar dos momentos difíceis. E, ponderados os tempos, não é muito diferente da atual.

A Sessão Comemorativa do **40º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú** segundo registros encontrados na Ata, dão conta de ter sido bastante movimentada, tendo contado com as seguintes presenças, além dos visitantes Profanos:

1) Representantes das seguintes Lojas

Paz e Amor; União Iguassuú; Brasil; Fratellanza Italiana; Esperança de Nicteroy; Estrela do Rio; João Caetano; Prudência e Amor; Luiz de Camões; União Escosseza; Redenção; Amor ao Trabalho; Ganganelli do Rio; 18 de Julho; Independência II; Olegário Maciel; Vigilância; Evolução; Liberdade, Igualdade e Fraternidade; Esperança; Cruzeiro Fluminense; Acácia; Fraternidade Campista; Dous de Dezembro; Henrique Valladares; Luzitania;

2) Membros do Conclave do Rito Brasileiro;

3) incorporada a Loja Guanabara do Oriente de Rio Bonito; 4) do Grão-Mestre Geral.

Uma Solenidade bastante concorrida; após o encerramento dos trabalhos todos foram conduzidos ao Salão de Festas onde foram servidas bebidas e doces, seguindo-se um animado baile que se prolongou até às 24 horas que, conforme podemos verificar na Ata, contou também com a presença da Esposa do Grão-Mestre Geral.

Em várias partes deste Livro abordamos o assunto “obras” ou “reconstrução do edifício”.

Ao que tudo indica pelos registros encontrados na Ata nº 1.741 (11/11/1941) o assunto volta a ser motivo de longas apreciações:

“... a intenção de transformar o atual edifício desta Loja numa construção moderna”.

O que nos leva a deduzir que as obras anteriormente realizadas foram “preventivas ou corretivas” mas nunca com transformações patrimoniais radicais.

Aliás, a problemática continua...

Sem ter sido encontrada solução...

É o que constatamos quando da leitura da Ata da Sessão Econômica realizada no dia 4 de agosto de 1942, onde se lê:

“... fica outorgado ao Pod.:Ir.: Cid Miranda plenos poderes no sentido de prosseguir nas demarches necessárias visando alcançar a solução do problema da construção do novo edifício”.

No capítulo “Patrimônio” por várias vezes abordamos a situação financeira da Loja, pois bem na Ata da Sessão de Finanças realizada no dia 22/7/1942 vamos encontrar o seguinte registro:

Movimento no exercício 1941/1942

| | |
|----------|-------------|
| Receitas | 13:548\$000 |
| Despesas | 9:919\$800 |
| Saldo | 3:823\$200 |

De onde depreende-se que a Loja encontra-se realmente com as finanças equilibradas.

Uma questão antiga: **“Flagelados do Nordeste”**. Na Ata da Sessão Econômica de 11/08/1942, consta ter a Cayrú recebido correspondência da Loja Capitular 24 de Junho do Oriente de Mossoró solicitando remessa de auxílio em favor da população de

flagelados que vindos do interior afluem à cidade de Mossoró. A Loja depois de várias considerações decide pela remessa de 100\$000 (cem mil réis) e por proposta subsequente fica acertada, isto é, aprovada a remessa de 200\$000 (duzentos mil réis). E mais uma vez fazemos uma interferência para chamar atenção de que estamos no ano 2001.. Cinquenta e nove anos se passaram... Entramos na sociedade da informação e atônicos constatamos que os problemas do flagelo no nordeste continuam, parece que o Estado tornou-se pequeno demais para enfrentar as grandes questões e grande demais para enfrentar as pequenas questões, locais e sociais. Assistimos a globalização tida como a panacéia salvadora... E de outro lado, infelizmente, verificamos a sociedade se desintegrando... Assistimos uma crise que, se deixada à sua própria sorte, terá o destino previsível: a desintegração e o caos. É entendimento praticamente consensual o diagnóstico no sentido de que o nosso País vive uma profunda crise de ordem quer de ética quer de moral. O leitor poderá dizer que estamos sendo catastrofista; responderemos que não, considerando-se o registro encontrado na Ata de 20/06/2000 onde se lê: “...o pior agora é que o povo está perdendo as esperanças, tranquilidade, paciência, nós estamos à beira do caos, temos que refletir sobre o que estamos passando”. E ainda na Ata de 25/07/2000 encontramos registro do seguinte pronunciamento: “... a exemplo dos outros Irmãos, elogiou os trabalhos, porém se diz desprovido de capacidade apocalíptica acumulativa, a história mostra que todas as sociedades cresceram, progrediram e sucumbiram: Roma, Grécia, etc... o que nos falta na realidade é a religiosidade. Temos que retroceder e nos apegarmos aos valores religiosos; apesar do medo, acredito no progresso”.

Pela observação dos noticiários veiculados nos meios de comunicação - pontificam-se mazelas e desvios de ordem econômica, social, psicológica, cultural e jurídica. Pessoas desviam e corrompem suas noções quanto ao que é bom ou mau (portanto, crise moral) e, em seguida, criam a disfunção em seus

conceitos sobre o que é e o que não é importante (dai advindo a crise ética); até parece que as elites políticas, econômicas e sociais fazem compromisso no vácuo ou no quanto pior melhor. Como brasileiro como maçom e me incluindo no rol das pessoas possuidora de um certo grau de esclarecimento, uma inquietação invade e desafia o meu raciocínio:

Será este um problema de incompetência gerencial ou realmente é um problema insolúvel?

Se não podemos confiar nos valores que devem guiar a relação com outros indivíduos, escorregamos, inevitavelmente, para aquilo que o filósofo Hegel, no início do Século XIX, chamou de “o reino animal do espírito”. O indivíduo chega a ser absolutamente cético se isola, seu espírito fica emparedado, não mantém nenhum intercâmbio efetivo com os outros, não aprende nem ensina coisa alguma. Não recebe nem ensina nada aos demais. Não partilha experiências nem conhecimentos com ninguém. Pior do que o pessimismo é o falso otimismo, porque cria e frustra expectativas que podem assim alavancar um pessimismo muito maior. O assunto tem cunho político... E dependendo do enfoque é polêmico... Em sendo político, seu trato é proibido pelas leis maçônicas... Sendo polêmico foge ao sentido do presente Livro... Muito embora de resto fique a sensação de um ônibus disparado em uma estrada sinuosa e um cidadão comenta com outro passageiro: o motorista parece bêbado ou doido. O outro retruca: Para mim está tudo bem contanto que não durma ao volante... Será que esquecemos o que seja cidadania? Será que nos resta tão somente esperar?

Coincidência ou não acabo de ler:

Quem Tem Medo de 2001 ?

Autor: Luiz Marins, Ph.D.

“O ano de 2000 não foi tão ruim quanto faziam crer os analistas de janeiro. O desemprego diminuiu, a inflação segundo a FIPE foi de 4,6%, e até os índices de criminalidade baixaram um pouquinho. O censo mostrou um país mais justo, com mais de 96% das crianças de 07 a 14 anos na escola e pequeno aumento nos índices de equipamentos urbanos de saneamento e saúde. Terminamos o ano sendo o quinto país do mundo em telefones fixos instalados. Do ponto de vista de investimentos externos, o Brasil nunca recebeu tantos investimentos diretos.”

Agora é hora de passarmos de uma consciência ingênua para uma consciência crítica sobre o nosso país (*o grifo é nosso*). E fico a me perguntar: Até quando continuaremos exercitando em gênero, número e grau a máxima: “Brasileiro profissão esperança”. É preciso que saiba quem nasceu depois: durante os negros dias em que pairavam sobre as nossas cabeças os desdobramentos daquilo por uns denominado de “revolução de 31 de março”e, por tantos outros de “golpe militar de primeiro de abril”, naqueles tempos fomos submetidos a rígida censura. É preciso que saibam que não é. Nunca foi. Jamais será um regime de exceção melhor do que as atuais Instituições. Porque do atual podemos falar e algum dia quem sabe, melhorá-lo com nosso voto.

Voltemos à pesquisa. Na Ata de 15/9/1942 consta ter a Loja alugado um **Camarote no Teatro João Caetano** para um espetáculo em benefício do Instituto Conselheiro Macedo Soares. Interessante atentarmos para a data supracitada (Fundação da Loja) porque constatamos que neste mesmo dia também foi realizada a Sessão Magna Comemorativa do 41º Aniversário onde a tônica dos pronunciamentos foi a fala do Grão-Mestre Geral, de onde destacamos o seguinte trecho:

“...o Grão-Mestre Geral da Ordem dirigiu mensagem ao Presidente da República expondo com muita justeza e entusiasmo a posição da Maçonaria em face da Guerra que foi imposta ao nosso país pelas potências ...”

Seguido dos mais calorosos pronunciamentos concernentes a “tragédia que vem se desenrolando na Europa... o requinte de barbarismo... ceifando centenas de vidas”.

Na Ata de 23/02/1943 vamos encontrar relato dando conta do funcionamento de um **Centro Espírita na ala esquerda do prédio.**

“Bônus de Guerra” consta da Ata de 16/08/1943 ter a Loja Cayrú adquirido CR\$1.000,00 (mil cruzeiros) do referido bônus. No esforço de guerra consta ainda que a **Loja Cayrú contribuiu na coleta de metais feitas pelo Grande Oriente do Brasil no sentido de ofertar ao Governo Brasileiro um avião.** (Cópia de um original do Bônus no capítulo “Recordatório”; um exemplar recolhido ao Museu da Loja Cayrú)

Apesar da Guerra Mundial, a Loja prossegue normalmente com os seus trabalhos e vamos encontrar na Ata de 20/1/1944 o registro de um **voto de contentamento pela invasão da Europa pelas Forças Aliadas.**

A Cayrú continua acompanhando o desenrolar dos acontecimentos... Na Ata de 25/6/1944 vamos encontrar registro de um **voto de congratulações pelo desembarque da Força Expedicionária Brasileira em solo Europeu**, na Itália, onde lutará ao lado dos valorosos exércitos aliados contra os inimigos da liberdade e da justiça.

Na Ata de 14/8/1945 encontramos pronunciamentos alusivos ao **término da guerra** e no final dos trabalhos todos de pé dedicaram um minuto de silêncio ao G.:A.:D.:U.: pela volta da paz na Terra.

Membro da Cayrú fez parte do contingente da FEB no (2º Escalão)...

Na Ata de 28/8/1945 encontramos registro de homenagem prestada ao Segundo-Tenente Raimundo Cavalcante da Silva - Membro da Loja Cayrú- recebendo homenagem por participação ativa nos campos de batalha da península italiana na defesa dos sagrados direitos dos homens livres na Terra. Esta proposta foi aprovada por unanimidade e indicada uma Comissão com a finalidade de procurá-lo e convidá-lo a comparecer no dia 16/9 quando será homenageado. Na Sessão de 16/9 coube ao Ven. : Mestre da Loja Duque de Caxias II saudar o homenageado (Irmão Raimundo Cavalcante da Silva) bem como entregar uma belíssima cesta de flores a Exma. Esposa do Irmão em questão.

Ata da Sessão Magna Comemorativa da passagem do 45º Aniversário de Fundação realizada no dia 15/9/1946...

Consta ter sido uma grande festa que contou pela primeira vez com o coral do Instituto Conselheiro Macedo Soares e teve a presença de Representação das seguintes Lojas: Filhos da Fé - Natal - R.G.Norte; Comercio; Esperança de Nicteroy; Visconde do Rio Branco; Luiz de Camões; Amizade Fraternal; Duque de Caxias II; Henrique Valladares; Redenção; União Escosseza; Deus e Liberdade - Montes Claros - MG; União de Iguassú; Comércio e Artes; Amor ao Trabalho; Dois de Dezembro; 18 de Julho; Ganganeli do Rio; Independência II; Olegario Maciel; União e Traquilidade; Salomão; Esperança; Renacença; União e Progresso. Consta, após a Sessão, ter sido servida uma ceia de confraternização aos presentes na Sala de Banquetes ocasião em que foram distribuídas flores.

Aqui nos deparamos com o que vamos denominar:
“*vácuo histórico*”

a ausência do livro nº 19 da coletânea de Atas de 20/8/1947 a 22/7/1950.

Como lenitivo chega às nossas mãos cópia da matéria publicada

no jornal Diário da Noite, de 23/07/1948, com o título:

“Nova ordem maçônica no Brasil” Fundado o Grande Oriente Unido.

Para entendermos a participação da Loja reproduzimos “*ipsis litteris*” o texto publicado naquele vespertino

“GRUPO DE MAÇONS

Estes criaram uma a nova ordem para combater o Grande Oriente do Brasil e seu chefe.

Como se sabe, em luta os maçons do Brasil. Depois da contenda interna, o assunto foi para a justiça comum, e aí continua. O grupo dissidente, sob a chefia do deputado Jurandir Pires Pereira, resolveu fundar uma outra entidade. Assim, reunidos em assembléia constituinte - cerca de 50 Lojas desligadas do Grande Oriente do Brasil - na Ordem Cayrú, no Meier, decidiram fundar o Grande Oriente Unido.

JUNTA GOVERNATIVA

A nova instituição organizada e dirigida por uma Junta Governativa até a promulgação da sua Constituição, o que se deu recentemente.

No mesmo dia, foram eleitos, em escrutínio secreto, os membros do Grão-Mestrado, Osmane Vieira de Resende, José Benedito de Oliveira Bonfim e Domiciano Pedreira, que ficarão investidos desses poderes até o dia 24 de junho de 1949, quando será eleito o Grão Mestre da Ordem.

A CONSTITUIÇÃO

Segundo texto do diploma da nova potência maçônico é permitido a mais ampla liberdade às Lojas federadas que poderão se desligar a qualquer tempo, sendo ainda donas dos seus patrimônios.

OS VENERÁVEIS

Os veneráveis das Lojas do Distrito Federal autores da nova Constituição farão, no próximo mês, as leis complementares da Ordem.

Haverá, portanto, uma outra assembléia geral ordinária, em que deverão comparecer os maçons de todos os pontos do Brasil, cujos

pontos de vista estão em divergência do sistema implantado no Grande Oriente do Brasil pelo Sr. Joaquim Rodrigues Neves”.

(Cópia do original, gentilmente, cedido pelo decano atual da Loja, Irmão Ary Azevedo de Moraes, e partícipe dos acontecimentos).

Damos prosseguimento ao trabalho passamos à leitura das Atas do volume nº 20 (vinte), 22/7/1950 a 5/8/1952. Encontramos a confirmação para o publicado naquele jornal quando da leitura da Ata de 16/9/1950 - Sessão Magna Comemorativa do 49º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú dando conta do seguinte relato:

“...a Cayrú não somente abrigara o Grande Oriente Unido desde a sua instalação, mas fora a sua principal fundadora.”

Na Ata de 10/10/1950 é constituída a Comissão para os festejos do Cinquentenário da Loja com a finalidade apresentar

PERÍODO 1951 - 1960

Na Ata de 30/01/1951 consta ter sido outorgada à Loja Cayrú o **Título de Benemerita da Loja Libertação - Oriente de Niterói**.

Quando da leitura da Ata de 19/6/1951 lendo o Relatório da Administração no item referente a **Ação Judicial** vamos encontrar o seguinte registro:

“Continua inalterável, diz o Relatório a ação que corre no Tribunal de Justiça profana para que nos fosse garantida a posse de nossas propriedades contra a sede do anti-maçon do Val.:. do Lavradio. A causa aguarda o julgamento final”.

Portanto, podemos presumir que o afastamento da Loja do GOB em direção ao Grande Oriente Unido (GOU) trouxe muitos aborrecimentos aos Cayrús.

Na Ata de 15/9/1951, Sessão Comemorativa do 50º Aniversário de Fundação, portanto à época em que a Loja esteve afastada do GOB (13/01/1948 a 22/02/1956), consta naquela data festiva que o Secr.:. do Gr.:. Mestre dirige-se ao plenário para declarar que a Administração do Grande Oriente Unido, comunga da alegria reinante nesta Oficina e, pelo tanto que merece, a Sob.:. Assem.:. Geral resolve conceder à Cayrú, o **Título de Benemerita**. Seguem-se vários pronunciamentos referentes a tal concessão.

Não há referências quer na Ata de 15/9 como nas subseqüentes quanto ao número do referido Decreto. Mas a Loja mantém até os dias atuais o original do Decreto em um quadro no Gabinete do Venerável, verifica-se ter o número 17, datado de 15/9/1951.

Pelos fatos já relatados constatamos que a Loja Cayrú é detentora de 2 (dois) Títulos de Benemérita:

- o primeiro concedido pelo GOB (Grande Oriente do Brasil) Decreto nº424;**
- o segundo concedido pelo GOU (Grande Oriente Unido) Decreto nº17.**

INTERESSANTE!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Voltando à leitura da Ata de 15/9/1951 vamos constatar que as seguintes Lojas se fizeram representar:

Fratellanza Italiana; Comercio e Artes; Estrela do Rio; Luzitania; Henrique Valladares; Mercúrio; Rei Salomão (todas do Poder Central); Caratinga Livre (de Caratinga); Libertação (de Niterói); Regeneração Barbacenense (de Barbacena); Octacílio Camara (de Santa Cruz); José Garibaldi (de Nova Lima); Esperança no Arquiteto (de Raul Soares); União Cosmopolita (de Ponta Nova); Antonio Pires Viana (de Santos Dumont); Independência e Luz II (de Volta Redonda); Verdadeira Caridade (de Carangola); Estrela de Queluz (de Conselheiro Lafayete); Caridade e Firmeza (de Juiz de Fora); Acácia Brasiliense (de Goiânia); Fraternidade e Luz (de Cachoeira de Itapemirim); União e Tranqüilidade; João Caetano; Caridade e Luz IV; Amizade Fraternal; Filantropia e Ordem; Amor ao Trabalho; Norte Fluminense; Igualdade e Franqueza; Sete de Setembro; Hiram; União; Acácia.

Portanto uma Solenidade muito concorrida.

Lutando pela **Unificação** - A Ata de 22/1/1952 nos contempla com o seguinte relato:

“O Grande Oriente Unido deveria aproveitar a desarmonia reinante no Gr.∴Or.∴do Brasil procurando assim conseguir a unificação tão almejada pelos maçons”.

Encontramos ainda:

“Que deveríamos pranchear ao Gr.:.Or.:.Unido pedindo para proceder a uma vigorosa campanha pela unificação e levando em consideração que a nossa Oficina tem sido sempre uma das primeiras em tomar iniciativas sadias em prol da nossa Instituição”.

Consta da Ata do dia 11/03/1952 que um **candidato foi recusado** no escrutínio: três rejeições confirmadas na segunda rodada. Após o que um Irmão usa da palavra para externar o seu desapontamento pelo resultado do referido escrutínio os sindicantes apresentaram boas informações e finaliza dizendo que com certeza o candidato fora recusado por viver maritalmente. Diz que tal resultado é uma aberração. Muito embora isto seja matéria passada, o Irmão informa que sua filha juntamente com o noivo sofreu uma desfeita do padre da igreja onde vão se casar, tendo o mesmo perguntado se era maçom ou espírita. Reclama sobre tais absurdos e lança o seu protesto. Obviamente que os protestos não tiveram nenhum efeito prático; tendo o Orador dito:

“... a Lei deve ser respeitada, embora seja lamentável o ocorrido”.

Em diversas partes deste Livro afirmamos que a Cayrú sempre primou por ser progressista. Pois bem, corroborando para esta nossa afirmativa vamos encontrar uma Ata de Sessão Extraordinária realizada em 21 de outubro de 1952 a seguinte ordem do dia:

a) anteprojeto de construção do Hospital Maçônico;
b) cessão do terreno de propriedade da Loja para construção.
Muito embora o edital da convocação tenha sido publicado nos jornais “Última Hora” e “Diário de Notícias”, bem como no “Diário Oficial”; feita a verificação no livro de presença, o Venerável declarou que não havia número legal e que outro Edital seria publicado com uma convocação para o dia 4 de novembro de 1952 às 20 horas em primeira e uma segunda para 20.30 horas e

posteriormente uma terceira convocação com qualquer número caso não haja número legal na segunda. Muitas sugestões... Entre elas uma que tendo em vista a Loja não poder ceder nem alienar o seu terreno, então que ela patrocinasse a construção do Hospital; seguem-se vários considerandos sobre as conveniências e inconveniências, ficando decidido a nomeação de uma Comissão para estudar o assunto. Tudo aprovado por unanimidade... Mas ao que tudo indica pela falta de ações concretas nunca saiu do papel.

Na Ata de 12/05/1953 vamos encontrar a existência de uma lista para angariar fundos destinados a equipar a Loja com **ventiladores**.

Na Ata de 22/6/1954 (Sessão de Finanças) vamos encontrar registro dando conta de que as disponibilidades da Loja quase se duplicaram passando de CR\$55.936,20 para CR\$100.753,80. E aqui externamos a sensação de que a Loja encontrara um rumo certo e verdadeiro, isto é, tudo indica ter sido deslanchado o processo irreversível para uma estabilidade econômica-financeira.

Constatamos uma mudança na formatação da numeração das Atas... E depois retornam ao padrão anterior e neste meio termo encontramos uma Ata referente à convocação de Assembléia Geral Extraordinária de nº2.695, realizada no dia 1º de março de 1955, com seguinte Ordem do dia:

- a) alteração de Título denominativo;
- b) reforma de Estatuto.

Matéria aprovada.

Falamos da incompreendida alteração na numeração das Atas, pois bem, as subseqüentes voltaram à formatação: Ata nº x-xx/xx. Não encontramos nenhuma explicação.

O Grande Oriente Unido completa 7 (sete) anos de existência e começam a surgir na Loja manifestos, isto é, palavras de Irmãos abordando “a unificação”. (Ata nº 1-55/56, de 28/6/1955).

A Loja Cayrú esteve afastada do GOB de 13/01/1948 a 21/12/1956, pois bem na Ata nº 23 (08/01/1957) encontramos registro de **correspondência relatando a “unificação”** e do lançamento de um PROGRAMA DE RENOVAÇÃO que seria o penhor e estímulo para uma nova era. Ainda na mesma Ata encontramos referências sobre uma possível reforma na Constituição do GOB, bem como sobre a “ação judicial” entre a Loja Cayrú e o Grande Oriente do Brasil.

Quanto a unificação encontramos registro dando conta da realização de Conclaves de Unificação é o que constatamos em várias Atas, por exemplo, sobre o 3º Conclave (Ata nº 20-56/57, de 04-12-1956).

Na mesma Ata as seguintes anotações sobre as palavras do Venerável:

“... comunica que no próximo dia 21 realizar-se-á a Sessão de Encerramento do Gr.:Or.: Unido e no dia 22 se dará a incorporação ao Gr.:Or.: do Brasil...”.

E na Ata nº 22-56/57 de 18-12-1956:

“Cita que foram os grandes esteios do Gr.:Or.: Unido as Lojas Cayrú e Commercio e Artes. Ao finalizar esta fusão, partiremos para a unificação da Maç.: no Brasil”.

(Unificação da Maç.: no Brasil, portanto é um assunto bem antigo e que ainda faz parte de várias rodadas de tratados).

Durante o período em que a Loja Cayrú esteve afastada do GOB. (1948-1956) houve um processo tramitando... Pois bem até a unificação nenhuma solução tinha sido dada para a ação judicial entre a Loja Cayrú e Gr.:Or.: do Brasil a respeito do “patrimônio”.

Na Ata nº 17-57/58 de 5-11-1957 consta o seguinte desabafo de um Irmão:

“... reportando-se aos primórdios da Cayrú quando fora proposto a criação de um Hospital, de uma Escola de Curso Secundário. E até hoje nada se fez para tornar nossa Instituição mais desejada e mesmo invejada no mundo Profano a exemplo de outras conforme citou”.

Durante vários anos a Cayrú teve um FUNDO ESCOLAR, pois bem na Ata nº 42-57/58 (10/6/1958) encontramos registro dando conta de sua extinção bem como de que a importância (saldo em caixa) seria destinada ao Instituto Conselheiro Macedo Soares. Entretanto, segundo parecer do Hospitaleiro e da Direção daquele Instituto, ao invés do dinheiro, deveria ser ofertada uma máquina de lavar roupas. Submetida tal proposta para aquisição de uma máquina de lavar roupa; foi “aprovada”; caso o custo excedesse ao **saldo disponível no extinto Fundo**, a diferença seria coberta pela tesouraria.

Na Ata nº 4-58/59 (5/8/1958) encontramos relato dando conta da reorganização da Biblioteca da Loja.

Adquirido um **toca-disco para a Coluna de Harmonia** é o que consta na Ata nº 5-58/59 de 12/8/1958.

O espírito dos Representantes da Loja junto à Soberana Assembléia podemos sintetizar nas seguintes palavras:

“Há que se estar preparado para viver em permanente mudança e atualização; contribuindo para o melhoramento e o progresso da Ordem e igualmente propagando idéias tendentes a dar impulso à Administração, segundo o melhor ponto de vista a que seja possível atingir”.

Consta na Ata nº 14-58/59 (28/10/1958) ter sido apresentada pelo Representante da Loja junto à Soberana Assembléia um estudo para alteração da Constituição no que se refere a admissão de profanos, no caso das praças especiais, constantes do Art. 1º § 2º letra “a” em vez da proibição leia-se:

“Permissão para admissão de subtenentes, suboficiais e sargentos. Submetida a aprovação foi esta aprovada por unanimidade”.

Uma estratégia que não deu certo...

Tendo em vista que o índice de inadimplência era alto, com a finalidade reverter tal situação, foi colocada em votação a seguinte proposta: *“A Loja tem sido obrigada a excluir de seu quadro os Irmãos em débito, razão pela qual deveria ter um cobrador que receberia uma comissão sobre as mensalidades pagas”*. Colocada em votação a proposta foi aprovada; devendo o cobrador prestar contas semanalmente.

Na Ata nº 22-58/59 (27/1/1959) encontramos a existência da CAIXA CAYRÚ, destinada a empréstimos para Irmãos, cujo capital era constituído de cotas a serem subscritas por cada participante. Como podemos verificar “empréstimo” muito embora a Loja não seja um banco sempre foi uma balda.

Sonhar é viver... Realizar é crescer... Lutar é viver...

Dito isto passamos a transcrever o que consideramos ter sido **a grande virada da Cayrú** quando da Administração da Loja liderada pelo Venerável Mestre Adriano Moreira Coppieters:

- Ata nº 21-59/60 de 19-1-1960 - fundo para renovação do mobiliário;
- Ata nº 24-59/60 de 9-2-1960 - execução de novas obras e adesão de vários Irmãos para um plano de levantamento de fundos;
- Ata nº 32-59/60 de 19/04/1960 - obras a serem realizadas no terreno ao lado do Templo.

Pedra Fundamental... Finalmente vamos encontrar registrado na Ata nº 12-60/61 (25/10/1960) a ocorrência referente a transferência da Pedra Fundamental, porém sem a indicação do novo local:

“... antes da Sessão, sete Irmãos reunidos fizeram a remoção da Pedra Fundamental do nosso edifício, dentre eles os Irmãos Sylvio Claudio, Francisco Borges Ribeiro Neto, Maiolino, Jayme, Magalhães, Moura e Domingos, além do Ven.º Mest.º Adriano Coppieters, alguns desenvolvendo esforços físicos para o mister. Os nossos antepassados haviam colocado moedas da época e jornais, tendo aqueles sido destinadas à nossa coleção de objetos que será encerrada em outro local, conforme proposta do Irmão Mário”.

Mas nem tudo está perdido. Esperamos obter maiores informações quando das entrevistas com alguns dos partícipes daquele momento que ainda estão entre nós.

PERÍODO 1961 - 1970

Na Ata nº 4-61/62 (25-7-1961) relata calorosas discussões sobre a conveniência ou não da Loja Cayrú sondar Jânio Quadros sobre a possibilidade de vir a ser o Grão-Mestre Geral da Ordem, comparando-o a figura de Pedro I. Tal matéria ainda é abordada na Ata nº 5-61/62 de 1-8-1961 quando o Orador diz achar prematura qualquer assunto sobre candidaturas ao Grão Mestrado.

O Leitor poderá considerar tal informação sem nenhum valor histórico. Mas na leitura daquela Ata encontramos pronunciamento sobre a reforma agrária e de que ele (Jânio) poderia vir a ser o verdadeiro reformulador da Ordem.

Aproxima-se a data Comemorativa do 60º Aniversário da Loja e tem início a apreciação das mais variadas propostas; tendo sido aprovada a seguinte:

Que as festividades sejam levadas a efeito no dia 12/9/1961 em uma Sessão Magna Fechada (Ata nº9-60/61 de 5-9-1961). A Sessão Comemorativa constou da leitura da Ata nº 1 (15/9/1901) e de uma conferência proferida pelo Irmão Fernando de Mello Mattos , da Comissão de Liturgia da Loja Adonai abordando os símbolos da Pedra Cúbica.

A Loja Cayrú sempre esteve atenta às ocorrências do mundo profano. Muito embora não devamos fazer propaganda dos auxílios prestados; mas quando do incêndio ocorrido no Circo em Niterói a Loja Cayrú se fez presente com um donativo no valor de CR\$40.000,00 (Ata nº 26-61/62 de 30/01/1962) como a média dos Troncos era de CR\$450,00; portanto uma contribuição de aproximadamente 88 (oitenta e oito) troncos podemos considerar como substancial.

Constatamos que a partir de 11/7/1964 as Atas passam a ter como referência apenas a data, isto é, deixam o formato Ata nº xx-xx/xx de xx-xx-xxxx.

Em outra parte deste livro falamos sobre a existência de uma Comissão de Polícia. Pois bem na Ata de 20/10/1964 voltamos a nos deparar com a informação de ter sido nomeada uma Comissão de Polícia que terá a seu cargo, além das obrigações estatutárias o seguinte: tratar da locação e receber os aluguéis, requerer despejo para recuperação dos imóveis; estava assim composta pelos Irmãos Jair Castro Lopes; Fernando F. Figueiredo; Antonio Magalhães; Nilton Borges; Audálio Alves Valadão e José dos Santos Azevedo.

Na Ata de 26/1/1965 consta ter a Loja doado um **aparelho para pesquisa de câncer**. Entretanto não encontramos nenhuma referência quanto ao nome da Instituição beneficiada.

Auxílio a ser prestado à família dos Irmãos que falecerem em pleno direito de seus deveres maçônicos: na Ata de C.:M.: (31/08/1965) Livro nº 29 da coletânea de Atas da Loja, encontramos registro de que tal proposta fora aprovada por unanimidade. A partir daquela data seria concedido um auxílio correspondente a 3 (três) salários mínimos.

A Sessão referente ao 65º Aniversário de Fundação da Loja foi realizada no Salão Nobre do GOB no dia 18/9/1965.

Tendo em vista o disposto na Ata nº 2.798 (5/4/1966) a Cayrú teve que considerar inativos por falta de pagamento 17 (dezessete) Irmãos. Como ocorreu no passado tal fato não abalou o ritmo dos seus trabalhos.

Na Ata de 29/11/1966 vamos encontrar registro de ter a Loja recebido comunicação do Gr.:Sec.:Geral sobre o lançamento do “Campestre Clube Maçônico”. Como posteriormente não encontramos mais nenhuma referência sobre o citado Clube, acreditamos que a idéia não tenha saído do papel.

A Cayrú fez a doação de uma **máquina de costura ao Instituto Conselheiro Macedo Soares (ICMS)** é o que consta da Ata de 6/6/1967. E na Ata de 4/6/1968 consta a doação para o I.C.M.Soares de 6 (seis) ferros elétricos de engomar/passar roupas.

E claro que tais atos não são fatos históricos, mas servem para mostrar que a Loja Cayrú na qualidade de Fundadora daquele Instituto nunca o abandonou e sempre que surgiam oportunidades/ou necessidades a Loja se fazia presente. Suporte que não ficava restrito apenas ao ICMS, era estendido ao Instituto Joaquim Soares de Oliveira, do Oriente de Santos Dumont - Minas Gerais, Casa de Luciá. Tendo participado, ativamente, do Primeiro Bazar das Lojas Maçônicas realizado nos dias 29 e 30/03/1969.

Na Ata de 25/2/1969 vamos encontrar referências sobre a leitura do relatório da Comissão para a **compra de jazigo no Jardim da Saudade**. E na Ata de 8/9/1970 a **compra de outro jazigo** este último através de um carnê no valor de CR\$1.320,00, prestações de CR\$49,50.

Voltamos a afirmar que a Loja Cayrú sempre esteve atenta aos reclamos da sociedade... Pois bem, eis que na Ata de 14/2/1967 vamos encontrar relato de ter sido feito um donativo para as **vítimas das enchentes de Barra do Piraí** no valor de CR\$100.000,00 (cem mil cruzeiros). Tal quantia foi repassada à Loja José Bonifácio daquela cidade que ficou encarregada pela Coordenação daquela Campanha.

PERÍODO 1971 - 1980

Na Ata de 13/04/1971 encontramos relato de que a estação de radioamadores do Grande Oriente do Brasil entrara no ar e que tal fato deve-se ao trabalho executado pela Loja Cayrú.

O novo Estatuto... Na Ata de 1/6/1971 encontramos relato de que a Loja recebera um exemplar do seu novo Estatuto registrado sob nº 70.412 no Cons.: Fed.: da Ordem, consta ainda do texto da citada Ata salientando ser mais um trabalho de grande relevância prestado pelo então Venerável Mestre Waldyr Jacinto de Araújo.

Dando prosseguimento às pesquisas eis que encontramos um Livro de Ata das Assembléias Gerais da Loja Cayrú, com 50 (cinquenta) folhas, termo de abertura datado de 26/1/1970, com um único registro: o ESTATUTO supracitado observando-se a existência dos carimbos do 3º Ofício de Notas (antigo Cartório Hugo Ramos).

Na Ata de 29/6/1970 consta que a Biblioteca da Cayrú fora reestruturada.

Estamos no ano de 1971... É o ano das aplicações... Bolsa de valores com altas astronômicas... A Cayrú não pode ficar omissa... Eis que no dia 10/08/1971 é realizada uma Sessão Magna de Conferência proferida pelo Sr. Helio Beltrane - Corretor e Representante da Caravello Cia. de Investimentos que com muita propriedade e sob intenso interesse abordou o tema: “Mercado de Capitais”.

Consta da Ata de 18/03/1975 ter a Loja adquirido novos aparelhos de ar condicionado com grande potência. Na mesma Ata encontramos registro sobre a existência de um SEGURO EM GRUPO da Loja Cayrú.

Na Ata de 25/03/1975 consta a Loja Cayrú ter recebido **carta de uma ex-aluna do Curso de Datilografia e Corte Costura**. Em determinada parte da supracitada carta consta: “...Hoje, graças ao aprendizado que com tanta dedicação me foi transmitido por essa Escola, consegui ótima colocação no Ministério da Educação e Cultura.”

A Cayrú prepara-se para o 75º Aniversário de Fundação.... Consta da Ata de 14/10/1975 ter sido nomeada uma Comissão Programadora das Festividades do 75º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú, ficando também a mesma Comissão encarregada da programação de encerramento dos trabalhos maçônicos no final do ano; foi constituído um Fundo para custear as despesas que após aprovado na Sessão de Finanças de 10/12/1975:

a) 10% (dez por cento) da renda bruta da Loja nos meses de janeiro a setembro/1976;

b) CR\$10,00 (dez cruzeiros) mensais por Obreiro durante os meses de janeiro a setembro/1976;

Resultado da venda de chaveiros, lembranças etc, e

c) Qualquer donativo que algum Irmão queira fazer.

A manutenção do equilíbrio continua... Assim vamos encontrar registro de uma Ata de Assembléia Geral realizada no dia 8/2/1977 abordando o assunto construção de um pavimento sobre as lojas comerciais existentes na rua Constança Barbosa nº 135. Hoje, podemos afirmar que o nosso atual Salão de Festas, Gabinete do Venerável e o local onde se encontra instalada a Secretaria e a Tesouraria só foi possível graças ao esforço, do olhar à frente... Uma visão futurista do bem saber dispor dos espaços disponíveis... Porque pela leitura e conseqüente acompanhamento dos debates que antecederam podemos dizer mais uma vez que os cayrús souberam ousar e venceram apesar de todas as dificuldades. Hoje o Salão de Festas “Domingos Gonçalves” é uma realidade e tem sido de grande valia para as atividades desenvolvidas pela Loja. No início um simples e espaçoso salão... Mas o espírito empreendedor

e progressista que sempre se fez presentes nas Administrações da nossa Loja, agregou e trouxe outros tantos benefícios: uma moderna cozinha, banheiros sociais, um tablado para eventos. E aqui, mais uma vez, não podemos deixar de reafirmar que a existência da Cayrú sempre foi uma constante batalha no sentido do bem fazer e ter o bem realizado onde cada um há seu tempo soube mostrar o seu valor. Não estamos fazendo culto à presunção e os nossos antepassados, podem até ter se considerado os melhores da maçonaria; por outro lado, a experiência leva-nos a pensar que a competência e a capacidade do individuo está na medida inversa da sua critique e que aquele que critica não o faz tanto para corrigir ou retificar o erro nem para aprender ou ensinar o que é certo. Na maioria das vezes o faz para exibir a sua superioridade tendo ele o pecado que aponta e critica no outro. Em verdade só deveria criticar quem não tem pecado... Infelizmente, todos nos sentimos habilitados a exercer a crítica e condenar. A história da humanidade está cheia de baixeiras e indignidades que causam repugnância aos nossos sentimentos e à nossa inteligência. Alguns querem se engrandecer e cobrir-se de glórias às custas do aviltamento e da miséria. Assim sendo deveríamos fazer bom uso da palavra ou até, sabiamente, nos calarmos e nos lembrarmos das palavras de Jesus: “quem não tiver pecado que atire a primeira pedra”.

Devemos ter consciência: tudo o que for injustamente ou sem provas imputado a um Irmão, qualquer conceito errôneo ou precipitado redundará sempre em dano real para a Irmandade Maçônica, um organismo vivo que sente no todo o sofrimento infligido quando produzido no ardor de debate sejam quais forem os autores e a oportunidade. Não podemos olhar o mundo ao nosso redor sempre com o espírito de reprovação para condenando o alheio, enaltecer o próprio, denegrindo o passado para favorecer o presente. Tudo isto foi escrito com o propósito de enaltecer, mesmo sem citar nomes, a todos aqueles que fizeram parte da história da Loja Cayrú. Houve erros? Houve, certamente que houve. Mas onde os não há? Onde está o homem, está o pecado. Erramos, principalmente, quando não agimos com altruísmo.

Os nossos antepassados plantaram e regaram a sementeira que foi fecunda. A leitura dos diversos documentos que às nossas mãos chegaram pelas mais variadas formas, nos conduziu a olharmos a histórica e centenária caminhada da Loja Cayrú como um acontecimento e uma efeméride que é, como bem escreveu Cícero:

“Testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade”.

Vamos celebrar, justa e merecidamente, os que, com suor, cansaços e muita luta nos legaram e despidos de qualquer presunção, ao nosso modo, na medida que podemos e sabemos, dar continuidade ao ato de exercitar os grandes postulados da Maçonaria. Mas como é difícil ver e reconhecer os próprios erros ou pecados. Então aquele que não os tiver que atire a primeira pedra. Sejamos, então, essencialmente, reminiscências de sucessos e jamais correligionários de disputas acirradas.

Afinal segundo Arsène Houssaye (1815-1896) - jornalista e museólogo francês:

“Devemos ter sempre antigas memórias e novas esperanças”.

Na Ata de 23/03/1976 o Venerável Mestre comunica que fora concluída a restauração da Escola Cayrú atingida por um princípio de incêndio.

Na mesma Ata constatamos que a Loja Cayrú continua atenta aos movimentos no mundo profano por ocasião do **terremoto na Guatemala**, se mobiliza e realiza um donativo de CR\$1.000,00.

Os atos de solidariedade são bem mais extensos do que podemos imaginar: “Fraternidade e Solidariedade” constituem o binômio que sempre encontramos presente desde a fundação da Loja. Já agora na Ata de 6/4/1976 encontramos a aprovação da proposta para cessão das dependências para **instalação de um Capítulo Rosa Cruz (AMORC)**: “A Cayrú cede suas dependências aos sábados e domingos, a partir das 15.00 horas, provisoriamente, pelo prazo de um (1) ano, sem ônus, ressalvadas as datas em que a Cayrú tiver necessidade de usar em suas festas.”

Verificamos ainda que para angariar recursos para a festa do 75º aniversário da Loja, foi realizado um almoço de confraternização no dia 25/4/1976, na sede Campestre da Associação dos Empregados no Comércio (Ata datada de 6/4/1976).

Na Ata de 10/8/1976 encontramos relato que o Quarto de Horas de Estudos constou da apresentação de “slides” sobre o Banquete Ritualístico; bem como a fixação de normas uniformes, num estudo apresentado com o intuito de eliminar ou pelo menos minimizar as surpresas (gafes - normais, costumeiras e perfeitamente aceitáveis); sem sombra de dúvidas o evento marcou época foi um sucesso.

Depois de grande expectativa encontramos a Ata referente à Sessão Magna Festiva Especial Comemorativa do 75º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú realizada, no dia 19/9/1976 no Templo Nobre do Palácio Maçônico, especialmente, cedido para tal fim, dando conta de que no dia 15/9 fora realizado um Banquete Ritualístico no Salão Nobre da Associação dos Empregos no Comércio com a presença de aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) Irmãos.

A Sessão Magna de Iniciação abriu as Festividades do 75º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú com os seguintes candidatos: Carlos de Sant’Anna, Armando de Castro Teixeira, Angelo Ticom, Paulo Cesar Camerano Figueiredo, Ulysses de Carvalho Netto e Walter Jorge Guimarães.

Na Festa Branca a entrada dos visitantes foi realizada na forma do Protocolo e além das esposas e sobrinhas dos cayrús, das nossas cunhadas e sobrinhas (filhas e esposas de Irmãos das LLoj.∴), adentraram também convidados não Maçons e Autoridades Maçônicas, Civis e Militares. Da programação constou uma conferência proferida pela Prof. Carlos Alberto Squeff Soares abordando: “O Aniquilamento do EU”. Também foi concedida a Medalha de Prata Cayrú a várias personalidades, entre

outras à Prof. Waldete Maria de Araújo pelos serviços prestados no exercício de suas atividades na Escola Cayrú; à Exma. Sra. Izette Almeida da Rocha - M.: do Cap.: Meier - AMORC; A Cruz de Distinção Cayrú foi outorgada a Exma. Sra. Maria Aparecida Moura - Grande Mestre da AMORC. Concluindo as festividades após o encerramento dos trabalhos foi oferecido um coquetel preparado pela Confeitaria Colombo.

Houve também uma Sessão Magna Comemorativa no dia 14/9/1976, restrita aos Maçons, onde após lida a biografia do Patrono da Loja, o Secretário, por ordem do Venerável Mestre Fares de Moura Silveira, passou a ler os Atos que outorgaram a “Cruz de Distinção Cayrú” a vários Irmãos e Lojas; bem como o Título de Benemérito a Irmãos do Quadro. Estamos praticamente no final da leitura da Ata e nos deparamos com a informação ter o Venerável Mestre da Loja Fidelidade Mineira do Oriente de Juiz de Fora pedido a palavra para em nome daquela Oficina fazer a entrega da medalha de prata e respectivo diploma comemorativo ao Primeiro Centenário daquela Loja (Fidelidade Mineira) como reconhecimento pelos serviços prestados pela Loja Cayrú àquela comunidade.

E ainda na Ata de 28/09/1976 encontramos várias referências sobre os encargos e tarefas que a Administração teve de enfrentar para levar a efeito os diversos eventos comemorativos do 75º aniversário da Loja.

No dia 01/03/1977 a Loja Cayrú recebeu a visita do Grande Secretário de Relações Litúrgicas do Grande Oriente Lizutano Unido (Lisboa - Portugal) Irmão Artur Cordeiro que visitava o Brasil com a finalidade de obter subsídios para a reorganização daquele G.O. que volta a atividade após 40 (quarenta) anos de hibernação forçada pelo regime político vigente naquele país até 1974. Naquela ocasião a Loja Cayrú fez entrega ao visitante de um malhete confeccionado em pau brasil.

Na Ata de 13/08/1977 encontramos referência a uma proposta para que fosse fornecida uma **relação com os nomes dos Irmãos e seus respectivos endereços, profissões e cargos**. A nossa Loja dispõe de uma Listagem de Obreiros Regulares onde encontramos as principais informações: nome do obreiro, nome da cunhada, data de aniversário, telefones, endereço, endereço eletrônico. Aquela relação evoluiu e, atualmente, agrega também um Plano de Mobilização (sugerido pelo Irmão Alvaro Francisco Canastra) que apesar de ter sido adaptado aos fatores circunstâncias da Cayrú, tem como finalidade estabelecer uma metodologia de ação que permita, no menor espaço de tempo possível, transmitir aos Irmãos do Quadro e Regulares, notícias de emergência: convocação de reuniões, informar falecimento e outras.

Estamos no ano de 1978 e o Grande Oriente do Brasil entra em uma fase conturbada onde mais uma vez a Loja Cayrú teve participação ativa, tendo cedido suas dependências para ser a **Sede Provisória do Poder Central**.

(Documento datado de 22/5/1978 do GOB - cópia recolhida ao acervo do Museu Cayrú - sugestão apresentada na Ata de 08/02/2000).

A Cayrú é convocada para prestar relevantes serviços ao Grande Oriente do Brasil. Estamos diante do fato gerado pelo Decreto nº 2.427 de 17/4/1975: a criação do Grande Oriente Estadual, no caso do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro (GOERJ); cujo Delegado foi o Irmão Nilton Borges da Silva que posteriormente viria a ser substituído pelo primeiro Grão-Mestre Estadual, regularmente eleito em 1978, por sufrágio de votos das Lojas do Estado do Rio de Janeiro. Naquela ocasião foi eleito o Irmão Sylvio Cláudio, um cayrú. Aliás, na trajetória centenária a Cayrú sempre teve participação ativa nos Altos Corpos conforme vários relatos que foram inseridos em vários capítulos deste livro. Corroborando para esta nossa afirmativa encontramos na Ata de 11/7/1978 que alguns cayrús participaram das reuniões preliminares na qual ficou estabelecido o “modus faciendi” da transferência do Poder Central para a cidade de Brasília.

A Loja Cayrú se engaja na **Campanha da Assistência à população pobre da Amazônia** (Ata de 30/01/1979) e em algumas Atas posteriores encontramos relato dando conta da substancial doação de livros didáticos e roupas.

Na Ata de 13/03/1979 encontramos explicitado o nome dos **cayrús que fizeram parte do Staff da Delegacia do GOB no Estado do Rio de Janeiro:**

Delegado - Nilton Borges da Silva

Secretário - Waldyr Jacinto de Araújo

Tesoureiro - João Lopes Neto

que funcionou na rua do Riachuelo, 239 sala 210 - Bairro de Fátima. Consta ainda terem eles comparecido em Niterói na sede do extinto Gr.:Or.: do R.:J.: de onde foram arrecadados parte do acervo passível de aproveitamento. Mas eles não estiveram sozinhos no trabalho Maçônico de instalação do Grande Oriente do Rio de Janeiro... Consta também da Ata supracitada, palavras de agradecimento do Delegado a todos os cayrús pelo apoio prestado e em particular destaca a atuação dos Irmãos Donald Fenton (Loja Cayrú) e Gilson Leo, hoje um cayrú, mas naquela época pertencente ao quadro da Loja União Escocesa. Os relatos sobre as atividades desenvolvidas pela Delegacia se sucedem, é o que consta da Ata de 03/04/1979, cujos trabalhos tomam força e vigor com o início da expedição de placês de iniciação. Posteriormente, houve eleição para cargo de Grão-Mestre para o Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro; tendo sido eleito e empossado como primeiro Grão-Mestre do GOERJ, um cayrú: o Irmão Sylvio Claudio.

E continua o que denominamos “A Saga dos cayrús”... Na Ata de 03/04/1979 consta estarem envolvidos com a Campanha da Amazônia e lançarem diligências para obtenção de um **equipo dentário para o Instituto Conselheiro Macedo Soares.**

PERÍODO 1981 - 1990

Pelo Ato nº 23 do Tribunal de Justiça do GOERJ, pelo Ato nº 23, outorgou à Loja Cayrú o Diploma e Medalha Distintiva do Poder Judiciário pelos serviços prestados àquele Tribunal. (Ata de 10/11/1981).

Da Ata de 15/12/1981 consta ter a Loja recebido o Memorando nº 603/81, de 11/12/1981. (Proc. 06/538.481/77) dando conta ter sido **concedido o habite-se do acréscimo realizado no prédio.**

Na Ata de 2/3/1982 encontramos registro de que a Loja no dia 7 pv patrocinará um **Festival de Cinema** com distribuição de doces e refrigerantes, assim como brinquedos a algumas internas do Instituto Conselheiro Macedo Soares. E, de fato, o Festival ocorreu no dia previsto; naquela ocasião foi inaugurado o “tablado” do atual Salão de Festas “Domingos Gonçalves”.

Em relatório Administrativo datado de 22/09/1982 vamos encontrar relato dando conta da obtenção do “**Habite-se**” para as obras realizadas na administração anterior, que permitira o uso do Salão Domingos Gonçalves. Encontramos também referências a um movimento denominado “Corrente de Solidariedade Domingos Gonçalves”, um trabalho destinado a prover meios para o Instituto Conselheiro Macedo Soares (alimentos e material escolar) e para a Casa de Leilá (com diversas campanhas, entre elas, um festival de cinema acompanhado de distribuição de brinquedos) e campanha angariando medicamentos para a doença do fogo selvagem. Neste mesmo relatório encontramos referências de ter sido realizado o “I Encontro com a Arte” vários trabalhos foram colocados em exposição tendo sido um sucesso pelo seu ineditismo e pelo grande número de Lojas, Irmãos e Familiares que ali compareceram.

Encontramos relato na Ata de 01/04/1984 dando conta de que **a Escola Cayrú tem 70 (setenta) alunos** matriculados e vários pedidos de inscrição para a próxima turma.

Na Ata de 17/4/1984 consta ter sido aprovada a proposta para que o almoço do **DIA DAS MÃES** fosse realizado no Clube Militar. O que ocorreu no dia 20/5/1984.

Na Ata de 17/7/1984 encontramos o seguinte registro na Ordem do Dia:

“...O V.M informa que por solicitação do Eminent Grão-Mestre Estadual a TV Manchete iria utilizar o **Templo da Cayrú para filmagem sobre a vida do nosso Irmão Quatemozim (D.Pedro).**

Estamos no início do ano de 1986, no mês de fevereiro, consta da Ata de 25/2 ter sido lançada a CAMPANHA para recolhimento de MATERIAL ESCOLAR.

Inicia-se o mês de novembro de 1987 e a Administração volta suas atenções para o telhado da Loja preparando-se para as chuvas de verão.

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro no dia 22/9/1987 aprovou Moção **outorgando à Loja Cayrú** Diploma pelos relevantes serviços prestados à Cidade do Rio de Janeiro. É o que consta da Ata de 08/12/1987.

Estamos em novembro de 1989 e encontramos registro dando conta de que seria iniciado a **REFORMA DO TEMPLO**, inclusive nos deparamos com a frase:

“... realize o desmanche...”

um evidente sinal de que tratar-se-á de uma grande obra.

Corroborando para o que denominamos “um evidente sinal de que tratar-se-á de uma grande obra” vamos encontrar na Ata de 21/11/1989 a seguinte fala do Venerável participando:

“Que a próxima iniciação, em virtude das obras no Templo da Cayrú, será realizada dia 01/12/1989 na Loja Marquês do Herval nº1624”.

As reuniões ordinárias da Loja Cayrú, durante as obras, foram realizadas no Salão de Festas adaptado, sem contudo descuidar-se da ritualística. Para melhor avaliarmos o tamanho e a grandeza da obra transcrevemos o relato encontrado na Ata de 10/4/1990 quando o Venerável Mestre Sylvio Claudio, na Ordem do dia, fala:

“Da satisfação pelo estágio da recuperação do Templo e espera que até o dia 15 de setembro próximo toda a parte interna esteja recuperada para a nossa festa de aniversário”.

Retrocedamos, portanto para fazermos uma pequena contagem: se as obras iniciaram em novembro/1989 com previsão para término em setembro/1990, podemos dizer sem sombras de dúvidas ter sido esta **a maior reforma por que passou o interior do Templo em seus 100 anos de existência.**

PERÍODO 1991 - 2000

A Sagração do Templo Nobre do Palácio Maçônico de Brasília ocorreu no dia 4 de dezembro de 1992 e na Ata de 8/12/1992 encontramos registro de ter a Loja Cayrú recebido correspondência do Grande Oriente do Brasil dando conta de que 12 (doze) cayrús compareceram ao evento.

A Ata de 23/04/1993 refere-se aos atos da Sagração do Novo Estandarte da Loja Cayrú. O qual manteve as mesmas características anteriores.

Dando prosseguimento às pesquisas, encontramos relato no Jornal ESQUADRO (Órgão do Grande Oriente do Brasil), na edição de julho de 1995, um verdadeiro libelo contra os desacertos das políticas empreendidas pelos governantes nos últimos anos, na tentativa de corrigir a problemática social brasileira.

É assim que podemos qualificar o **MANIFESTO EM DEFESA DO HOMEM** segundo ao qual o equívoco dessas políticas está no fato de partirem da organização social e não do homem, célula da sociedade. Salienta o manifesto, as famílias dos que morrem de fome ou da violência choram a incompreensão dos tecnocratas, políticos e governos. Relata também que a Maçonaria Brasileira assiste a este espetáculo aparentemente passiva, mas nossa Herança Histórica e Filosófica nos mobiliza intensamente em favor do Homem, de seu reerguimento e de sua valorização.

Por tratar-se de um documento extenso, vamos transcrever aquilo que encerra todo o seu significado:

- *O Gigante está adormecido, mas... A Cayrú chora...*
- *Com relação a Saúde, a Educação, a Economia Humanitária e na Democracia.*
- *E finaliza exortando que:*

O HOMEM É O PRINCÍPIO, É O MEIO E O FIM.”

Museu Cayrú - Eis uma peça importante que estava faltando ser regularizada. Na Administração do biênio 1993/1995 (Venerável Mestre Ivo Carneiro) foi inaugurado o museu que concentrou peças históricas que se encontravam dispersas; tendo recebido o nome de:

MUSEU ADRIANO COPPIETERS

uma justa homenagem àquele cayrú em reconhecimento por seus méritos pessoais e relevantes serviços prestados à Loja Cayrú em particular e à Ordem em geral.

Com pouco mais de cinco anos de inaugurado o espaço do Museu tornou-se exíguo; razão pela qual a Administração 2001/2003 logo após tomar posse e tendo em vista a aproximação do Centenário da Loja iniciou a sua reestruturação com o intuito de incluir novas peças ao acervo, bem como dar destaque e valorizar pelos mais diversos modos ou artifícios as já existentes.

Ainda na Administração 1999-2001 (Venerável Carlos Loureiro Amarante) foram encontradas algumas antigas espadas. Após exame detalhado e considerando-se o seu valor histórico foi determinada a sua inclusão ao acervo do Museu.

A atividade de administrar é tão antiga quanto o próprio homem. Sempre que existir um grupo de pessoas trabalhando, visando atingir um mesmo objetivo, haverá alguém administrando. A Bíblia (Exôdo, capítulo 18, versículos 13 a 27) nos fala dos conselhos dados a Moisés pelo seu sogro, Jetro, para que pudesse melhor administrar a condução do povo judeu à terra prometida. Pois bem a preocupação com o aumento da eficiência da organização Cayrú, como pessoa jurídica, levou a Administração do Venerável Mestre Joaquim Tavares da Silva a informatizar a Cayrú. E isto foi feito com a aquisição de um computador (registro encontrado na Ata de 11/12/1995); cujo uso não ficou restrito às atividades administrativas da Loja. Pouquíssimo tempo se passou de sua aquisição e surge a primeira Home Page da Cayrú disponibilizada na grande rede em 1996; motivo de destaque na

fala do Venerável Mestre por ocasião da Sessão Comemorativo do 95º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú.

A implantação da primeira Home Page foi fruto do trabalho do Irmão Rui Ferreira da Silva, um cayrú, então Secretário Geral Adjunto de Relações Exteriores do GOB, que orientou o sobrinho Joaquim Barros Silva; também ajudou na empreitada um outro cayrú, o Irmão José Dile da Guia.

Com a aproximação do Centenário da Loja, já agora na Administração 1999-2001 foi desenvolvida a segunda versão da Home Page cujo projeto deve-se, única e exclusivamente aos esforços do Irmão Isaque Rubinstein: reestruturada, com novo “lay out”... Incorporou novos recursos.

A esta altura poderá ser perguntado:

Qual o motivo de dar ênfase ao serviço do Isaque?

Simples de responder. O Isaque não dominava o assunto.

Aceitou o desafio. Fez cursos. Aprendeu.

Como bem escreveu Monteiro Lobato (★1881 - † 1948) no livro “Mundo da Lua” em 1923:

“Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira... mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum”.

E o Irmão Isaque soube ousar e vencer todas as dificuldades.

Em 2001, portanto no ano do centenário, foi lançada a terceira versão da Home Page com recursos mais modernos: “tecnologia flash”. No capítulo “Recordatório” encontraremos a figura da página principal.

A Loja passou a ter um domínio próprio, na Internet em **<http://www.cayru.com.br>**; o Webmaster atual é o Irmão Isaque Rubinstein (webmaster - pessoa responsável por um site; site - é a área dentro da Internet que pode ser visitada por outros computadores) que atualiza os vínculos e os arquivos, mantendo a estrutura em perfeito funcionamento.

O endereço eletrônico da Loja Cayrú (e-mail) é:
lojacayru@cayru.com.br.

Em junho de 2001, a Administração 1999/2001, com o objetivo de manter o computador da Loja atualizado, providenciou “upgrade” aumenatando a capacidade de memória RAM (Randon Access Memory) de 32 mb (megabites) para 192 mb. Para quem diga que até outro dia a Loja viveu perfeitamente bem com um computador com pouca memória. Vale ressaltar que memória é ainda um gargalo para atingirmos o máximo desempenho que o micro pode nos proporcionar. Hoje não podemos mais ignorar o que ontem não poderíamos saber e muito embora reconheçamos um aumento na dependência. Todos aqueles que já se acostumaram a reduzir alguns minutos na execução de tarefas que antes consumiam horas obtendo resultados de froma prática, concisa e eficiente, sabem que o computador, modificou a relação entre velocidade, tempo e fato.

A Cayrú continua dando prosseguimento às campanhas em pró do Instituto Conselheiro Macedo Soares. Na Ata de 11/6/1996 encontramos registro de esforços empreendidos no sentido de ser alcançada a meta de 300 (trezentos) lençóis a serem doados àquele Instituto.

Utilidade Pública

Na Ata de 15/9/1996 encontramos registro de ter sido entregue à Loja a primeira via do Decreto nº15.059, de 23/08/1996, devidamente assinado pelo Sr. Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro Dr. Cesar Maia, que declara como sendo de Utilidade Pública a Loja Cayrú nº 762.

Firmes em sua trajetória progressista após vários estudos e debates, os cayrús aprovam uma **nova redação para o seu Estatuto** (Ata de 18/03/1997) que entre outras estabelece:

“Art. 50 - Fica criada a Medalha de Gratidão Cayrú, para ser outorgada a quem, maçom ou profano, se tornar merecedor, nos termos do disposto do Art. 43”.

Um exemplar do Estatuto foi distribuído aos Irmãos no dia 27/07/1999. É o que consta da Ata do dia 27/07/1999.

Na Ata de 10/5/1997 encontramos relato da **instalação do ar condicionado central**, sem sombra de dúvidas uma ótima aquisição patrimonial.

A pouco mais de 3 (três) anos para num novo século “os movimentos contra a Maçonaria leia-se aos Maçons” ainda se faziam presentes em várias partes do mundo.

Na Ata de 19/5/1998 encontramos registro das palavras proferidas pelo Grão-Mestre Distrital das Lojas Inglesas no Brasil, alertando para:

“A perseguição sofrida ultimamente aos maçons, inclusive lá na Inglaterra. O mesmo está acontecendo na França, Itália e outros países, por esses acontecimentos, recomendou discrição e que os Maçons evitem se identificar de maneira ostensiva em público”.

Inclusive na mesma Ata há escritos dando conta de que no Rio de Janeiro existem movimentos ocultos de segregação das elites, envolvendo inclusive a Maçonaria. Seguem-se outros comentários que culminam com a conclusão de existir a necessidade de sermos discretos.

Na Ata de 27/04/1999 encontramos relato dando conta de que a Loja Cayrú ter sido representada no Encontro de Maçons do Mercosul, realizado em Gramado - Rio Grande do Sul – pelos Irmãos Ary Azevedo de Moraes e Rui Ferreira da Silva. Tal Encontro foi considerado o primeiro passo para uma aproximação dos Grandes Orientes. Consta ainda daquela Ata que o símbolo da Cayrú juntamente com um exemplar do Jornal do Brasil teriam sido inseridos na urna quando do lançamento da Pedra Fundamental de uma Loja. Infelizmente a Ata não registra o Título Distintivo da referida Loja.

Estamos lendo a Ata de 04/05/1999 e encontramos as primeiras referências sobre os festejos do Centenário... Quando um dos candidatos ao cargo de Venerável declara que seu principal empenho será o de unir os Irmãos do Quadro para os grandes festejos do Centenário.

Apesar da situação econômica-financeira da Loja apresentar um quadro de estabilidade vamos encontrar ainda doação de bens patrimoniais... É o que consta da Ata de 01/06/1999 onde se lê ter a Loja recebido a doação de 3 (três) terrenos.

A Loja Cayrú se engaja no PROJETO MAÇONARIA CONTRA AS DROGAS. Dando continuidade ao trabalho de conscientização da sociedade; consta na Ata de 15/06/1999 ter sido lido convite do Irmão Wilson Cruz Alves participando a palestra a ser realizada no dia 21/06/1999, às 20.00 horas, na Igreja Presbiteriana do Méier. Na Ata de 08/02/2000 encontramos registro de ter sido incluído na Revista “O Cayrú” uma mensagem sobre as drogas. Droga que não admite decisões autistas. Reclama, sim: seriedade e realismo. Estamos no ano de 2001 e numa tentativa de entendermos as razões que levaram a Loja Cayrú se engajar no “Projeto Maçonaria Contra as Drogas” passamos a fazer algumas considerações:

“A juventude está sendo destruída pelas drogas”.

O Ministério da Saúde, certamente, influenciado pelos lobbies em favor da progressiva liberação de certas drogas, passou a rezar pela cartilha chamada: redução de danos. Quer dizer: a ênfase à terapia que prega a abstinência dará lugar à redução de danos. O fundamental, imaginam os defensores da nova política, não é a interrupção imediata do uso de drogas pelo dependente, mas que ele tenha uma melhora em suas condições gerais. Sabemos que assim como não existe meia gravidez, também não há meia dependência. Não existe consumidor ocasional. Existe, sim, usuário iniciante, mas que, muito cedo, se transforma em dependente crônico. Afinal a compulsão é a principal característica do adicto. Um cigarro de maconha pode ser

o passaporte para uma overdose de cocaína. Há quem pense que usar drogas é falha de caráter. Não é.

Como instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica e progressista, a Maçonaria assume na sociedade um papel preponderantemente educativo, pugnando permanentemente pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social do ser humano. Preocupa-se, portanto, em criar meios, estabelecer condições para que o homem, no contexto social, possa alcançar as suas reais finalidades e venha a trilhar o caminho que o levará a atingi-las. Declara guerra, por isso, ao vício e a todos os obstáculos que se antepõem a esse ideal de aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade.

Não existe fórmula mágica para se livrar de uma dependência. O consumo desenfreado de drogas que gera dependência, psíquica ou física, aparece, neste fim de século, como o obstáculo de maior peso dentre os que se opõem ao progresso e ao aperfeiçoamento do ser humano. Não faltam tratamentos - uns novos, outros milenares - para tirar um viciado do fundo do poço escuro. As nossas lojas têm se manifestado de norte a sul do País, com repetida frequência, a grande preocupação dos maçons em face do inusitado e assustador crescimento desse mal que assola a humanidade e procura atingir, sobretudo a faixa etária mais jovem, dos adolescentes, imaturos naturalmente inquietos na busca de seus próprios rumos.

Muito se tem dito, mas pouco se tem feito no intuito principalmente de prevenir, de evitar que o mal se alastre cada vez mais. A própria instituição maçônica, como um todo, quase nada vem realizando de positivo contra o desenfreado consumo de drogas, afora as manifestações, orais ou escritas, retratando a nossa posição contrária ao mesmo. Surgiu, porém, no Estado de Goiás, graças a iniciativa do Grande Oriente do Estado de Goiás, sob a égide da atual administração do Grão-Mestre Dr. José Ricardo Roquette, um movimento que aparece como eficiente, adequado e, a partir dos primeiros resultados apurados, de grande eficácia no combate ao mal, cuidando, sobretudo de estabelecer a conscientização do adolescente e de seus pais ou responsáveis, em

extraordinário trabalho de persuasão e de prevenção contra o uso de droga.

Fiel às suas tradições, o Grande Oriente de Brasil houve por bem encampar o movimento daquele Grande Oriente Estadual, dando-lhe abrangência nacional. E, tendo em vista a estrutura já montada no Estado de Goiás, é que o Grão-Mestre Geral baixou o Ato nº 1037, criando, a nível federal, o PROJETO MAÇONARIA CONTRA AS DROGAS e designando para coordená-lo o Grão-Mestre Dr. José Ricardo Roquette.

Confiante no espírito maçônico dos Irmãos, de todas as nossas Lojas. Conhecendo a fidelidade aos nossos princípios de todos os Veneráveis Mestres; de todos os integrantes dos Corpos Maçônicos do GOB; dos Grão-Mestres Estaduais; dos Delegados, bem como dos dirigentes da APJ. Temos a certeza de que todos aderirão a este Projeto em favor da vida e não se furtarão em colaborar para o seu pleno sucesso. Somente com a participação efetiva de todos poderá o projeto MAÇONARIA CONTRA AS DROGAS vir a tornar-ser na primeira grande vitória da Maçonaria do Terceiro Milênio.

Na Ata de 22/06/1999, Sessão Magna de Posse, Instalação e Regularização, o Orador em sua fala evidência o fato de que o Irmão ora empossado como Venerável da Loja Cayrú é o último do século quase findo e permanecerá governando nossa Loja por alguns meses do século XXI e que uma de suas tarefas além de tantas outras será, indubitavelmente, preparar a Loja para os 100 anos e que apesar de grande a Loja Cayrú tornou-se pequena para receber as diversas Lojas que hoje nos prestigiam.

Na Ata datada de 27/06/1999, Sessão Branca Magna de Posse, encontramos registro de ter sido outorgado a diversas cunhadas e Irmãos a Medalha de Gratidão Cayrú e respectivo Diploma pelos relevantes serviços prestados.

Na mesma Ata encontramos registro de ter comparecido àquela Sessão além do Grão-Mestre Estadual (Irmão Sérgio Tavares Romay) o Irmão Ney Coelho Soares (Soberano Grande Comendador) que afirmou: “ser uma grande honra retornar à Loja

Cayrú, que conheceu há 52 anos e poder verificar o seu progresso e dizer que é grande a participação desta Loja no Corpo de São Cristovão (Supremo Conselho para o Rito Escocês Antigo e Aceito).

Tendo em vista a aproximação da comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil...

Na Ata de 29/06/1999 encontramos registro de ter sido recebido correspondência com sugestões para o engajamento da Loja naquele futuro evento. Já na Ata de 21/03/2000 encontramos registro relatando a realização de uma Sessão Magna em homenagem aos 500 anos do Descobrimento do Brasil a realizar-se, no dia 28/03/2000, na Loja Henrique Valladares (palestrante o Irmão Joaquim Tavares da Silva). Poderá o leitor perguntar: - Qual a importância de tal acontecimento para a Loja Cayrú. Respondemos com a seguinte frase: - Atente para o Título Distintivo da Loja: “Henrique Valladares” o Patrono da Loja Cayrú.

A Cayrú se engaja em campanha da construção do templo da Loja Marquês do Herval 1624... Conforme descrito em outro capítulo deste livro, a Loja Marquês do Herval durante muitos anos teve abrigo na rua Ana Barbosa. Como a construção de um templo requer um alto investimento e grande imobilização de recursos, na reta final da construção de seu templo, aquela Loja, lançou uma campanha para a compra das espadas. A Cayrú fez a doação da espada flamígera (Ata de 19/10/1999) e os cayrús subscreveram a compra das demais; tudo isto ocorreu em 1 (um) dia. Para marcar tal acontecimento, considerado um recorde, a Administração da Loja Marquês do Herval achou por bem nelas gravar o nome dos doadores.

Na Ata de 01/02/2000 encontramos relato da visita do Venerável Mestre da Loja Marquês do Herval que agradece o apoio recebido proferindo as seguintes palavras: “... a satisfação por estar aqui nesta noite é grande. O homem é do tamanho de seu sonho. A falta de sonho é a falta de perspectiva, aproveitamento para agradecer também a presença maciça da Cayrú na Sessão de Sagração do Templo.

Ressaltando que pela primeira vez era recebido com todos os Irmãos de p.°. e a ord.°.”.

E a Loja Cayrú continua dando assistência ao Instituto Conselheiro Macedo Soares...Na Ata de 08/02/2000 relata o recebimento de correspondência do Instituto Conselheiro Macedo Soares comunicando ter sido realizada a dedetização em suas dependências.

No dia 08/04/2000 foi realizada a 1a. Seresta do Bode contou com o apoio musical da Loja Vigilantes da Lei 30 N°76. Vários seresteiros se fizeram presentes, cabendo destacar a participação do Saudoso Irmão Abílio de Oliveira Filho que acompanhado pelo violão de JUCA deu um show. O serviço de buffet, a cargo da Cayrú, nada deixou a desejar.

Na Ata de 22/02/2000 voltamos a nos deparar com a reprodução de vozes no mundo profano se levantando contra a Maçonaria, tais como:

“Ser a Maçonaria coisa do diabo”.

Tendo sido distribuída cópia do documento para que todos pudessem fazer suas próprias reflexões.

Na Ata de 20/06/2000 nos deparamos com a informação de que a Home Page da Loja passará a ter um “link” para divulgar as atividades profissionais dos Irmãos e outros de utilidade pública; inclusive um sobre o Departamento Feminino.

E na Ata de 11/07/2000 encontramos informação de que a Home Page disponibilizará “trabalhos maçônicos”.

A Loja comemora o 99º aniversário de Fundação. A Sessão Magna ocorreu no dia 17/09/2000. Vários cayrús foram agraciados com a Medalha Comemorativa de Fundação do GOERJ; na mesma ocasião foi conferido o Título de Membro Honorário da Loja Cayrú ao Irmão Sérgio Tavares Romy, Grão Mestre do GOERJ. A Loja recebeu um mimo das Lojas Ganganelli do Rio, Brasil e Progresso e Ordem, simbolizando um maçom se libertado das

imperfeições de um homem comum; bem como um Diploma ofertado pela Loja Sete de Setembro.

Após a Sessão foi servido um coquetel que foi até às 23.45 horas, ao som de uma seleta música.

Tenho guardado comigo um texto, não me recordo de onde copiei, com o seguinte comentário quanto ao elogio:

“Você um dia fez algo realmente maravilhoso e todos o admiram por isso. Você agora se vê tentado a reviver a glória repetidamente em sua cabeça.

Resista a essas recordações, que servem somente para você mesmo. Pense maior!

O que mais você pode fazer daqui para frente? O que vem a seguir? Passe para o próximo ato positivo. Não podemos viver das coisas boas que fizemos ou dos momentos bons que vivemos. E se esperamos para receber elogios dos outros, vamos ter constantes decepções. Esqueça o que fez. A vida continua e é preciso fazer sempre mais.”

Não podemos a bem da verdade seguir ao pé da letra tais palavras porque estaríamos cultuando a ingratidão e até omitindo fatos dignos de destaque e de referências elogiosas: quer na beneficência, quer no que diz respeito ao melhoramento patrimonial da Loja e conforto para os Irmãos mais idosos ou com problemas de locomoção (subir escadas). Nestes termos, a Administração de 1999-2001, iniciou as obras em dezembro de 2000 para instalar um elevador no prédio da Ana Barbosa. A inauguração ocorreu no dia 06/02/2001 e as fotos do evento estão no capítulo “Recordatório”.

CAUSOS

Neste capítulo vamos incluir algumas informações colhidas pelos entrevistadores Irmãos Daniel Ferreira Brito e Jorge Gomes Rodrigues. O livro deveria ter sido escrito única e exclusivamente à vista de Atas e de outros antigos documentos tidos como registros fiéis dos acontecimentos, fatos ou atos. Seria muita pretensão de nossa parte desprezar as declarações que se seguem, as quais encaramos como a parte “pitoresca”; procuramos também não fazer deste capítulo um desfile de narrações que venham ridicularizar ou denegrir a imagem de qualquer dos envolvidos, procuramos fugir da tentação do inserir palavras ou fatos tendendo para a figura do “desfile de currículos”. Os escritos que se seguem também não são e nem devem ser vislumbrados como memórias maledicentes. Afinal uma Loja Maçônica é uma instituição que deve estar perfeitamente articulada entre seus membros e com o seu ambiente social, onde nunca é demais repetir que a Fraternidade é o meio que utilizamos para fazer funcionarem em perfeita harmonia todas as peças que compõem a sua estrutura.

Procuramos não explorar o fascínio que os ingênuos sentem em aceitar o sensacionalismo... “Um governante erra todos os dias, mas só se faz compreender e perdoar na medida em que no dia seguinte corrige os erros que cometeu na véspera” a frase é de Carlos Lacerda e nos leva a concluir que não podemos prescindir do fortalecimento de nossas colunas e assim estaremos materializando a consciência de que é agente da história e constrói o seu futuro sobre premissas que levam em conta, antes de tudo, a tríade fundamental da Ordem:

- Liberdade com ordem.
- Igualdade com respeito.
- Fraternidade com justiça.

Justificada a razão de ser do título deste capítulo: “CAUSOS”. Vamos passar ao trabalho de organizar e adaptar o texto das entrevistas na certeza de que:

“É nossa conduta verdadeira e não simplesmente nossa crença aparente que nos identifica perante Deus e os homens”.

Casamento em Porciúncula

A Cayrú compareceu com dois ônibus, vários carros e um avião (do Paulo Lugão), a um casamento maçônico realizado por uma Loja Maçônica de Porciúncula, pois o padre de lá, tendo brigado com o Benfeitor da Igreja, Irmão João Machado, negou-se a celebrar o casamento católico da filha do mesmo. A caravana foi hospedada em casas de Irmãos e até no hospital, por falta de hotéis. Na praça principal, o Irmão Antonio Magalhães distribuía cédulas novas de 5 cruzeiros, com um índio, à pobreza do lugar. Ouviu-se o jogo Brasil, pela Copa do Mundo, quando Pelé se contundiu e houve um empate de 0 x 0. À noite, o cayrú Marcelino Lopes, num rasgo de audácia lançou a candidatura de Álvaro Palmeira ao Grão-Mestrado Geral na sede do Fluminense Esporte Clube, da cidade. Palmeira foi eleito o Primeiro Grão-Mestre da turma do Grande Oriente Unido.

Abastado.

Há muitos anos a Loja Cayrú quase perdia um estimado Irmão, que posteriormente, tornou-se Venerável, pois na ocasião da sindicância, as mesmas revelaram que o mesmo era aposentado. Queriam vetá-lo, pois alegaram que seus proventos eram incompatíveis para assumir compromissos pecuniários com a loja; todavia, não sabiam que o mesmo era possuidor de uma polpuda conta de poupança!!!
Seria, com poupança ou não, uma grande perda!

Origem das sepulturas da Cayrú

O Irmão General Sergio Ernesto Alves Conforto era o Orador da Loja. Ao voltar do sepultamento do Irmão Adriano Moreira Coppieters, numa terça-feira chuvosa, manifestou toda a sua tristeza, por ter sido o mesmo enterrado em uma cova rasa. Isso desencadeou um movimento para aquisição de jazigos no Cemitério Jardim da Saudade - Sulacap. Conforto, embora afastado das lides da Loja, muito ajudou, como engenheiro, na reforma do prédio, na administração Sylvio Claudio, e só não retornou às atividades por ter assumido o cargo de Comandante do Exército do Oeste.

Subindo as escadas do Lavradio

Os cayrús lideraram uma comissão de 13 membros, criada na Assembléia Federal para fazer uma nova Constituição para o Grande Oriente do Brasil. O fim principal era permitir a reeleição do Grão-Mestre Geral, o que não era, então, possível.

Mas Álvaro Palmeira demorou tanto a se decidir que o seu Grande Secretário, Moacyr Arbex Dinamarco, reuniu vários Grão-Mestres Estaduais, e lançou sua candidatura, logo apoiada pela Cayrú, que abriu, inclusive, um Livro de Ouro para angariar fundos para a campanha.

Dinamarco, agradecido e parodiando um antigo político que, certa feita, dissera que iria “subir as escadas do Catete nos braços do povo” afirmou: “Subirei as escadas do Lavradio nos braços da Cayrú”. Eleito, cumpriu sua promessa e no dia 24 de junho de 1968, aguardou no saguão do Palácio Maçônico a chegada da Loja Cayrú e com os Irmãos subiu até o Salão Nobre onde tomou posse, juntamente com o seu Adjunto, o também cayrú Osmane Vieira de Resende.

E o sindicante pergunta ao candidato.

O Sindicante pergunta ao Candidato: - Com que então o Senhor já matou duas pessoas? O Candidato apressa-se a responder: - Foi, mas eu fui absolvido nas duas vezes.

O Sindicante aí diz que isso ela já sabia, mas só queria detalhes e pergunta: - Soube também que o senhor teve um desentendimento com um empregado e lhe um tapa, tendo ele caído e quebrado o braço. É verdade? O Candidato respondeu: - Sim, porque eu sou bom no gatilho e na pernada; não foi um tapa que eu dei, foi uma pernada.

Na votação, o Candidato recebeu só uma b.:br.: e o resto foram bb.: ppr.:. O Padrinho, autor da única b.:br.: comenta, lá fora: **COMO VAI SER AGORA, QUE ESSE CARAME COMPRA 300MIL DE MERCADORIAS POR MÊS.** O narrador do tão inusitado caso, jura com a mão no L.:L.: que isso aconteceu na Cayrú.

Irmão super assíduo nas festas.

Havia nos quadros da Loja Cayrú um Obreiro chamado Leão, não faltava qualquer evento festivo na Loja. Porém, usava uma vestimenta com bolsos tamanho “Família”, quando a mesa era posta, aproximava, disfarçadamente, o bolso junto da mesa e passava a régua, não sobrava qualquer vestígio das iguarias; enquanto isso a digníssima cunhada estava munida com uma grande bolsa esperando o marido para a arrecadação.

Localização da Pedra Fundamental.

Os Irmãos Adriano Coppieters e Francisco Borges Ribeiro Neto (Chicão), ao procurá-la nas escavações do subsolo do prédio, encontraram-na, com muitas moedas e jornais da época “1901”. Porém, o que mais chamou a atenção daqueles Irmãos foi um anúncio de aluguel de uma casa situada à rua Conde de Bonfim, pelo valor de “dois mil reis”, moeda da época, valor muito insignificante, a mesma possuía como atrativos ao pretenso locatário: Curral, Vacaria, Cavalariças na Tijuca.

A Pedra Fundamental estava localizada, no primeiro nível, no terreno, (referencial o nosso atual salão de festas) foi transferida, isto é, depositada no corredor principal de acesso à Loja Cayrú. Infelizmente o entrevistado não se recorda de mais detalhes. Assim sendo quem sabe um dia quando forem efetuadas escavações naquele corredor a encontraremos.

Não. Quem sou eu?

O Venerável mandou o Secretário pedir os cadastros de alguns Irmãos que tinham ido colar o grau 3.º na Loja Adonai, para ajudar a Cayrú, que não tinha condições de fazer a sessão. O GOB havia enviado os cadastros e foram entregues aos cinco que estavam em tal situação; mas a notícia era de que apenas quatro tinham chegado à Adonai. O Secretário começou a trolhar um por um, recebendo resposta adequada até que um lhe disse:

- Não. Quem sou eu? Mestres são vocês.

Ação louvável.

O saudoso Irmão Jayme Carvajales, em vista dos seus grandes conhecimentos concernentes às fábricas de calçados do Rio Grande do Sul, há aproximadamente 20 anos, ofertou às suas expensas todos os pares de calçados necessários às crianças do Instituto Conselheiro Macedo Soares.

Loja sem salão de festas.

Durante muitos anos as festas da Loja Cayrú foram realizadas nas casas dos Irmãos Magalhães e Adriano Coppieters, com refresco e sanduíches de pernil que eram preparados pelas cunhadas. Hoje temos confortáveis acomodações... O Salão de Festas já foi alugado para gregos e troianos, isto é, sua utilização não estava restrita às Lojas da Rua Ana Barbosa. E ao que tudo indica o benefício não compensou o custo da manutenção.

Churrasco esquisito.

Era hábito, na Venerança do Saudoso Irmão Jayme Carvajales, reunir-se após as sessões, no bar Dom Bora, situado na rua Silva Rabelo, para comer rãs e churrasco de polvo. A turma entornava bem, ou seja, uma base de 50 litros de chope...

Camelô metido a comerciante.

Um determinado Irmão do quadro apresentou um candidato à iniciação, que apesar de ser bem relacionado mentiu dizendo “ser comerciante”; após a sindicância, ficou provado que o mesmo era camelô; acontece que o Irmão que o indicou saiu muito magoado com os sindicantes, alegando discriminação.

Candidato fujão.

Efetuada os preparativos para a iniciação de um candidato; o mesmo, após adentrar a C. . R. ., ficou desesperado e fugiu pelas redondezas: nunca mais apareceu para dar explicações. Acredite se quiser! Isto aconteceu mesmo!

Do antigo Funil passando pela A La Carreteira... Hoje um de Curso de Idiomas.

O Funil foi um bar que existiu no terreno de propriedade da Loja Cayrú (rua Ana Barbosa ao lado da porta de acesso: 16 - sobrado), construído de pau a pique e sapé, através de um contrato com a Loja Cayrú; posteriormente foi demolido, dando lugar à Churrascaria La Carreteira que mais tarde, ou melhor, em 1999/2000 veio a falir. Nos dias atuais ali funciona um moderno curso de Idiomas CNA.

Hospitaleiro Nota 10.

Domingos Gonçalves, que fez escola na Loja Cayrú como Hospitaleiro, em face de sua grande dedicação ao cargo, envolvia de modo carismático todos a participarem das obras assistenciais, até mesmo fora dos limites do Rio de Janeiro.

Pechincheiro.

Há muitos anos na Loja Cayrú, um determinado Irmão apresentou quatro candidatos a iniciação, porém muito avarentos. Como bom pechincheiro queria que a Loja para iniciar os quatro juntos concedesse desconto na iniciação. Que coisa!

Grande Oriente Unido.

Em 1948 foi fundado o Grande Oriente Unido, sua sede foi na Loja Cayrú nº762.

Triunvirato foi a forma de sua primeira administração.

Este foi formado por Irmãos das Lojas Comércio e Artes, Cayrú e Henrique Valladares.

Bomba na Cayrú.

Por ocasião dos festejos dos 95 anos da Loja Cayrú, compareceu ao ágape o Grão-Mestre Geral, o Grão-Mestre Estadual, o Soberano Grande Comendador do R.:E.:A.:A.:., O Grão-Mestre Adjunto, o Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça, o Presidente do Conselho de Kadoch n.: 1, o Presidente do Consistório nº1 de Príncipes do Real Segredo, autoridades representantes de outros poderes quando um determinado Irmão passou por aquelas mesas e em tom jocoso comentou: *se caísse uma bomba na Loja Cayrú, haveria um estrago de cinco anos na Maçonaria Brasileira. Ainda bem que isto foi só uma elucubração mental.*

Vulto polêmico.

Era uma verdadeira biblioteca ambulante em assuntos maçônicos e das lides profanas; quem o conheceu poderá confirmar. Trata-se do saudoso Irmão Marcelino Lopes, ex-Venerável Mestre. Quaisquer pensamentos, idéias ou interpretações de rituais, leis, etc., que não coincidissem com sua ótica, porém, sempre eram motivos de controvérsias e ardorosa polêmica.

Queriam cortar a barba de Arão.

Um Irmão metido a conhecedor da Bíblia Sagrada, cismou de apagar no livro da lei do Salmo 133 a palavra “barba”, pois julgava que a mesma, além de ser repetida era desnecessária; inclusive pegou a caneta e riscou do referido Salmo a dita palavra. Incrível! Mas aconteceu mesmo.

*"1 Oh! quão bom e quão suave é que os Irmãos vivam em união!
2 É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a **barba**, a **barba** de Arão, que desceu sobre a gola das suas vestes;
3 como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordenou a bênção, a vida para sempre".*

Representação fantasma.

Os Irmãos da Loja sabiam que o Irmão “x”, não depositava no saco de filantropia seu óbolo e ainda mencionava em alta voz: - Que o Irmão “y” fazia-se representar. O Venerável combinou com todos os Irmãos que o saco correria duas vezes, porém na primeira vez ninguém depositaria nada. Somente o Irmão “x” não sabia daquela arapuca armada pelo V.M. Após o saco efetuar sua primeira coleta, sem nada colher, o V.M. perguntou ao Irmão “x” pela representação do Irmão “y”?

Desmascarado aquele Irmão, o saco circulou pela segunda vez com normalidade.

E fica a pergunta:

Isto foi preciso ser feito mesmo?

O mala.

Um Cayrú deixou de freqüentar a Loja, porque achava que o tronco de Beneficência não podia conter moedas, mas somente notas de grande valor.

Espiritismo é religião? Sim.

Consta que houve um Candidato que recebeu um voto desfavorável em seu escrutínio, porque declarou ser “espírita”. O opositor era um Irmão cuja religião era “católica” justificou seu voto dizendo: “Espiritismo não é religião é seita”. O pior é que o tal Irmão já morreu e já deve saber que Espiritismo é religião sim!

A Cayrú nas Artes

Em conversas mantidas com o 2º Vigilante daquela época, disse ele, que o fato gerador do I Encontro das Artes fora o presente feito em 20-9-1981, pelo Ir. Américo Ferreira Pinto, advogado e pintor, de um pequeno quadro à óleo. Tal fato chamou atenção da Administração da Loja para os pendores artísticos dos Irmãos e por extensão de algumas cunhadas.

Alias é bom mencionarmos que outros cayrús também revelaram durante os tempos um determinado sentimento artístico:

- Elias de Moura Pereira (poesia)
- Abílio de Oliveira Filho (canto)
- Orli Pacheco (guitarra)
- Rui Ferreira da Silva (teatro)
- Américo Ferreira Pinto (pintura)

Naqueles tempos na porcelena destacou-se a nossa cunhada Dalma (esposa do ex-Venerável Donald Fenton).

A Loja Cayrú tem alguns quadros à óleo que não chegam a ponto de constituir uma pinacoteca... Mas a obra do saudoso Ir. Américo faz parte do seu acervo desafiando a marcha inexorável dos tempos.

Orador esquecido.

Um Adjunto de Orador, nomeado só porque era já entrado nos anos, dizia que o titular - o Irmão Sylvio Claudio - não faltava nunca, não lhe dando chance de falar. O Venerável disse-lhe que usasse da palavra, no Bem Geral e como ele quisesse saber o que falar, recomendou-lhe que fizesse uma oração. No momento próprio, ao lado do Altar do Orador, ele pede a palavra e começa o vocatório: “Ó Grande Arquiteto do Universo...” Repete umas três vezes ou quatro vezes a invocação, dá um murro no Altar, e diz:

“P..., Venerável. Não é que eu me esqueci?...”

Banquete inesquecível.

Por ocasião do 75º aniversário da fundação da Loja Cayrú, foi realizado um Banquete Ritualístico que ficou na memória de todos. Pois bem não é que um Ministro do S.T.J.M lá compareceu acompanhado da esposa, nossa cunhada.

Bem o que aconteceu? Ele foi barrado!

Traído pelo coração.

Venerável em loja escutando um jogo de Futebol, disfarçadamente, através do fone de ouvido, ao pedir aos Irmãos para ficarem de pé gritou: Gool!!!

O verdadeiro embaixador da Loja

Atualmente a Loja Cayrú tem em seu quadro um Irmão deveras atuante: ele visita a maioria das Lojas a pé, às vezes utiliza-se do ônibus como meio de transporte, ele não dispõe de carro próprio. Tem semana que visita até oito lojas, sendo até duas no mesmo dia. Trata-se do Irmão Antonio Pereira de Lima que em reconhecimento ao seu trabalho é detentor do Título de Membro Honorário de várias Lojas da Jurisdição.

E no domingo o que fará o Irmão Antonio? Se o leitor pensa que ele fica em casa. Errou.

No domingo ele vai à feira de São Cristóvão a procura de antiguidades... E a garimpagem às vezes rende alguma preciosidade... Por exemplo, ele é possuidor de um antigo relógio maçônico e outras pequenas preciosidades.

Quando visita Lojas ele leva muito a sério as palavras de José Fuzeira:

“Ajude-mos nosso próximo, cooperemos como Irmãos, como fazem entre si nossos pés e nossas mãos”.

Não estamos enchendo “a bola”. Nas visitas ele está sempre desempenhando alguma tarefa, isto é, ocupando algum cargo. Ele não tem assento no Oriente.

Quanto a designação “O verdadeiro embaixador da Loja” a expressão encontra-se na Ata de 01/06/1999.

Bat Marterson

Um dos sofrimentos dos Aprendizes e Companheiros é a proibição de falarem em Loja. Quando chegam a Mestre, estão ávidos para darem seus palpites, seja lá sobre o que for.

Foi o caso de um Ilustre Irmão, culto, bem situado no mundo profano, que, na sessão seguinte à sua exaltação, esfregava as mãos não vendo a hora de falar.

O ex-venerável imediato, José dos Santos Azevedo, já idoso, bate à porta e o Venerável levanta-se, conclamando: “Vamos receber o nosso Past-Master condignamente.”

Foi a sopa no mel para o Irmão ansioso, que logo que a palavra foi franqueada, pediu-a e verberou o procedimento do Venerável, “que faltara com o respeito devido a um Irmão do quilate do Azevedo, mormente por já ser ele idoso”.

Ante a surpresa de todos, o Venerável Jayme Carvajales instou-o a dizer onde estava o desrespeito e ele prontamente, “É claro! Como chamar de Bat Masterson um Irmão do Quadro, principalmente idoso como aquele.”

Foi uma gargalhada geral, pois o “orador apressado” confundiu “Past Master” com um personagem então em moda na TV, que - como o Azevedo - usava bengala.

Nunca mais o crítico voltou à Loja...

PATRIMÔNIO

No capítulo Iniciações falamos que tudo indicava existir uma vontade indômita dos Fundadores e da Administração: **construir o Templo**. Pois bem, no dia 22 de setembro de 1901 foi constituída uma Comissão para Construção do Templo. Em 13 de outubro a Loja recebia as primeiras doações:

- dois bancos compridos de madeira e
- um empréstimo de 100\$000 (cem mil réis) para auxiliar na construção do Templo.

Consta ainda que os primeiros iniciados fizeram as seguintes doações para construção do Templo:

- 70 carros de pedra; 21.000 tijolos;
- 30 réis para compra da haste da bandeira da Loja.

Verificamos com maiores detalhes as doações quando nos dispusemos fazer a leitura minuciosa do **LIVRO DE HONRA onde encontramos registros de lançamentos feitos nos anos de 1901 e 1902**. Tivemos a curiosidade de somar as doações e **chegamos ao total de 8.576\$300**, quantia arrecadada em 67 inscrições naquele Livro: lotes de terrenos, telhas, malhetes, tapetes importados, muitos milheiros de tijolos (perfazendo um total de 41.000 (quarenta e um mil), balaustrada, impressos, livros, jóias para todos os oficiais da Loja, douração dos ornamentos da Loja, jarro e bacia para serem utilizados nas Iniciações, uma bolsa de veludo para o T.B, o banco de RReflex.º, vários carros de pedra, vários títulos de empréstimo (acreditamos seriam títulos de capitalização), a pedra fundamental da Loja, barricas de cimento, o gradil da varanda do Templo, balões para iluminação, além de vários cartões de auxílio no valor de 10\$000 cada um, ladrilhos, uma caveira e dois ossos, florete e o retrato do Visconde de Cayrú ricamente emoldurado.

Pergunta de um atendo observador:

- Será este o retrato que visualizamos encimando a entrada do Templo? Cuja foto reproduzimos em destaque no capítulo “O Patrono”. Tudo indica que sim, mas não dispomos de informações comprobatórias.

Na Ata nº10 (27/10/1901) encontramos referências sobre a compra de quatro lotes de terrenos medindo 32x34 e de mais dois naquela ocasião o Venerável fala sobre:

“O que Loja tem a realizar como seja, fundação de escolas, consultório gratuito e talvez mais tarde oficinas, precisará necessariamente de mais terrenos e por isso julga de toda conveniência que a Oficina trate de adquirir os lotes.”

Na leitura do Livro de Honra (pág. 11) encontramos a doação de 2 quadros feitos pelo Irmão Alberto Hecksker destinados a emoldurar a Lei Municipal da dispensa de emolumentos para a construção do Templo e o Certificado da mesma Lei.

As estátuas representando a Fé, a Esperança e a Caridade que podemos observar, ainda hoje, na fachada do prédio da Loja consta na Ata nº123 (1/8/1903) como tendo sido doação do Irmão José Teixeira de Almeida.

Em 3/12/1903 (Ata nº142) encontramos relatos que comprovam estar a **Loja capitalizada**:

| | |
|-----------------------------|-----------------|
| Construção do Templo | 30:412.910 réis |
| Terrenos | 3:059.000 réis |
| Móveis Utensílios e Alfaias | 5:820.000 réis |
| Doações | 4:437.000 réis |

Na Ata nº269 de 31/7/1906 encontramos relato referente a proposta da Com.ª. de Finanças sobre um empréstimo por **“DEBENTURES”**.

Mais à frente, na mesma Ata, encontramos o seguinte relato:

“As debêntures vencerão juros de 6% ao ano, pagos semestralmente e por semestre vencido, em 31 de maio e 30 de novembro de cada ano. Empréstimos resgatados em 20 anos e por quotas iguais nominais e transferíveis... transferíveis a Irmãos da Loja Cayrú entre si.”

Consta ter a Loja recebido solicitação do Asylo Valladares solicitando donativos (Ata nº271 de 7/8/1906), ocasião em que o Venenerável:

*“Lembra que o art.18 do cap. LX do Reg.:.Part.:. consta que **enquanto durar a construção do Templo** nenhuma outra despesa poderá ser feita para outros fins. Em vista do que não poderemos prestar o auxílio àquele Asylo.”*

Consta na Ata nº308 de 4/4/1907 que a Loja recebeu do Irmão Moreira Mesquita o gradil para a separação do Oriente. O gradil original foi substituído em 1994/1995 pelo atual de madeira.

Na Ata nº339 de 12/1/1908 no Balancete referente ao período de 1/6/1907 a 30/11/1907, encontramos Demonstrativo Patrimonial com as seguintes informações:

| | |
|---------------------------|-----------------|
| Construção do Templo | 62:259.770 réis |
| Terrenos | 2:944.500 réis |
| Móveis e utensílios | 4:177.000 réis |
| 380 debêntures | 19:000.000 réis |
| Valor total do Patrimônio | 73:909.370 réis |

Encontramos referência na Ata nº392 (9/2/1909) dando conta da **Proposta de anistia** para os Irmãos que doarem seus cupons das “Debêntures”, a Loja levará a crédito no Livro de Honra como donativos e em contrapartida os débitos com as mensalidades da Loja serão anistiados. A proposta foi aprovada por unanimidade, como sendo uma maneira encontrada para aumentar o número de frequência.

Na Ata nº480 (1/7/1911) Sessão Magna de Posse, lavrada em 8 páginas (com 38 linhas cada), portanto bem extensa, que contou com a presença do Irmão Dr.: Orlando Fragoso, representante do Gr.: Mestr.: Dr. Lauro Sodré, podemos verificar que compareceram Irmãos das LLoj.: Acácia, Ganganeli, Frei Caneca do Or.: de Pernambuco, Aurora Luzitana do Or.: de Manaus, Estrela do Rio, Amizade Fraternal, Luiz de Camões, Asylo da Prudência, Cap.: Esperança, Lyria e Esperança de Nicteroy. Terminada a Sessão os convidados foram conduzidos para o **Salão de Banquetes** onde lhes foi oferecido doces, champanhe, trocaram-se amistosos brindes e passaram a seguir para o **Salão de Baile** onde as danças se prolongaram até a madrugada. Tantas nas Atas subsequentes quanto anteriores não encontramos nenhuma referência sobre a possível localização dos Salões supracitados.

Na Ata nº 617 (18/3/1914) encontramos referências a um Balancete da Tesouraria dando conta de despesas feita com **Instalação Elétrica do Templo e de Seguro contra incêndio.**

Encontramos registro na Ata nº625, 1/7/1914, dando conta ter sido alugado, a pedido do Dr. Fabio da Luz, 3 compartimentos pelo valor mensal de 320.000 réis. Bem como que parte da ala direita do prédio foi alugada por 50\$000 réis para uma oficina de carpintaria. Nesta mesma Ata há registro sobre a entrega de uma Nota de materiais e mão-de-obra de serviços prestados à Loja por três Irmãos do Quadro num total de 182\$000 réis. Fatos como este nos levam a concluir que **as obras estavam bem adiantadas.** Em contrapartida verificaremos um pouco mais adiante que o gerenciamento dos metais deixava muito a desejar.

Na Ata nº637 (23/9/1914) verifica-se o seguinte lançamento no Balanço apresentado naquela Sessão de Finanças:

RECEITAS

| | |
|----------------|------------|
| Saldo recebido | 705\$000 |
| Mensalidades | 564\$000 |
| Aluguéis | 1:570\$000 |
| Total..... | 2:839\$000 |

Números estes que de maneira inequívoca demonstram o **grande crescimento da Loja** em 13 (treze) anos de existência.

Podemos dizer que **as obras prosseguem a todo vapor** o relato encontrado na Ata nº653 (28/4/1915), não deixa dúvidas sobre a proposta para executar a terça parte das obras necessárias ao salão pela quantia de 1.900\$000 réis.

Já agora examinando a primeira Ata do segundo semestre de 1915: a Cayrú parece viver **momentos difíceis no que diz respeito a administração de seus metais**, encontramos na Ata 658 (7/6/1915) o seguinte relato:

“O Venerável da conta que em dias do mês passado foi surpreendido pelo Tesoureiro que o procurou participando que como negociante... havia falido e na sua falência incluíra os metais pertencentes a esta Ben. :. Of. :. no valor aproximado de 1:600\$000. Nessa ocasião o referido Tesoureiro lhe dera uma promissória para pagamento à vista por ele emitida (pela sua firma comercial já falida) e em requerimento, ao síndico de sua massa, solicitou para juntá-la aos autos e incluir esta Ben. :. Loj. :. na lista de credores.”

Um pouco mais adiante, na mesma Ata encontramos o seguinte registro:

“O Dr. Domingos Ribeiro usa da palavra e diz que a Oficina precisa saber o que o Tesoureiro tem feito dos nossos metais, precisamos saber diretamente os motivos porque deixou de ser pago a ordem dada pelo Venerável ao Irmão Erico e o imposto predial até 1914. Acha que a irregularidade é grave, que a futura Administração, prestes a ser empossada não deve assumir responsabilidade de tal quilate, e na qualidade de Orador lavra o seu protesto”.

Vamos encontrar os primeiros registros sobre a contratação de **uma pessoa para fazer limpeza da Loja** no dia 29/9/1915 (Ata nº 667):

“O Irmão Teixeira Pinto lembra a conveniência de se contratar uma pessoa para fazer a limpeza da Off.: que está muito suja... O Venerável explica que a despesa módica altera o orçamento... uma limpeza radical e depois umas espanações poderão substituir o empregado para este fim. O Irmão Teixeira retira a sua proposta. O que é recusado. O Irmão Steenhagen acha que não é crível que a Loja não possa gastar 10\$000 réis mensais na sua limpeza. O Irmão Albuquerque declara ser solidário com a proposta do Irmão Teixeira Pinto.”

A proposta para contratação de uma pessoa para fazer a limpeza da Loja é aprovada.

Abordando a escrituração da Tesouraria transcrevemos o que encontramos na Ata nº678 (15/12/1915):

“Usa da palavra o Irmão Albuquerque para dar explicações a esta Off.: que como Membro da Com.: de Finanças tem encontrado muito mal escriturado a escrituração do nosso Irmão Tesoureiro, da Administração passada, motivo por que a Com.: tem custado dar conta de sua missão. O Venerável fala sobre a balbúrdia da Tesouraria e Secretaria...”

O Irmão Barbosa usa da palavra para dizer que o Irmão Loureiro (ex-Tesoureiro) não tem cumprido com sua promessa de entrar para os metais nos cofres da Off.: referente a dívida que ficou na sua gestão como Tesoureiro da Administração passada, de acordo com seu balancete que se acha na Com.: de Finanças, nem mesmo em pequenas prestações conforme seu compromisso assumido foram recolhidas”.

O assunto ainda é debatido na Sessão de 12/1/1916 (Ata nº680) onde a Com.: de Finanças dá conta à Loja do apurado: *“Falta de documentos justificativos de despesas feitas; ausência de talões de cobranças de mensalidades etc.”*

A leitura do Parecer da Comissão deixou perplexos todos os presentes tais as inúmeras irregularidades apontadas.

O Venerável usa da palavra para:

“Louvar a sinceridade da Comissão de Finanças pelos esforços empregados... lamentando que decorridos mais de 6 (seis) meses que deixou o cargo ainda não tivesse o ex-Tesoureiro cumprido com o seu dever, apesar de formais promessas”.

E continua:

“Não assumir nem mesmo participar da responsabilidade de tal irregularidade, pois por mais de uma vez já fez ver à Loj.: esse estado de coisas pedindo providências.”

Apesar de não pretender fazer acusações declara:

“Que o ocorrido muito depõe contra a administração que poderá ser acusada... e convida a Com.: de Finanças a entender-se com o ex-Tesoureiro afim de que, urgentemente, seja cumprido o mais breve possível o determinado na Constituição que nos rege. Usa da palavra o Irmão Albuquerque que declara ter o ex-Tesoureiro prometido-lhe entregar até o próximo sábado todos os metais

ainda em seu poder; declarando o Irmão Albuquerque não se descuidar e empregar esforços para que isso aconteça”.

Mais adiante encontramos ainda o seguinte:

“O Venerável declara não agradecer aos Irmãos Gonçalo e Albuquerque membros da Com.: acima falada, por ser esse um dos nossos deveres para com os nossos companheiros de luta. Ficando a Com.: encarregada de entender-se com o atual Tesoureiro no sentido de adquirir livros e mais papéis que ponha em ordem a escrituração da Loj.:”.

Acreditamos que este relato dará ao Leitor uma visão histórica de uma fase negra na escrituração da Tesouraria de nossa Loja e não vamos prosseguir no relato dos fatos porque não é nossa intenção denegrir a imagem de nenhum dos cayrús do passado e sim, demonstrar o grande ensinamento que encontramos nas palavras de Shakespeare:

“Há quedas que provocam ascensões maiores”.

Alguns compêndios que abordam a Teoria Geral da Administração nos dão conta de que vários fatores podem impedir que um empreendimento seja concretizado. Entre os quais podemos citar as seguintes obstruções:

- Teórica,
- Financeira e
- Organizacional.

Como todo administrador deve exercitar a liderança; é preciso ficar claro que o fato de delegar competência não exime o delegante da responsabilidade do controle. Mesmo porque se deve tomar por princípio que liderança é uma capacidade que pode ser aprimorada ou mesmo desenvolvida, muito embora existam “líderes natos”. A nossa realidade é bem diferente, estamos no ano 2001, evoluíram os mecanismos de execução e controle... Devemos ter em nós mesmo confiança para não desanimar e desconfiança bastante para não fazer tolices.

O desafio ainda maior ao administrar uma Loja do porte da nossa Cayrú está na humildade de atuar de forma coletiva, sem culto ao individualismo, com ações coletivas que exigem muita competência interpessoal para o desenvolvimento do espírito de equipe em saber partilhar o poder, delegar, acreditar no potencial dos Irmãos e saber ouvir.

As organizações, como os indivíduos, necessitam de objetivos a serem atingidos; caso os objetivos não sejam, adequadamente, estabelecidos, os esforços dos seus integrantes não se integrarão, podendo, inclusive, se oporem.

Finalizando o nosso comentário: um Venerável deve ter o espírito de luta aliado ao da iniciativa, assim como o de resignação, aliado ao de renovação; a fim de melhor adaptar-se às circunstâncias e vencer as dificuldades que a cada passo se apresentam... Onde o Administrar de maneira eficaz caracteriza-se por ideais exequíveis e baseado em projetos viáveis que contribuam para o desenvolvimento, a participação e o comprometimento das pessoas que compõem o agrupamento social.

Na Ata nº 687 (22/3/1916) o Venerável protesta sobre notícias (“... **as calúnias dos nossos inimigos gratuitos.**”) que falam sobre o abatimento das colunas da Cayrú.

Vamos encontrar registro na Ata nº699 (12/6/1916) que a **Prefeitura se encontra atrasada com os aluguéis** devidos (está em crise financeira) e que o Dr. Fábio da Luz, não está atualmente de boa harmonia com o Diretor de Instrução e parece até com o Prefeito.

A Loja enfrenta **problemas nas suas instalações elétricas** e o Venerável Mestre na Sessão do dia 2/8/1916 (Ata nº702) declara estar a procura do Irmão J.W.Ellente para realizar os serviços de eletricista.

Consta que na Ata nº720 (24/1/1917) por iniciativa do Venerável Mestre é proposto um voto de grande reconhecimento ao Irmão Lage pelos grandes serviços prestados a esta Loj. ∴ como seja a **ligação da água para o nosso sobrado.**

Encontramos relato da necessidade urgente de **reformatar o assoalho** da sala do centro ocupada com as aulas da Prefeitura e que o Irmão Lage prontifica-se a fazer a reforma para depois a Loja pagar. A oferta foi colocada em votação tendo sido aprovada por unanimidade (Ata nº720, de 18/4/1917). Após iniciada a obra, o Irmão José Lage, comunica ter que fazer a substituição de barrote e assoalho e que também a pedido do Professor está fazendo uma modificação na parte elétrica e acha vantajoso para a Loja por ficar com o salão do centro desocupado à noite e que o material que emprega ser diminuto, já existir na Loja, e que nada cobrará pelo acréscimo do trabalho.

Ainda voltando aos problemas, anteriormente, relatados referentes a Tesouraria cuja escrituração não estava em ordem; encontramos registro na Ata nº737 (5/9/1917) que **a Loja recebera 50\$000 réis por conta da dívida** do ex-Tesoureiro que se comprometera a fazer reembolso de igual quantia todas as semanas.

O assunto ao que tudo indica não está totalmente esgotado, a matéria volta à pauta na Sessão do dia 12/9/1917 (Ata nº 738) quando a Loja delibera sobre uma série de praxes para serem utilizadas pela Tesouraria, entre elas:

“Um novo modelo de escrituração do livro caixa; e que todos os documentos de receita e despesa tenham o visto do Venerável.”

Na Ata nº751 (20/2/1918) encontramos registro de que recebera a **sexta quota** no valor de 50\$000 réis do ex-Tesoureiro para amortização da malsinada dívida.

Na Ata de nº752 (28/2/1918) voltamos a encontrar relatos que dão conta da existência de uma Comissão para tratar da **venda do prédio** da Loja para a Prefeitura, inclusive verifica-se que o Irmão Duarte propõe que seja feito contato com o Grande Oriente no sentido de conseguir as dependências do Asylo Valladares para que lá funcionasse a nossa Oficina.

Cabe-nos informar ao Distinto Leitor que o Asylo Valladares, nome correto Asylo Henrique Valladares, funcionava sob os auspícios do Grande Oriente do Brasil, tendo sido fundado em 9 de Janeiro de 1904, tinha sua Secretaria na rua do Lavradio nº 81 no Rio de Janeiro e que aquela instituição era proprietária de grande prédio e terreno à rua Hermengarda, A-1 - na Estação do Meyer (é o que consta no Boletim nº2 de abril de 1907 Anno 32 do Grande Oriente do Brasil).

Pela leitura dos atos e fatos relatados na Ata nº753 (13/3/1918) os entendimentos para alugar todo o prédio da Loja para a Prefeitura por 400\$000 réis começam a prosperar e o acolhimento da Loja nas dependências do Asylo Valladares encontra a melhor aceitação junto ao Grande Oriente. Paralelamente a este movimento, o Intendente Municipal Sr. Nestor Arêas se empenha em trazer para as dependências da Loja a **Escola Bento Ribeiro**. Constatamos ainda pela leitura da Ata nº755 (10/4/1918) ter sido conseguido um aluguel de 450\$000 reis por todo o prédio, mas que havia um estudo para conseguir um meio de aumentá-lo. A baixa frequência à Loja, entretanto era o maior entrave que a Administração encontrava para colocar o assunto na Ordem do dia.

As coisas parecem se complicar, não bastasse a proposta de venda do prédio para a Prefeitura, agora chega à Oficina comunicação de que o Grande Oriente do Brasil tenciona adquirir o prédio, e na Ata nº761 (22/5/1918) é levantada uma questão de ordem, ou melhor um fator complicador para o andamento do assunto: sem autorização dos debenturistas **nada pode ser feito**.

As discussões continuam porque na Ata nº762 vamos encontrar relato dando conta de uma proposta do G.: Oriente no valor de 60:000\$000 pelo prédio, a ser pago em prestações, a primeira para quitar as dívidas e as outras em prestações de dez contos anuais e a Oficina ficaria ocupando os andares altos por 15 anos, para instalar um Instituto Maçônico. Os relatos são confusos tanto são os apartes e propostas.

As “controvérsias” continuaram... E nos deparamos com o registro na Ata nº765 (5/6/1918) dando conta da **renúncia do Venerável** e do envio de uma proposta a ser remetida ao Gr.:.Sec.: da Ord.: solicitando fosse dado conhecimento da Respeitável Diretoria da Associação Protetora e Mantenedora do Asylo Valadares e de Philantropia Maçônica que a Loja por maioria de votos decidiu não alienar o prédio de sua propriedade, sito à rua Ana Barbosa nº16 e por unanimidade ficou deliberado que a Loja alugasse o pavimento térreo, mantendo a Loja a sua sede no pavimento superior. Em vista do estado financeiro da Oficina e dos compromissos que tem para com os seus debenturistas, vê-se na contingência de solicitar a importância de 300\$000 réis a título de aluguel mensal e mais o pagamento do imposto predial à Municipalidade na vigência do contrato”. Ao que tudo indica a Loja passa por um momento de grande transição. Somente a leitura integral de várias Atas podem proporcionar uma visão real da situação; muito embora se por um lado tenhamos o compromisso de neste livro relatar fatos e atos ocorridos... Por outro lado temos a limitação em virtude das informações registradas em Ata às vezes não nos proporcionar uma visão correta e precisa do ocorrido.

Cá estamos no Ano de 1920 e verificamos constar da Ata nº842, de 4 de agosto, o seguinte:

*“O Venerável participa a Oficina que foi convidado a comparecer a uma reunião no Grande Oriente para **discutir as bases da reconstrução do edifício da Cayrú pelo Poder Central.**”*

Chegamos à Ata nº 1003 onde encontramos relato de que a Loja alugou por 200\$000 (duzentos mil réis) parte de suas dependências para abrigar o AYMORÉ FOOT BALL CLUB. Infelizmente ter tido **um Clube como inquilino** trouxe muitos aborrecimentos à Administração da Loja, é o que se depreende, principalmente, pela leitura, respectivamente, das Atas nºs 1042, 1043, 1044, 1046 e 1055, respectivamente de 9/9, 20/9, 25/11, 22/12/1925 e 26/5/1926.

As comemorações relativas ao 25º Aniversário da Loja Cayrú - Ata nº 1069 (15/9/1926) Sessão Magna (fechada) foi dirigida pelo Sob.: Gr.: Mestr.: Honorário Irmão Thomaz Cavalcanti de Albuquerque. *Tudo sem grandes badalações* (o grifo é a expressão são nossos).

Zelador - Na Ata nº 1.109 de 2/8/1927 vamos encontrar referências sobre a proposta aprovada por unanimidade para a contratação de um zelador.

Até agora muitos relatos foram encontrados dando conta da situação econômica-financeira da Loja e nos deparamos na Ata nº 1.112 de 23/8/1927 com proposta do Tesoureiro para que fosse realizada uma reunião sob a presidência do Sob.: Gr.: Mestr.: Dr. Octavio Kelly afim de que se ultimasse entendimentos com relação ao empréstimo que a Loja fizera para **o resgate da hipoteca do prédio do Grande Oriente do Brasil**. E na Ata nº 1.113 de 30/8/1927 verificamos ter sido aprovado **o empréstimo de dois contos de réis em dinheiro** e que outras Lojas também emprestaram dinheiro ao GOB para a mesma finalidade.

Na Ata nº 1.121 (20/10/1927) encontramos relato dando conta de que a Loja Cayrú e outras Lojas assinaram escritura de cessão de direitos creditoriais, tornando-se credoras do GOB (**13º Ofício de Notas Tabelião Mario Queiroz**).

Estamos no ano de 1929 e na Ata nº 1.228, de 16/12, vamos encontrar relatos dando conta de **obras a serem realizadas na Sala dos Passos Perdidos e na ampliação do Templo** com um custo de 6:000\$000 a ser pago em 12 promissórias de 500\$000.

Ata nº1490 (6/08/1935) vamos encontrar registro dando conta de que **parte do prédio fora cedido para a Prefeitura do Distrito Federal utilizar como Escola.**

A Loja capitalizada...

Vamos encontrar registro na Ata nº 1.530 (9/6/1936) dando conta da transcrição de um Balancete com o saldo da Tesouraria em 31 de maio de 1936 de 10:336\$900 (dez contos e tantos réis).

Transformação das alas do térreo do edifício em residências para alugar...

A conservação dos bens patrimoniais, podemos dizer sem errar, ter sido sempre uma das grandes preocupações dos nossos antepassados, haja vista o que consta da Ata nº 1.611 de 9/8/1938 dando conta de ter sido nomeada uma Comissão com a finalidade supracitada. E na Ata nº 1.613 de 23/8/1938 encontramos registro do parecer da Comissão: Parecer contrário tendo em vista o custo das obras e a quantia irrisória do aluguel mensal de 200\$000.

Quando da leitura da Ata nº 1.617 de 20/9/1938 fomos melhor **entender o porque da proposta “residência para alugar...”** o prédio necessitava de obras orçadas em 16:000\$000 (dezesseis contos de réis) naquela ocasião fora aprovado que na primeira Sessão de cada mês, circularia um tronco especial destinado exclusivamente ao auxílio ao custeio das obras que se tornam necessárias ao edifício.

Corroborando com nossa afirmativa sobre a preocupação dos nossos antepassados sobre patrimônio, vamos encontrar o seguinte relato na Ata nº 1.621 (22/11/1938):

“Concluídas as obras... A Loja terá conseguido os seus desejos de adquirir uma real e duradoura fonte de renda para manter-se dignamente à sombra dos malefícios.”

Na Ata da Sessão de Finanças de 16/11/1943 vamos encontrar registro de um saldo de:

CR\$10.595,10 (dez mil quinhentos e noventa e cinco cruzeiros e dez centavos).

Para deixar o pensamento do Irmão fluir, informamos que o salário mínimo à época era de CR\$260,00.

Pouco ou muito?

Qual seria o poder aquisitivo do salário mínimo?

O importante é que naquela sessão foi proposta a aquisição de um **cofre para guardar os metais da Loja.**

Na Ata de 9/5/1944 vamos encontra registro de proposta para que seja adquirida uma **máquina de escrever** para a Loja.

E as finanças? Vão bem obrigado.

O saldo de CR\$17.928,40 apresentado em 10/7/1945 se comparado ao de 16/11/1943, verificaremos que em dois anos houve **um acréscimo de 69,21%**. Tal resultado ensejou a Comissão de Finanças solicitar que fosse inserida em Ata uma menção de destaque pelo grande interesse e desmedido zelo no que diz respeito aos metais da Loja, dispensado qualquer encômio (elogio) ao Tesoureiro visto já ser sobejamente conhecido o Irmão Plácido Braga 18.: pelo seu critério e atuação.

Às vezes, quando consultamos uma nova Ata ou um documento, somos surpreendidos com uma nova informação. Ao manusearmos o Relatório da Administração (Ata de 19/5/1951) nos deparamos com o seguinte relato:

“Imóveis - mereceu especial atenção a inscrição do nosso imóvel no Registro Geral de Imóveis”.

(Nota: Trabalho do Irmão Joaquim Pinto de Magalhães).

Atentemos para o fato de que a escritura é de 24/8/1903 e somente em 5/3/1951 pôde ser legalizada, depois de penoso trabalho iniciado em 29/11/1949.

Vamos encontrar na Ata nº 5-56/57 (24/7/1956) registro das palavras do Venerável quando:

“Convida todos os Irmãos a se unirem com a finalidade de acharem uma solução para aquela ala e nos informa das possibilidades de construirmos o Edifício de apartamentos e lojas por preço bem mais em conta do que até então estávamos informados, inclusive das possibilidades de obtermos financiamento da Caixa Econômica Federal”.

Portanto, eis aqui uma prova cabal de que a Loja realmente tinha **encontrado o seu rumo e tudo parece seguir no sentido de consolidar o patrimônio**. E na Ata nº6-57/58 (6-8-1957) encontramos o relato de ter o Irmão Atila A. Delamonica feito uso da palavra para a entrega simbólica da obra da ala direita:

“Pede a citação em Ata dos Irmãos Benedicto Martins de Miranda que tudo facilitou para a concretização da obra e Adriano Moreira Coppieters, a quem devemos a construção pela sua sagacidade e empreendimento, sem a qual logo de início teria desistido, tais as dificuldades e exigências enfrentadas. Agradece também àqueles que indiretamente contribuíram para a obra que se incorpora ao patrimônio da Cayrú. As obras naquela ala estão dotadas de estrutura prontas para suportar mais dois ou três andares”.

E mais tarde, vamos encontrar na Ata nº 22-58/59 (27-1-1959) as primeiras ações para concretização da tão sonhada: solidificação patrimonial da Cayrú. As lojas comerciais incorporadas ao patrimônio durante certo tempo não foram administradas, diretamente pela Loja Cayrú. A rescisão do Contrato de Comodato foi apreciado, debatido e aprovado em Sessão de C.:M.: realizada no dia 4/2/1964 - Livro nº 29 da coletânea de Atas da Loja.

Conclusão: A primeira expansão patrimonial da Cayrú por dever de justiça e razão deve-se ao Irmão Atila A. Delamonica em que pese ter existido um Contrato lavrado entre as partes (no caso a Loja e aquele Irmão).

A Loja mobiliza-se para comprar uma **geladeira**, acolhida a proposta assinada por 12 (doze) Irmãos solicitando fosse creditado à Comissão de Compra da Geladeira o saldo existente nas constas Caixa Hospitalar e Fundo Escolar. (Ata nº 3-59/60, de 28/7/1959). E na Ata nº 8-59/60 (8-10-1959) consta pronunciamento do Venerável dando conta de ter sido concretizada a aquisição.

Na Ata nº10-59/60 (22-9-1959) nos defrontamos com registro de agradecimentos feitos ao Irmão Antonio Magalhães por sua atuação na fiscalização das obras realizadas no prédio; em virtude da falta de maiores detalhes, presumimos tenham sido aquelas realizadas em 1958/1959.

As excelentes realizações patrimoniais levadas a termo na Administração do Irmão Adriano Coppieters continuam sendo alvo de vários pronunciamentos em Loja (Ata nº 11-59/60, de 29/9/1960). Como até os dias atuais a Loja ainda tem em seu quadro Irmãos que participaram daquela administração (testemunhas insuspeitas) não estamos exagerando com as referências feitas no final deste capítulo marcando as 3 (três) Administrações de Adriano Coppieters como sendo um divisor de águas nas transformações patrimoniais da Loja Cayrú:

Antes e pós Adriano.

Foi constituída uma comissão composta pelos Irmãos Domingos Gonçalves, José dos Santos Azevedo, Isaias Pinna de Carvalho, Jayme Carvajalhes de Moura e Antonio Magalhães para estudar planos para elevar as rendas da Loja, com a finalidade de executar as obras necessárias ao melhor aproveitamento dos nossos imóveis. Tal Comissão não se furtou de dar parecer contrário a uma antiga idéia da Loja: a instalação de um Ambulatório (Ata nº 13-59/60 de 1210-1959).

Em outro capítulo dissemos que procuraríamos não fazer um desfile de currículos de Irmãos, em que pesem os serviços prestados por nossos antepassados 1901/1958, a Comissão supracitada foi fator preponderante. E reafirmamos que aos primitivos sempre renderemos as mais justas homenagens e o eterno reconhecimento: a leitura das Atas nos conduz a concluir o quão difíceis foram os primeiros cinqüenta anos da Loja Cayrú.

Em 28/6/1960 o Irmão Adriano Moreira Coppieters, reeleito para o exercício 1960/1961, toma posse.

Nas palavras de Lao Tsé: **“uma jornada de mil milhas começa sempre com um simples passo.”**; pois bem, na Ata nº4-60/61 (19-6-1960) encontramos registro de que aquela Administração firmara **o contrato para construção de uma loja comercial.**

No dia 26 de julho de 1960 a Loja realizou uma Sessão Solene na Sala dos PP. : PP. :., no térreo, a última realizada naquele local, onde funcionou:

- Montepio Cayrú.
- Escola Primária Cayrú.
- Gr. :. Sec do extinto Gr. :. Or. :. Unido

local onde inúmeras e importantes decisões foram tomadas no passado.

A marcha do progresso e as idéias para consolidar o patrimônio trouxeram como consequência a demolição daquelas instalações para dar lugar à construção da uma loja comercial.

Na Ordem do dia da ata nº 14-60/61 (8/11/1960) nos

deparamos com o detalhamento da obra. Eis alguns dados:

Na assinatura do Contrato CR\$ 300.000,00

Na concretização da 1ª laje CR\$ 250.000,00

Na entrega da loja com habite-se CR\$ 150.000,00

A simples citação dos números nos transmite a idéia de uma fartura de recursos. Ledo engano.

Continuando a leitura da Ata encontramos registro de que:

- 1) a 1a. parcela fora paga com um empréstimo obtido junto à Cooperativa Cultural Mista Gonçalves Ledo;
- 2) a 2a. pela Tesouraria da Loja, e
- 3) a 3a. com numerário conseguido por empréstimo feito aos Irmãos.

Duração da obra - 4 (quatro) meses.

Mesmo assim não pensem que tudo transcorreu num mar de rosas, céu azul e sem nenhuma turbulência, pelo menos é que entendemos quando da leitura das Atas de nºs 18-60/61 de 24/1/1961; 19-60/61 de 707/02/1961 e 23-60/61 de 14/3/1961.

O primeiro inquilino da loja foi o Banco Andrade Arnaud: contrato de 5 (cinco) anos e um aluguel mensal de CR\$25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros).

Na Ata nº26-60/61 (11-4-1961) consta que a primeira arrecadação de donativos rendeu CR\$1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) tendo a Loja pago as dívidas assumidas com a construção da loja comercial.

“Não pergunteis o que o vosso país pode fazer por vós; e sim, o que podeis fazer por ele”. Presidente Kennedy

Nesta linha de raciocínio vamos encontrar relatos de que os cayrús mobilizam-se em um Plano da Construção de Obras que deverão ser acrescidas às lojas comerciais já incorporadas ao Patrimônio da Loja Cayrú (Ata de 18/7/1978).

O ano de 1986 foi marcado por radicais mudanças na economia do país com o lançamento do **Plano Cruzado que congelou aluguéis e os rendimentos das Cadernetas de Poupança** como a posição de investimento da Loja fora concentrada em tais ativos podemos imaginar os embaraços enfrentados.

Na Ata de 9/6/1987 encontramos os seguintes registros, entre outros:

- substituído o assoalho da S.P.P. por laje pré-fabricada;
- reforma de banheiros;
- confecção de armários de madeira para S.P.P.;
- colocação de cerâmica no corredor de entrada da Loja.

Como a vida é uma constante batalha, na qual devemos mostrar nosso valor. Os cayrús sempre deram continuidade ao trabalho iniciado em 1901. Grandes desafios... Novos obstáculos a serem vencidos... Onde só os fracos se acomodam... Os fortes lutam por uma melhor posição na vida... E com certeza o último parágrafo do presente capítulo é uma justa homenagem a todos os que passaram para o Oriente Eterno e um dia contribuíram para a grandeza patrimonial da Loja Cayrú.

Tudo o que conseguimos escrever sobre o Patrimônio da Loja Cayrú construído em seus 100 de existência e que hoje, nós modernos, podemos usufruir e até nos vangloriar, foi fruto de muito trabalho, muita controvérsia, muitos altos e baixos... Muita determinação dos nossos antecessores **no bem fazer**; muito embora, conforme alguns relatos, tenham existido momentos nebulosos, eles foram relatados, não com o intuito de denegrir, criticar quaisquer atos ou fatos do passado, mas para que fique

registrado, de forma indelével e inquestionável, a grande responsabilidade que temos e com certeza terão os nossos sucessores. A bem da verdade, a partir de determinado momento estavam consolidadas as bases para um grande crescimento e estabilidade da Loja Cayrú. Cabendo enfatizar a visão futurista de um ex-venerável Adriano Moreira Coppieters, escudado em Jayme Carvajales de Moura. Sem desmerecer nenhum dos 40 (quarenta) ex-veneráveis, durante os três períodos na venerança ele alavancou o crescimento patrimonial da Loja e a partir daí todos os seus sucessores bem souberam conservar, ampliar e modernizar as instalações da nossa Loja, o que a coloca em confortável situação econômica-financeira.

Hoje a Loja Maçônica Cayrú conta com um moderno computador: um Pentium II 400. Mantêm-se atualizada... Acompanha o ritmo globalizante... Dispondo de uma página, com domínio próprio, conseqüentemente, utiliza-se das comunicações virtuais através da Internet (que é a rede de comunicação entre computadores mais usada no mundo) apesar de ter começado em 1969 com o nome de Arpanet, de repente se tornou moda e revolucionou os hábitos e costumes; não tem dono, não tem presidente, não tem sede e não tem limites geográficos. Podemos afirmar que após a incorporação do computador no cotidiano da Loja Cayrú o seu raio de atuação, em tese, tornou-se incomensurável.

Na áurea época das comunicações via rádio, encontramos registro na Ata de 6/6/1979 dando conta da existência de um Grêmio de Radioamadores Cayrú.

Voltemos ao computador... O acesso à Internet, essa malha fascinante de computadores - cérebros artificiais a serviço do homem - não está tão somente facilitando os trabalhos da Administração da Loja, às vezes suscita um estado de alerta: certamente a comunicação inter-máquinas sofisticadas e a facilidade no processar de informações administrativas, imitando a própria estrutura humana, sem, contudo, ultrapassá-la, tem seu lado positivo, mas também para alguns Irmãos tem o seu lado negativo,

como aliás todas as coisas no mundo dos homens, devemos, naturalmente, utilizá-las para o bem estar e aprimoramento humano, eis por que a ciência e a técnica não devem estar desgarradas da ética, da moral e do direito... Experiências pioneiras, como teletransporte de imagens, identificação biométrica, transferências de arquivos através de chips implantados em seres humanos, ressaltarão as relações mágicas e ainda pouco exploradas entre a tecnologia de comunicação e a ciência-ficção... Nos próximos anos ouviremos falar muito de processadores quânticos e de computação biológica. Algumas universidades já desenvolvem dispositivos que reproduzem o comportamento do cérebro humano. Com isso, podemos esperar uma espécie de evolução: em vez de PCs, a tecnologia ligará homens. É pena que muitos de nós não estaremos vivo para ver isso.

Por outro lado, atônitos assistimos o proliferar das Lojas Maçônicas Virtuais, isto é, Lojas, leia-se ou diga-se Irmãos, que se reúnem via Internet. Bom ou ruim? Certo ou errado? As perguntas se encaixam perfeitamente nos registros que encontramos na Ata de 06/07/1999, que abordou “assuntos maçônicos na Internet”. Fica patente, entretanto o seguinte: mais tecnologia e mais informação levarão sempre a mais problemas, cujas soluções só serão possíveis com mais tecnologia e mais informação.

Estamos vivendo, quer queiramos ou não e muitas das vezes até sem percebermos uma das mais profundas revoluções da história da humanidade. O único obstáculo, o idioma, já não é suficiente para detê-la; as fronteiras sejam elas nacionais, físicas ou culturais parecem inexistentes, tudo isto fazendo crer que o ser humano não mais depende de seus movimentos próprios para estar simultaneamente num supermercado, museu, universidade, numa sala de conversação e até em uma Loja Maçônica Virtual.

Mas qual a relação existente entre a abordagem que fizemos e o Centenário? Com certeza muito. Serve para que reflitamos sobre o futuro que nos aguarda:

Apenas estamos no início de um processo.

As transformações vão muito além.

Neste momento, 28 (vinte e oito) cayrús possuem endereço eletrônico, isto é, e-mail na Internet. Atente que o efetivo da Cayrú no momento é de 76 (setenta e seis). Portanto 36,84% dos cayrús já estão integrados na grande rede.

"O que somos?... Quanto valemós?"...Paremos para pensar... Em verdade não temos nada... Apenas somos gerentes do que está em nossas mãos. Nem mesmo o corpo que voltará a ser pó, não é nosso. Ele é apenas o veículo que serviu para que nosso espírito pudesse evoluir ou involuir de acordo com nossos desejos e nossas atitudes. Este sim, o espírito é eterno e de nossa propriedade que irá retornar para Ele, apresentando-se para o Grande Vestibular que apontará o nosso progresso ou carimbará nossa prova, com o fracasso. Ficam apenas, como sendo de nossa propriedade as atitudes positivas que serão apontadas pelos nossos pósteros. Portanto adeus vaidade, orgulho, inveja".

Nota: Texto adaptado do original escrito por Sérgio A. de Almeida - Rua Eurico Lara, 87 ap. 307 - 90880-390 - Porto Alegre - RS - Publicado no "O CAYRÚ"- ANO XLIII - nº1 - 2001.

"E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu." (Eclesiastes, 12:7).

A Loja consternada cumpre o doloroso dever de sepultar o último construtor e remanescente da época da notória expansão patrimonial: Jayme Carvajales de Moura. É o que consta da Ata de 10/08/1999.

Na mesma Ata encontramos registro de entrega das plantas dos acréscimos da cozinha/copa, do Salão de Festas, acompanhadas do memorando de aceitação das obras (HABITE-SE), informando que o documento terá que ser averbado no Registro Geral de Imóveis. E na Ata de 27/06/2000 nos dá conta de que o registro está quase concluído.

Chegamos ao final do capítulo Patrimônio e não encontramos, salvo tenha passado despercebido, nenhuma referência aos telefones de propriedade da Loja. Assim sendo registramos a existência de três linhas convencionais (2597-7644, 2269-1895 e uma outra ligada ao fax 2594-0224) bem como duas linhas de celular 9964-9540 e 9635-7458.

A CAYRÚ NA EDUCAÇÃO.

O conceito de Wesley C. Mitchell – “o maior dos recursos do homem é o conhecimento” - não só está correto, como nos alerta para uma verdade que deve permanecer sempre presente.

Convém traçarmos dois paralelos entre cultura e educação: quanto a primeira podemos dizer seja o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Nas ciências humanas, opõe-se por vezes à idéia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva que é a base das interações sociais; na segunda podemos dizer esteja o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social. Fica, entretanto a certeza de que só a conscientização das elites, procurando preservar e ampliar o estoque de conhecimento poderá iluminar o palco para um espetáculo mais gratificante e menos preocupante. Em vários episódios vamos observar a Cayrú e por extensão os cayrús envolvidos no fortalecimento da cultura nunca aceitando a falsa tese de que investir em cultura é desperdício, coisa de intelectuais, coisa de tolos ou sonhadores. Quando na verdade tal investimento é uma expressão de sobrevivência, de independência. Cultura é matéria vital tanto quanto o pão. Cultura na Cayrú não foi uma condição suficiente, mas necessária na luta pelo resgate social. Afinal sem cultura não haverá salvação. Neste cenário vamos encontrar os mais variados escritos relativos a Escola Cayrú que passamos a relatar que poderão ser úteis ao ensaio da busca de uma definição concreta quanto aos alvos prioritários dos cayrús no campo da educação e da cultura.

Na Ata nº 2, de 22 de setembro de 1901, encontramos a demonstração da preocupação reinante e de uma meta a ser

alcançada, encontramos o seguinte:

“O Venerável lembra a conveniência de serem estudadas e regulamentadas as bases da organização desta Aug.:Loj.: e que entre outras medidas, nesse estudo trate-se das condições em que deve ser adquirido o terreno na qual se tenha de construir o Templo para os nossos trabalhos, não se esquecendo de que essa construção deverá atingir também a dependência que destinará ao funcionamento das aulas que esta Loj.: tem em vista criar para as crianças necessitadas e que precisem de educação; e para tratar desse estudo e regulamentação nomeia uma Comissão composta dos Irmãos Dutra, Sousa Loureiro e Camara. O Orador, Irmão Loureiro propõe e a Loja aceita para que façam parte também da mesma Comissão o Venerável e o Irmão Muniz.”

No Livro de Honra da Loja vamos encontrar várias anotações com substanciais doações nos anos de 1901 e 1902 para a Escola Cayrú.

A Escola foi autorizada a funcionar em caráter semi-oficial conforme disposição da Lei Municipal - Decreto nº 864 de 26 de abril de 1902 que a isentou de impostos e emolumentos.

Na Ata nº146 (9/1/1904) encontramos a terceira convocação referente ao Projeto do Regulamento da Escola Cayrú, bem como sobre a abertura das aulas para a segunda quinzena de janeiro e encerramento em 15 de novembro.

Na Ata nº165 (4/5/1904) relata a entrega de um cartão destinado a angariar donativos para a Escola Cayrú a importância do cartão era referente à remissão do Irmão Bernardino Pereira da Silva Monteiro.

Em 12 de novembro de 1907, a Escola recebe a visita do Inspetor Escolar dos Cursos Noturnos, que faz um relato sobre a ordem dos serviços letivos; daquele documento destacamos o seguinte:

“Estavam presentes por ocasião da visita: 45 alunos, o digno professor e seu auxiliar. Corriam em perfeita ordem os serviços letivos. Rio, 12 de Novembro de 1907”.

No dia 30/1/1918, Ata nº748, consta registro de ter havido um desentendimento entre um Professor da Escola Visconde do Cayrú e o Irmão Steennhagen - 1º Vigilante de Ofício - tudo por causa das chaves de acesso às dependências da Escola. Entre outros desdobramentos houve até ameaça de transferir a Escola para outro local ou substituir o próprio Diretor. O fato se levado “a ferro e fogo” poderia ter resultado em prejuízo para as finanças da Loja. Mas foi encontrado um ponto de equilíbrio... E todas as divergências sanadas sem deixar nenhum ressentimento.

Na Ata nº751 (20/2/1918) consta ter a Loja recebido Ofício nº227 da Diretoria Geral de Instrução Pública Municipal, datado de 19/2, no qual comunica que, de ordem do Sr. Diretor Geral, estava entregando as chaves do andar térreo da nossa Loja, onde funcionava uma Escola Pública e cujo aluguel cessou aquela data. Naquele mesmo dia o Irmão João Steenhagen (1º Vigilante de Ofício) recebeu, das mãos do servente da **Escola Visconde do Cayrú**, 3 (três) chaves do andar térreo do edifício da Loja. Na mesma Ata há registro de conversas sobre a venda do prédio para a Municipalidade, mas que o Irmão Teixeira Pinto e Albuquerque se opusera, alegando que o edifício era o esforço e o trabalho de uma meia dúzia de dedicados que não se desfariam assim da casa.

Encontramos registro na Ata nº757 (24/4/1918) narra a visita do Prefeito ao prédio, por possuir salas muito apropriadas para uma Escola. Verifica-se pela leitura da Ata nº759 (8/5/1918) existir um impasse nas negociações, pois o Irmão Major Rêgo Barros diz que nada ficara resolvido sobre o prédio.

O jornal A Ord. ∴ publica matéria abordando a abertura de uma Escola nas dependências do prédio da Cayrú (Ata nº 787, de 5/2/1919).

Na Ata nº831 (28/4/1921) relata a necessidade de ser marcada dia e hora para entrega dos certificados e prêmios aos melhores alunos da “**ESCOLA NOTURNA CAYRÚ**”. E na Ata 834 (19/5/1921) encontramos uma relação completa dos prêmios, entre outros destacamos: um relógio de algibeira, uma caneta tinteiro, uma medalha de ouro.

As atividades na Educação desenvolvidas direta ou indiretamente pela Cayrú prosseguem e já desta vez vamos encontrar relato na Ata nº 955 (26/6/1923) na qual é alugada parte do edifício para que nele funcione um **CURSO DE LÍNGUAS**.

Na Ata nº 1.450 (9/10/1934) registra o fato de que a **Escola Municipal Padre Antonio Vieira** ainda funcionava no prédio da Loja Cayrú.

Na Ata nº1.490 (6/08/1935) encontramos registro de documento passado em Cartório dando conta da cessão de parte do prédio para ser utilizado pela Prefeitura do Distrito Federal para uso como escola.

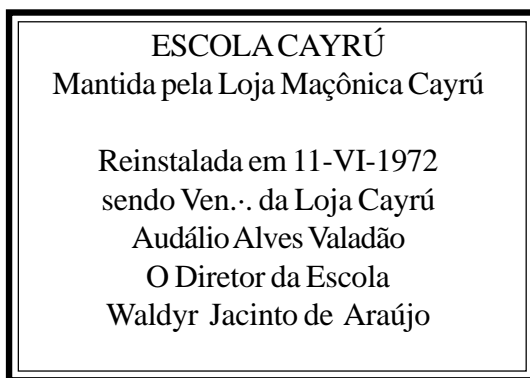
Muito embora o assunto não seja específico à educação, na Ata nº 1.613 (23/8/1938) faz referência aos primeiros relatos que tratam da fundação do Azylo... Dentre as quais surgiu a denominação da instituição “**Azylo Macêdo Soares**”.

Na Ata nº 1.616 (15/9/1936) consta que o Tronco fora entregue ao Presidente do recém fundado Instituto Conselheiro Macedo Soares.

Nas Atas da Loja Cayrú não encontramos referências sobre a paralisação das atividades da Escola. Em contrapartida encontramos em um Livro de escrituração da Escola Cayrú a Ata

de inauguração da **Escola Noturna Cayrú**, datada de 9 de agosto de 1919 e, posteriormente, uma de Reinstalação da Escola, datada de 11 de junho de 1972, cuja fita simbólica fora cortada pelo cayrú e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, Irmão Osmane Vieira de Resende.

No rebusco continuado realizado nos armários remanescentes da Escola Cayrú encontramos uma placa de metal com o seguinte teor:



*A placa foi fixada
na parede de entrada da sala
onde durante muitos anos funcionou a Escola Cayrú*

A Ata nº136 (17/10/1903) aborda o início das providências sobre o Regulamento da Escola Cayrú.

Ainda sobre a Escola Cayrú nos deparamos com grandes doações e até referências à existência, em suas dependências, de uma Biblioteca (Ata nº206 de 4/3/1905):

“... o Pod.:Ir.:Manoel Machado Guimarães faz doação para a Escola Cayrú de 50\$000 réis e este já presenteará a nossa Biblioteca com 72 volumes.”

Nos dias atuais a Biblioteca está localizada no Gabinete do Venerável Mestre.

Na Ata de 27/5/1947 encontramos registro de proposta para instalação de uma “**Escola de Alfabetização**” para maiores de 17 anos. A proposta fica sob malhete sendo nomeada uma Comissão Especial para encaminhar e resolver certos problemas que impedem, de imediato, a concretização de tal aspiração. A leitura do aludido documento nos conduz a concluir que o entrave residiu na redação do Contrato de Locação.

A Loja Cayrú desde os primórdios foi e, continua sendo a bem da verdade uma Loja Progressista, apesar de muitas idéias e ideais nunca terem saído do papel.

Não se trata de uma crítica, mas de uma constatação histórica onde só nos resta caminhar porque os caminhos são próprios da cada andarilho.

O tempo passa em sua marcha e estamos sempre buscando sustentação nos princípios de vida, de costumes, de vontades, de desejos, de esperanças e de fé, na certeza de que temos a confiança de existir e a coragem de ser.

Na Ata nº27-57/58 (28-1-1958) consta que:

*“... vários Irmãos reunidos na S.:PP.:PP.: resolveram criar um **CURSO DE ALFABETIZAÇÃO** , sob a orientação e colaboração daqueles Irmãos, e vinham solicitar a cooperação da Of.: para lhes fosse cedido o Salão da Secretaria, de 2ª a sábado, exceto nos dias de Sessão, isto sem acarretar despesas para a Loja, nem responsabilidades.”*

Colocada em votação a proposta foi aprovada por maioria. Um Irmão que votou contra, pediu a palavra e disse que assim procedeu por não conhecer maiores detalhes da criação de referido curso idealizado e, dando continuação às suas razões, disse ter conhecimento de uma Loja que teve esta iniciativa e que fora chamada a atenção pelo Poder Central; um pouco mais adiante, ainda fazendo uso da palavra, parece cair em contradição quando diz:

“... Pessoalmente, também não concorda com o funcionamento da escola dentro do Templo”.

Os debates se sucedem...

O 1º Vigilante pede a palavra para apaziguar os ânimos e diz:

“... tratar-se de uma simples autorização. Com ela os Irmãos vão preparar os demais detalhes, que então, poderão ser apreciados pela Of. :”

Esporte também é cultura:

Consta que na Sala dos PP.: PP.: ter funcionado, aos sábados e domingos, um curso de defesa pessoal para os filhos dos Irmãos do quadro da Loja Cayrú. (Ata nº 21-59/60, de 19-1-1960).

Na Ata (25/3/1975) consta a Loja Cayrú ter recebido **carta de uma ex-aluna dos Cursos de Datilografia e Corte Costura.**

Tal informação não deixa dúvidas nenhuma: a Escola está em pleno funcionamento. Em determinada parte da supracitada carta consta:

“...Hoje, graças ao aprendizado que com tanta dedicação me foi transmitido por essa Escola, consegui ótima colocação no Ministério da Educação e Cultura”.

Consta da Ata (7/12/1976) que 48 (quarenta e oito) alunos concluíram o Curso de Corte Costura, e 32 (trinta e dois) o de Datilografia, bem como 12 (doze) de Artesanato.

Na Ata de 02/12/1980, encontramos relato sobre os benefícios advindos da assinatura do **Convênio entre a Escola Cayrú e o Curso Bragança**.

Consta do Relatório de Administração da Loja que 1982:

- Fora reativado o Curso de Datilografia e introduzidas algumas modificações no Curso de Corte e Costura.
- Bem como de que aos sábados foram ministradas aulas referentes ao Curso de Técnicas Administrativas onde (6) professores de Nível 3, ministraram aulas de:

Português,

Cálculos Comerciais,

Técnicas de Procedimento Profissional,

Relações Humanas,

Organização e Técnicas Comerciais

para uma turma de 50 (cinquenta) alunos e que 200 (duzentos) outros já tinham concluído tais estudos.

Em 1982 o cenário político-social brasileiro foi marcado com as viagens ao pólo. A Loja Cayrú não poderia ficar omissa: organizou uma palestra que abordasse o tema:

“AANTÁRTIDA”

E para tanto convidou a Professora Teresinha de Castro (Ata de 22/6/1982). A palestra realizada no dia 29/06/1982 contou com seletor público.

As atividades da Escola Cayrú continuam a todo vapor... Ao lermos a Ata de 16/12/1986 verificamos ter sido marcada a **Formatura de 117 (cento e dezessete) alunos**. Um acréscimo de 143% (cento e quarenta e três por cento) se levamos em consideração que 48 foi o total de formados em 1976.

Dando prosseguimento ao trabalho de pesquisar, entre os documentos encontrados, nos deparamos com o Ofício MEC/IBC/GAB nº213 de 7/6/2000 (em papel timbrado) do SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT - DIREÇÃO GERAL - 1854 /2000) dando conta da manifestação não apenas de júbilo, mas do que isto, o reconhecimento pela dadivosa oferta com a finalidade de dotar o Núcleo Rural de Reabilitação de Itaboraí de recursos para os projetos... Não seria necessário, porém é sincero dizer-se que a Loja Cayrú 762 terá a eterna gratidão de quantos integram a difícil tarefa de educar, dar aptidões e finalmente socializar o Deficiente Visual em nosso País, nestes tempos de dificuldades”.

Encontramos também um recibo emitido em nome da Hospitalaria da Loja: “... quantia de R\$3.500,00 (três mil e quinhentos reais) para ser utilizada no Núcleo Rural de Reabilitação para Deficientes Visuais na aquisição de cavalos, arreios que servirão ao Projeto Equoterapia”.

E na Ata de 11/07/2000 encontramos registro do recebimento de correspondência relatando a inauguração do Núcleo Rural para Recuperação dos deficientes visuais do Brasil, em Itaboraí, dirigido pelo Instituto Benjamin Constant e externando agradecimento pela participação da Cayrú.

Sabemos que não podemos fazer maçonaria sem cultura. Portanto ao maçom, a cultura maçônica assim como a cultura geral, é um dever imperioso, sagrado, pois para bem viver, numa sociedade racional, em harmonia com os outros e conosco mesmo, num ideal de Fraternidade, necessário é o saber. Saber que nos proporciona uma compreensão superior do mundo e da vida, nos dá uma visão culta da realidade existencial, nos permitindo visualizar um mundo virtualmente fraterno, em constante busca do aperfeiçoamento dos ideais éticos. Goethe, o grande poeta e dramaturgo alemão (também maçom), que viveu entre os anos de 1794 e 1832 declarava:

“Nada existe mais terrível que uma ignorância ativa”.

Acrescentamos aqui aquele conceito de Moral Maçônica:

“A ignorância é a pior das escravidões e a maior de

todas as desgraças”. Para isso, necessário é que nossos constantes estudos, nossas efetivas aprendizagens, tenham um verdadeiro sentido.

Platão que viveu entre os anos 347 e 429 A.C já afirmava:

“Nem a Ciência é Ciência, nem o Sábio é Sábio, se não se colocarem a serviço do Bem”.

É de Confúcio o pensamento de há mais de 2.500 anos:

“O discípulo da sabedoria é muito diligente no que concerne ao dever; o homem vulgar, no que diz respeito ao interesse próprio”.

Marcando o início do ciclo de palestras comemorativas do Centenário da Loja, no dia 13/03/2001, compareceu o Irmão Ward de Souza Gusmão, Grão-Mestre do Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro, que abordou o tema “Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil”.

Na Cayrú, numa ascensão crescente, o Quarto de Hora de Estudos que, recentemente, teve sua nomenclatura alterada para Tempo de Estudos nunca foi descuidado. Pode até ter tido seus altos e baixos... Os cayrús, nele têm se ocupado para a exposição de assuntos de interesse da Ordem, de cultura geral, não se ocupando com matérias político-partidárias ou religiosa-sectárias. Assim sendo podemos bem qualificá-los como elemento incentivador da educação e da cultura, haja vista os temas apresentados: doutrina, filosofia, legislação, história, instrução de grau, simbologia maçônica e outros tantos de interesse da Ordem ou da Cultura Humana que têm sua semântica ligada a todos os graus e ritos. Com certeza as palavras do escritor de Luís de Matos bem traduzem o propósito maior de sua aplicabilidade:

“O dever que a cada um assiste, de quantos se encontram habitando este mundo é o de dizer ao seu semelhante, o que sabe de certo e de bom sobre uma experiência ou um conhecimento que colheu”.

Se tal não bastasse, acrescentamos ainda o fato de que quatro livros maçônicos, alguns até com edição esgotada, terem como autores Irmãos cayrús:

- 1) MANUAL DE ADMINISTRAÇÃO DE LOJA.
(Waldyr Jacinto de Araújo)
- 2) COMO SER MAÇOM
(Sylvio Claudio)
- 3) MANUAL DO ORADOR DE LOJA
(Sylvio Claudio)
- 4) A DINÂMICA DOS TRABALHOS EM LOJA
SIMBÓLICA.
(Elvandro de Azevedo Burity)

Agosto de 2000 um assunto muito em voga é o sexo. A Loja, acompanhando alguns segmentos responsáveis da sociedade, patrocina a realização de uma palestra abordando a seguinte temática:

Higiene e Educação Sexual.

Realizada no dia 05/08/2000 pela Psicóloga Dra. Maria Aparecida Linhares da Silva, contou com a presença de adolescentes, filhos, lowtons e parentes dos cayrús. A palestrante possuidora de conhecimento profundo do assunto, em linguagem acessível, soube bem explicar o tema proposto.

Estamos no início de 2001, o Ano do Centenário, a Administração da Loja, na área da educação, adota o lema:

EDUCAR PARA LIBERTAR.

Como dizia Paulo Freire:

“Nenhum educador de mediano bom senso vai achar que a educação, por si só, liberta. Mas também não pode deixar de reconhecer o papel da educação na luta pela libertação”.

Assim imbuída e consciente de que não se pode ensinar tudo a alguém, pode-se apenas ajudá-lo a encontrar por si mesmo; a Administração envidou esforços e obteve:

- Na Universidade Estácio de Sá - Unidade Méier - turno da noite - bolsa de 50% (cinquenta por cento) para Adriana da Costa Siviliano que cursará a cadeira de Direito.
- No Curso de Língua CNA - Unidade Méier - bolsa de 50% (cinquenta por cento) para Natacha e Raiza, respectivamente, filha e neta do saudoso Irmão Abílio de Oliveira Filho.

A MULHER NA MAÇONARIA

O assunto mais debatido nos últimos anos, sobre a Maçonaria, gira em torno do tema: “A Mulher na Maçonaria”. Em verdade o que impede o ingresso da mulher na Maçonaria tida como “Regular” vem de uma tradição de quase sete séculos surgida na Inglaterra.

Freqüentemente autores romantizam quando abordam o ingresso da mulher na maçonaria. Vamos fugir a tal paradigma narrando uma outra versão:

Consta que durante o período Operativo (1300 a 1700) o problema físico da mulher e as condições de trabalho, com os Beneditinos, como partícipes das Construções Religiosas (Conventos, Batistérios, Mosteiros, Catedrais, etc) não ensejavam espaço para o trabalho feminino. Não só físico, como o vestuário, as condições de higiene nos canteiros de obras, tudo era empecilho para o trabalho braçal feminino.

Depois veio a Maçonaria Simbólica, aquela que não mais trabalhava nas construções, cujos Membros, digamos, não dormiam e nem comiam mais nos grandes Avarandados chamados Lojas, que se erguiam ao lado das construções.

Com os Maçons Simbólicos (Aceitos), as reuniões passaram a ser realizadas nos cafés londrinos, nas cervejarias, nas estalagens, onde, por lei, era expressamente proibida a presença de mulheres nesses ambientes considerados como tradicionalmente masculinos. Quando a Maçonaria Moderna manteve a mulher fora de seus Quadros, não foi por discriminação, mas por respeito a uma tradição. Poderá alguma pessoa do sexo feminino considerá-la espúria, esdrúxula, fora do contexto do mundo moderno, mas é uma tradição. Embora tudo isso seja verdade, é verdade também que a mulher, aos poucos, com seu “jeitinho” todo especial, vem, de há muito, quebrando essa tradição. Muito embora na Maçonaria Brasileira, seguindo a citada “tradição”, não se admita a Iniciação

da mulher, há organizações maçônicas de mulheres, inclusive no Brasil, mas não são reconhecidas pelas chamadas Potências Regulares.

Algumas divagações a respeito das lojas das mulheres na maçonaria brasileira: “As Lojas de Adoção não eram verdadeiras Lojas Maçônicas e tinham esse título porque eram adotadas pelas Lojas masculinas e funcionavam sob a égide destas, possuindo seus modos de reconhecimento próprio que eram, obviamente, diferentes das usadas pelas Lojas masculinas. Elas resultaram de uma invenção francesa urdida mais para satisfazer à aristocracia francesa - até a imperatriz Josefina foi “iniciada” - e foram criadas no século XVIII, perdurando até o final do século XIX.. A primeira Loja de Adoção, no Brasil, foi a Sete de Setembro, de São Paulo, que funcionava sob a tutela da Loja Sete de Setembro e que foi criada em 1872 e desapareceu cerca de dez anos depois. As Lojas de Adoção foram extintas, através do Decreto nº 242, de 25 de setembro de 1903, do Grão-Mestre Quintino Bocaiúva, principalmente por pressões internacionais, já que as poucas Obediências mundiais que haviam criado Lojas de Adoção, já as haviam extinguido. E, para completar, hoje existem as Lojas do “Le Droit Humain” no Rio de Janeiro e São Paulo, sem qualquer vínculo, evidentemente, com o Grande Oriente do Brasil, ou com qualquer outra Obediência regular masculina.

As únicas Lojas de Adoção da Província/Estado do Rio foram: Estrela Fluminense (Rio de Janeiro - fundada em 1874 e dissolvida em 1877); Júlia Valladares (São João da Barra - fundada em 1902 e extinta em 1903) e Anita Bocaiúva (Campos - fundada em 1902 e extinta em 1903).

Apesar de não ser admitida à Iniciação, o papel da mulher na Maçonaria e, em particular, na Loja Cayrú foi e é tratado como de grande relevância porque entendemos que a mulher é o pólo basilar da família.

Atualmente, rara é a Loja Maçônica que não tem um Corpo Feminino atuante, ajudando os maçons nas atividades de

beneficência, sociais e de confraternização. Pode-se dizer que o valor de uma Loja é medido pela maior ou menor capacidade de atuação do seu corpo feminino.

Para que este capítulo seja mais abrangente foi denominado “A Mulher na Maçonaria”, muito embora o mais coerente fosse “A Mulher na Loja Cayrú”, afinal estamos escrevendo sobre a história da Loja.

Como nós Maçons somos “Irmãos”, as nossas esposas são chamadas de “CUNHADAS”, com importantíssimo papel, pois um indivíduo, se casado, só será um bom Maçom se tiver ao seu lado a sua mulher, no bom sentido, como cúmplice, compreendendo o trabalho por ele desenvolvido e ajudando-o.

A relevância e a magnitude do trabalho por elas desenvolvido merece no nosso entendimento uma maior amplitude, mesmo porque ele tem também como público alvo alguma parcela do povo brasileiro.

A primeira menção que encontramos sobre a mulher na Loja Cayrú consta da Ata nº773 (17/8/1918) ter o Venerável dito: *“Agradece a presença das Famílias; falando também na igualdade dos direitos da mulher.”*

Atentemos para o detalhe do ano: 1918. Portanto, bem antes do movimento feminista... Das igualdades dos direitos. E aqui podemos pensar no impacto de tal pronunciamento.

Já em meados do ano de 1923, na Ata nº 948 do dia 2/5, encontramos registro de proposta com o seguinte teor:

“No desejo ardente, de a Loja Cayrú melhor dignificar a verdadeira Maçonaria hodierna, pensa na realização de uma sociedade filantrópica, que seja profana, e formada pelas Exmas. Senhoras que a ela queiram pertencer, já se vê que esta sociedade terá todo apoio moral e material da Loja Cayrú, terá fiscalização

direta da Administração da Loja e funcionará completamente afastada de nossos trabalhos. Nossas leis maçônicas proíbem mulheres em nosso seio; mas está será uma sociedade profana, tendo tão somente o patrocínio da Cayrú; terá sede social em uma das alas do prédio desta Oficina, que a mesma cederá para o seu funcionamento. Os fins da sociedade ou outro título que venha a ter será o de filantropia, auxílio a pobreza, escolas às crianças deste bairro, divertimentos familiares entre seus associados, conferências e outros assuntos sociais.”

Continuando a leitura da Ata encontramos o seguinte registro, referente ao pronunciamento do Irmão Loureiro quando declara:

“Dar todo apoio porque os padres têm maneiras manhosas de catequização , conseguindo levantar igrejas e outros edifícios com o consenso da mulher.”

O Venerável coloca a matéria em votação que é aprovada por unanimidade.

E aqui como um bom observador uma interrogação fica no ar:
- *Teria sido este o primeiro grande passo em direção à criação do **CORPO FEMININO** da Cayrú?*

Vamos encontrar registro na Ata nº 957 de 23/6/1923 quando a Loja realizou uma Sessão de Posse (sem formalidades) por ter sido uma Sess. : Branca onde compareceram as Exmas. Famílias dos Maçons. Bem como uma banda militar executava com maestria trechos de óperas e música popular no salão térreo. Consta que o jovem Ary, filho do Irmão Alfredo Fialho (um cayrú), executara um solo em violino. Verificamos ainda o registro ter sido servido doces e chá; “entrando alguns casais a bailar até de madrugada”.

Na Ata nº1011 (5/11/1924) o Irmão Dr. Manoel Deodoro pede a palavra e consulta a Loja sobre um projeto em andamento da Sob. : Ass. : Ger. : que permite a inclusão e interferência da mulher na Maçonaria, se bem que com algumas restrições, mas concedendo-lhes títulos honoríficos.

Encontramos referências na Ata nº1.104 (1/7/1927) Magna de Posse de Administração, na qual a gentilíssima filha do Venerável da Cayrú, Coronel Alfredo Carlos de Iracema Gomes, solicita a palavra para ler uma eloquente peça oratória, referindo-se sobre **o papel da mulher brasileira perante a maçonaria.**

A Ata nº 1.130 (10/1/1928) registra palavras de agradecimento ao telegrama remetido, de felicitações à Digna Esposa do Irmão Carlos Alberto de Sá Miranda. A nossa intenção de trazer tal fato à baila foi tão somente para caracterizar o hábito da lembrança que os nossos antepassados tinham de não deixar passar em branco as datas comemorativas dos aniversários natalícios, casamentos.

Participação da Mulher em Festas na Cayrú.

Aconteceu no 27º aniversário de Fundação. Consta na Ata nº1.164 (15/9/1928) que depois de executado todo o programa em que foram ouvidos o Hino Maçônico cantado pela Gentil Senhorinha Ada Zuleika, acompanhado ao piano pela distinta Senhorinha Olga, seguiram-se outras apresentações onde os presentes puderam ouvir: “O Teu Olhar”, “Preludio da Opera 3 nº 2”, “Sinfonia do Guarany”, “Buteteryfly - Puccini”.

Na Ata nº 1.258, de 26/8/1930, encontramos relato dando conta da realização de uma Sessão Magna de Conferência na qual fora proferida pelo Irmão Jacy Rego Barros uma palestra abordando o tema: **A Mulher e a Sociedade Moderna.**

O brilhantismo do Natal de 1935 deveu-se em grande parte **aos serviços prestados pela Cunhada Acyr Carvalho Dackeux** é o que consta da Ata nº 1.513 de 21/1/1936, consta ter ela confeccionado e doado 576 (quinhentos e setenta e seis) presentes que foram distribuídos naquela ocasião.

Quando da Sessão Comemorativa do 37º Aniversário de sua Fundação, a Loja Cayrú prestou uma **homenagem à mulher brasileira**, oferecendo um ramallete de flores à esposa do Venerável (É o que consta da Ata nº 1616, de 15/9/1938).

Na Ata da Sessão Branca realizada no dia 19 de setembro de 1959, portanto, comemorativa do 58º Aniversário da Loja Cayrú consta o seguinte:

“HOMENAGEM À ESPOSA DO MAÇON”

Foi lido o poema EXALTAÇÃO À MULHER.

Consta ainda que coube a Sra. Leonor Suzart, da Loja Isis do Vale de Senador Camará, agradecer as homenagens em nome das esposas dos Maçons.”

Voltamos a encontrar referências ao DEPARTAMENTO FEMININO na Ata nº 21-61/62 (5/12/1961) quando naquela ocasião é dito o seguinte:

“...que se a Loja quiser apoiar o Departamento Feminino gozará de seus méritos e se não o fizer deixará de gozá-los”. Colocada em votação a proposta foi aprovada. A partir de então, acreditamos, estaria sendo reativado o Departamento Feminino da Cayrú. E fato contínuo, na Ata nº 23-61/62 (19-12-1961) nos deparamos com informes referentes ao Jantar de Confraternização realizado no dia 17/12 ao qual compareceram 52 pessoas.

A ingratidão não tem guarita... Consta da Ata de 03/05/1986 proposta para a realização de um almoço em homenagem

às cunhadas viúvas. E foi realizado no dia 14/5 às 12.30 horas no Restaurante Chop's (Ata de 17/5/1986).

Regimento Interno do Departamento Feminino - A
Ata de 19/8/1997 nos fornece a informação de ter sido assinado pelo Venerável Mestre e pelas cunhadas com cargos administrativos o Regimento, posteriormente registrado em cartório conforme instruções do Grande Oriente do Brasil e do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro. Portanto o Departamento existe de fato e de direito. O inteiro teor do Regimento também foi publicado no “O CAYRÚ” Ano XXXIX - Nº 1 - 1997.

O DEPARTAMENTO FEMININO DA CAYRÚ, nos dias atuais, ocupa a sala onde durante anos funcionou a Escola Cayrú e vem se mantendo dentro da máxima de que:

“Todo direito gera um dever”.

Encontramos o espelho de cristal usado no Curso de Corte e Costura. Por determinação da Administração 1999-2001 foi incorporado ao Museu da Loja Cayrú e exposto em local de destaque.

Pela Ata de 20/06/2000 tomamos conhecimento de que um “link” com informações sobre o Departamento Feminino da Cayrú será disponibilizado na Home Page. O endereço? É aquele mesmo: <http://www.cayru.com.br>

Nas palavras de Rui Barbosa: “A Mulher é a Síntese da Perfeição”. Portanto um Departamento Feminino terá tanto sucesso, quanto seus partícipes souberem falar, ouvir e batalhar, no bom sentido, que cada uma faça o que pode dentro de seus limites. Poderíamos dizer que assim como a competição está para alguns indivíduos;

a cooperação e a solidariedade estão para alguns conjuntos de pessoas que prestam serviços comunitários. Assim o Departamento Feminino da Cayrú nada mais é do que uma comunidade de células, de individualidades, que decidiram cooperar entre si, permitindo a prática da beneficência, tendo como força essencial e impulsionadora de suas atividades o espírito de solidariedade.

Encontramos ofício datado de 26/03/2001, remetido pela Associação dos Amigos do Instituto de Câncer, dando conta do recebimento da doação de 200 (duzentas) latas de leite em pó que serão utilizadas pelo Centro de Suporte Terapêutico Oncológico - CSXO - Rua Visconde de Santa Isabel, 274 - Rio de Janeiro - RJ.



Foto das cunhadas, tirada no dia 19/05/2001
(Festa do Dia das Mães).

Presidente de Honra
Maria Mathilde Lopes de Barros Silva

Presidente
Vany Claudio

1ª Vice-presidente
Xames Elias Bernacchi

Secretária
Arlete de Souza Rodrigues

2ª Secretária
Maria Lucia Borges Soares

Tesoureira
Marilene Ferreira Rubinstein

2ª Secretária
Rosa Rubinstein de Souza

Relações Públicas
Maria de Lourdes da Nóbrega Carneiro

CUNHADAS

(Em ordem alfabética)

Adélia da Rosa Maria
Aguimar Silva Brito
Alaide do Prado Russo
Almerita Almeida Vieira
Ana Lucia Baptista Diogo
Angela Maria Marapodi da Silva
Arlete de Souza Rodrigues
Beatriz Maria Rangel Fadista
Carla Manzo
Celeste Forte Pereira
Cely Corrêa e Silva
Consuelo Vieites Novaes
Cristina Valente Trotte Campos
Daise Burity
Dalva de Souza Matos
Elizabeth Rangoni Gomes
Eloisa Damazio da Silva Rezende
Fátima Caldas Quintaneira Ferreira
Fernanda Luiza Ribeiro Bittencourt
Geraldina de Lima
Heloisa Costa Gelman
Ieda Ribeiro Leo
Ivanete Moreira dos Santos Soares
Ivone Nunes Ajourio
Jaísa de Souza Neves Valladão
Jurema de Carvalho
Kátia Maria de Souza
Laurice Maria da Silva

Lucena Barbosa Madureira
Luzia Alves Ribeiro
Luzia Maria dos Santos Lopes
Marcia Cardoso dos Santos Pacheco
Maria Aparecida Medeiros Rodrigues
Maria Cecilia Heitor Namoratto
Maria Celeste Gaspar da Costa
Maria das Graças Marinho de Sena
Maria de Lourdes da Nóbrega Carneiro
Maria Josefa Restum Lopes
Maria Lúcia Borges Soares
Maria Luiza Seabra Nogueira
Maria Mathilde Lopes de Barros Silva
Marilene Ferreira Rubinstein
Marilene Jorge Guimarães
Mariza Teixeira Lapér
Marli Drumond da Rocha Galhardi
Marta Florêncio da Silva Fonseca
Mércia Rosemarly de Souza
Neuza Eutália Gonçalves e Souza
Neuza Maria Figueira
Neuza Nascimento Amarante
Ociléia dos Santos Rosa
Rosa Maria Chagas Ferreira
Rosa Rubinstein de Souza
Rosana Romaszko Gomes
Ruth Meirelles Vianna
Sandra de Andrade Corrêa
Sandra Maria Arnaut da Costa
Talita de Oliveira Canastra
Tânia Maria Sanches Marcellino
Tathiana Soares Pono
Tereza Gomes da Silva
Vânia Maria Fernandes Teixeira

Vany Claudio
Vilma dos Santos
Xames Elias Bernacchi
Yeda de Lima Almeida
Zilda da Silva Carnevali
Zilda Ribeiro Bittencourt

No dia 20/08/2000 foi realizado um churrasco nas dependências do Salão de Festas em comemoração ao DIA DOS PAIS; pela Professora Liane Costa Cavalcante foi feita apresentação de danças flamingas, espanholas e árabes e mais tarde apresentou-se o tenor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Senhor Sergio Ferreira acompanhado por um guitarrista solando músicas italianas.

O Departamento Feminino da Loja Cayrú continua reunindo aos cayrús. É o que podemos constatar quando da leitura da Ata de 17/12/2000 abordando realização da Festa de Confraternização do final de ano.

O Departamento com sua força e bom gosto, sorteu lembranças e utilidades de elevado valor entre as cunhadas. Ao evento compareceram 84 (oitenta e quatro) pessoas.

Consta ainda que com esta festa a Loja se despediu do ano 2000 e do milênio: uma reunião de muita paz e com as nossas famílias se confraternizando.

Os cayrús dançaram ao som de uma boa música deixando a certeza de que em cada passo percorremos diversos caminhos, em cada giro viajamos o mundo, em cada olhar transmitimos desejos, em cada toque transcendemos a emoção, em cada dança sonhamos com os pés no chão.

OBREIROS

Pessoas há que costumam recordar sempre os feitos dos Maçons de antigamente, que fizeram a Abolição da Escravatura e a Independência do Brasil e costumam pensar que a nossa tão decantada força se esvaiu. Ledo engano. A força de nossa Loja Cayrú está onde sempre esteve, i.e, nas suas colunas, onde a condição sócio-econômica não é pré-requisito para a inteligência, onde se fomenta o discernimento necessário para salvaguardar os pilares que sustentam, em particular a nossa Centenária Loja e a Maçonaria em geral.

QUADRO DE OBREIROS

(Ativos e Regulares em junho de 2001. Organizado por ordem da data de iniciação)

1. Ary Azevedo de Moraes - 17/6/1944 - (GB-DP)

Padrinho: Geraldo de Oliveira

2. Euler de Souza Novaes - 23/3/1954 - (GB)

Padrinho: Leon Sabá

3. Eduardo Lourenço - 23/03/1954

Padrinho: Osmane Vieira de Resende

4. Uriel Pedras de Athayde - 18/2/1957

Padrinho: Jarbas Lopes

5. Sylvio Claudio - 3/6/1958 - (GB)

Padrinho: José dos Santos Azevedo

6. Francisco Borges Ribeiro Neto - 2/2/1960

Padrinho: Osmane Vieira de Resende

- 7. Onofre Namoratto - 5/11/1961- (GB)**
Padrinho: Djar Mendes Ferreira
- 8. Alírio Walter de Oliveira - 14/5/1963**
Padrinho: Walter Muga
- 9. Joaquim Alves Pereira - 27/10/1964**
Padrinho: Osmane Vieira de Resende
- 10. Isaac Gelman - 27/12/1964**
Padrinho: Ladislau Biskop
- 11. Dinajar de Oliveira e Silva - 15/5/1965**
Padrinho: Goniglo Alves de Souza Filho
- 12. Manoel Corrêa Nunes - 12/7/1966**
Padrinho: José Carneiro Bessa
- 13. Eurico Divon Galhardi - 28/2/1967 - (GB)**
Padrinho: Nilton Borges da Silva
- 14. Joaquim Tavares da Silva - 14/11/1967**
Padrinho: Elias Mariano da Silveira Lobo
- 15. José Rodrigues - 17/3/1968**
Padrinho: Pache de Farias
- 16. João Lopes Neto - 26/7/1969**
Padrinho: João Bernardo M. da Silva Areal
- 17. Edson Pereira de Almeida - 21/4/1970**
Padrinho: Abílio de Souza
- 18. Elvandro de Azevedo Burity - 11/11/1970 - (BN)**
Padrinho: Roberto Miranda

19. Álvaro Francisco Canastra - 4/9/1971 - (GB)

Padrinho: Antonio Delacio Filho

20. Wanderley Theodorico Vianna - 7/11/1971

Padrinho: A.C. Moreira Marques

21. Henrique Marini e Souza - 25/4/1972

Padrinho: Waldyr Jacinto de Araújo

22. Gilson Leo - 09/12/1972

Padrinho: Adalberto Delicato

23. José Leitão Gomes - 05/6/1973

Padrinho: Waldyr Jacinto de Araújo

24. Daniel Ferreira Brito - 22/06/1974

Padrinho: José Francisco Queiroz

25. José Antonio da Silva - 10/9/1974

Padrinho: Nilton Borges da Silva

26. Evanyr Seabra Nogueira - 09/11/1974

Padrinho: José Maria Leão

27. Marcus Lopes Bittencourt - 24/10/1975

Padrinho: Wilson de Almeida Guimarães

28. Fernando Augusto Diogo - 19/6/1976

Padrinho: Ivan Fernandes Rocha

29. Walter Jorge Guimarães - 4/9/1976

Padrinho: Sylvio Claudio

30. Adylson de Albuquerque Ennes - 19/7/1977

Padrinho: Waldyr Jacinto de Araújo

31. José Nunes de Matos - 18/3/1978

Padrinho: Manoel Faria

32. Ibis Ajório - 10/10/1978

Padrinho: Waldyr Jacinto de Araújo

33. Ivo Carneiro - 23/2/1979

Padrinho: Arnaldo Silva

34. Edson Fortes Rangel - 4/12/1979

Padrinho: Carlos de Sant'ana

35. Ralf Goulart Campos - 03/06/1980

Padrinho: Audálio Alves Valadão

35. Fernando Conde Sangenis - 17/12/1980

Padrinho: Benedito José de Souza

37. Ivanir da Silva - 25/4/1981

Padrinho: Sigfrid Stute Jabim

37. Nilson Pinto Madureira - 10/3/1981

Padrinho: Carlos de Sant'ana

38. Geraldo Vidal Marcellino - 8/9/1981

Padrinho: Sylvio Além

39. Rui Ferreira da Silva - 10/6/1981

Padrinho: Evanyr Seabra Nogueira

40. Antonio Joaquim da Rocha Fadista - 17/11/1982

Padrinho: Arthur Domingues

41. Everaldo Galdino Ferreira - 23/6/1984

Padrinho: Elvandro de Azevedo Burity

42. Sidney de Souza Valladão - 22/12/1984 - 3/9/1985

Padrinho: Pedro de Lima Araújo

43. David Gomes da Silva - 3/9/1985

Padrinho: Izidro Marchezan C. Beber

44. Ronald da Silva Rezende - 27/7/1985

Padrinho: José de Castro Quintães

45. Francisco Carnevali Júnior - 17/10/1985

Padrinho: Celestino Gomes C. Brandão

46. Arnaldo da Penha Rosa - 26/5/1986

Padrinho: Ely Ortiz Corrêa

47. Carlos Loureiro Amarante - 18/10/1988

Padrinho: Uriel Pedras de Athayde

48. Raimundo dos Santos Maia - 18/10/1988

Padrinho: Osmar Carvalho Nogueira

49. Fernando Benévolo Andrade Filho - 1/12/1989

Padrinho: Luis Carlos Daltro

50. Francisco de Assis de Sena - 1/12/1989

Padrinho: Raimundo Nonato de Lima

51. Guilherme Assunção de Góes - 1/12/1989

Padrinho: Sylvio Claudio

52. José Rômulo Fialho Soares - 2/12/1990

Padrinho: Virgílio Lopes

53. Antonio Pereira de Lima - 28/4/1990

Padrinho: Jorge Bisbauk

54. Isaque Rubinstein - 7/8/1990

Padrinho: Sylvio Claudio

56. Luiz de Souza - 7/8/1990

Padrinho: Sylvio Claudio

58. Paulo Cesar Alves Bernacchi - 7/8/1990

Padrinho: Onofre Namoratto

55. Jorge Francisco Russo - 25/8/1990

Padrinho: José Elísio Frota Neto

59. Celso de Souza Silva - 19/11/1990

Padrinho: Abílio de Oliveira Filho

57. Mario Victor Bonnet - 18/12/1990

Padrinho: Assis de Oliveira Bastos

60. Osny Pacheco Filho - 19/11/1991

Padrinho: Carlos Loureiro Amarante

61. Fernando Luis Dias Ferreira - 30/3/1993

Padrinho: Dinajar de Oliveira e Silva

62. Sizenando da Silva - 30/3/1993

Padrinho: Carlos Loureiro Amarante

63. Ruy de Oliveira e Silva - 27/7/1993

Padrinho: Carlos Loureiro Amarante

64. José Dile da Guia - 12/9/1995

Padrinho: Francisco de Assis Sena

65. Alexandre Martins Coelho - 2/7/1996

Padrinho: Sylvio Claudio

66. Ivo Carneiro Filho - 2/7/1996

Padrinho: Ivo Carneiro

67. Wilson Cruz Alves - 2/7/1996

Padrinho: José Carneiro Bessa

68. Jorge Gomes Rodrigues - 17/3/1998

Padrinho: Uriel Pedras de Athayde

69. Adalberto de Almeida Soares Filho - 14/7/1998

Padrinho: David Gomes da Silva

70. André Gustavo dos Santos Valente - 15/12/1998

Padrinho: Marcus Lopes Bittencourt

71. Dalckson Augusto Vieira - 15/12/1998

Padrinho: Rubens Augusto Vieira

72. Luiz Fernando Montenegro da Silva - 15/12/1998

Padrinho: Rui Ferreira da Silva

73. Sérgio Ricardo Soares Lisboa - 15/12/1998

Padrinho: Alexandre Martins Coelho

74. George Pacheco Corrêa - 15/2/2000

Padrinho: Uriel Pedras de Athayde

75. Paulo Alexandre da Fonseca Moreira - 17/4/2001

Padrinho: Álvaro Francisco Canastra

Convenção:

GB - Grande Benemérito **BM** - Benemérito **DP** - Portador da Comenda D. Pedro

“A Maçonaria é a entidade mais sublime que conheci. É uma instituição fraternal, na qual se ingressa para se dar, procurar fazer o bem e exercitar a benevolência”.

François Marie-Arue (Voltaire)

Como os símbolos dirigem o homem, a ele se impõem tornando-o feliz ou miserável, passamos a mencionar os Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito praticado na Loja Cayrú 762, cada um inserido em uma categoria pugnando pelo estudo do Homem físico e intelectual, bem como do Universo em geral; pelo estudo dos direitos e deveres do Homem; pela efetivação dos direitos e deveres e, finalmente, pelo estudo da organização do R.:E.:A.:A.:

I - Subordinados ao Grande Oriente do Brasil (Obediência Simbólica)



a) Na Loja Simbólica

(Augusta Respeitável Grande Benfeitora e Grande Benemérita Loja Simbólica Cayrú 762):

- 1 - Aprendiz
- 2 - Companheiro
- 3 - Mestre

II - Subordinados ao Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Obediência Filosófica)

a) Na Loja de Perfeição Cayrú

- 4 - Mestre Secreto
- 5 - Mestre Perfeito
- 6 - Secretário Íntimo
- 7 - Preboste e Juiz
- 8 - Intendente dos Edifícios
- 9 - Mestre Eleito dos Nove
- 10-Mestre Eleito dos Quinze
- 11-Sublime Cavaleiro Eleito
- 12-Grão Mestre Arquiteto
- 13-Cavaleiro do Arco Real
- 14-Grande Eleito, Perfeito e Sublime Maçom

c) No Sublime Capítulo Cayrú

- 15-Cavaleiro do Oriente ou da Espada ou da Águia
- 16- Príncipe de Jerusalém
- 17-Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
- 18-Cavaleiro Rosa-Cruz ou Soberano Príncipe Rosa-Cruz

d) No Conselho de Kadosch

- 19-Grande Pontífice ou Sublime Escocês
- 20-Mestre Ad Vitam
- 21-Patriarca Noaquita ou Cavaleiro Noaquita
- 22-Príncipe do Líbano ou Cavaleiro do Real Machado
- 23-Chefe do Tabernáculo
- 24-Príncipe do Tabernáculo
- 25-Cavaleiro da Serpente de Bronze
- 26-Príncipe de Merci ou da Mêrce ou Escocês Trinitário
- 27-Grande Comendador do Templo Soberano ou Comendador do Templo de Jerusalém
- 28-Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto
- 29-Grande Cavaleiro Escocês de Santo André da Escócia ou Patriarca das Cruzadas
- 30-Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca ou Negra

e) No Consistório

- 31-Grande Inspetor Inquisitor Comendador
- 32-Sublime Príncipe do Real Segredo

f) No Supremo Conselho

- 33-Grande Inspetor Geral

PREPARATIVOS PARA O CENTENÁRIO

Neste penúltimo capítulo vamos recordar alguns fatos referentes aos Preparativos para os Festejos do Centenário da Loja Cayrú. Entretanto, podemos, sem hesitação, afirmar que a Festa do Centenário encontrou a Loja em ordem, sem entreschoques e distensões; e o que é mais importante que tudo: abençoada por Deus, o Grande Arquiteto do Universo.

Administrar uma Loja é ter como lema:

O compromisso de assumir desafios.

Onde inserimos o compromisso com os Irmãos da existência material e até com aqueles do Oriente Eterno, juntos, desejando a evolução intelectual, moral e espiritual da Oficina, procurando sempre restabelecer o milenar conceito de comunidade sob o amparo do Grande Arquiteto do Universo em quem não acreditamos pelo simples ato do sentimento de fé, mas da certeza íntima, racional da sua existência.

Aparentemente, é fácil preparar uma Loja para o seu Centenário. Realmente é fácil, se os recursos são fáceis, se a equipe é coesa e cultua o espírito de grupo; dos três o único que foi necessário algum ajuste foi o primeiro (recursos), realizado na última Sessão de Finanças de 1999 (mês de novembro) quando foi alterada a proposta anterior referente à provisão de recursos passando de 5% da renda líquida para 10% da renda bruta.

Ainda no ano de 1999 várias providências foram tomadas pela Administração da Loja, entre elas, destacamos:

1) a inclusão do dístico: Rumo ao Centenário em toda correspondência emitida pela Loja.



2) confecção de plástico para carro e camisetas.

3) confecção de calendário (auto-adesivos) para o ano 2000.



Estamos de volta das férias maçônicas, portanto no ano de 2000, muitas sugestões, garra e determinação para realizarmos a Festa do Centenário, destacamos as seguintes iniciativas:

a) confecção de medalha comemorativa.

A Medalha Comemorativa do Centenário da Loja Cayrú foi criada nos termos do que preceitua o Art. 49 do Estatuto da Loja, onde se lê:

“A Loja poderá criar condecorações e emitir Diplomas com fim específico e em número limitado, para comemorar evento”.

Idealizada pelo Historiador Maçônico e Numismata KURT PROBER, Maçom possuidor do maior arquivo de documentos maçônicos dentre quantos existam.

Ele concebeu a medalha assim:

A medalha tem a forma de uma ampulheta, que é um instrumento composto de dois vasos cônicos ligados por um pequeno orifício, vasos esses fixados a uma armação. Destina-se a medir o tempo, pela passagem de fina areia, de um vaso para o outro, sendo um superior e outro inferior, invertendo-se as posições quando terminado o ciclo.

O interior das duas esferas representa a Loja Maçônica, cuja vida deve estar em constante movimento, com a areia escorrendo sempre, de um vaso para o outro. Parado o movimento, pára também a vida da loja. O que ocorre, também, na vida familiar, quando o amor fraternal pára e o entupimento do pequeno orifício faz com que acabe a vida em comum.

O pressuposto do idealizador da medalha foi que, no dia da fundação da Loja Cayrú, os Irmãos se reuniram no Vaso Superior e juraram fidelidade à sua Oficina, formando uma família indissolúvel, significativa de equilíbrio absoluto, surgido na visão dos grandes pensadores do passado, da Dinastia Han, da China (206 A.C a 24 D.C), conhecidos como YIN e YANG. YIN é o segmento branco do círculo, correspondendo na tradição chinesa ao dragão verde; é o lado negativo, como a escuridão, a fraqueza, a umidade e o frio. Já YANG é o dragão vermelho, representando o respectivo equilíbrio de calor, luz e força.

Enquanto essas duas forças imagináveis vão forçando a linha divisória e sinuosa entre o YIN e YANG, o diagrama A nos mostra os 4 estágios das forças inerentes ao grande YANG, com a recuperação do total equilíbrio (repouso), depois de percorridas as 4 estações do ano. Já o diagrama B, vê-se a posição inicial de repouso do Grande YANG, com as forças opostas KIAN e KUN em perfeito equilíbrio. Durante os três meses do outono, o Grande YANG dá forças à formação do jovem YIN, mas sempre com forças equilibradas “DSCHEN SUN”, e continua no inverno, saturando-se de novas forças de LI-KAN, até chegar ao estágio de Grande YIN, por sua vez ficando em repouso. Durante a primavera, o Grande YIN volta a fornecer energia para a formação do jovem YANG, até que na entrada do verão o Grande YANG volta ao seu perfeito equilíbrio de repouso. O ciclo está completo e lentamente outro ciclo vai se desenvolvendo, sempre em perfeito equilíbrio de forças.

No nosso caso, a areia foi se transferindo, durante 100 anos, continuamente e em perfeita ordem, sem qualquer interrupção, para a esfera inferior, demonstrando que as forças do equilíbrio conseguiram harmonizar todas as eventuais questões que foram surgindo, saindo vencedoras sempre, as forças da compensação, equilibrando o fluxo normal de energia.

E como nada pôde entupir o canal do perfeito entendimento entre os Irmãos, no ano de 2001 basta virar a ampulheta e a areia começara fluindo, numa nova era que será profícua e benfazeja.

Nota:

Kurt Prober se inspirou no livro I GING, AS TRANSFORMAÇÕES, de Lao Tse.



Medalha Comemorativa

*(Foram confeccionadas 300 medalhas e respectivos Dilomas
sendo que a de número 001 foi recolhida ao Museu da Loja Cayrú)*

A Medalha Comemorativa do Centenário foi outorgada, pelo Ato nº001, de 27 de março de 2001, a todos os Obreiros que constaram do Quadro enviado ao Grande Oriente do Brasil e relativo ao ano de 2001, bem como o respectivo diploma, ficando os agraciados autorizados a portarem, desde logo, a dita Medalha. Tal concessão foi estendida aos Obreiros que se iniciarem ou se regularizarem até o dia 15 de setembro de 2001.

b) Emissão de selo comemorativo pela Empresa de Correios (Ata de 30/11/1999). Idealizado pelo Irmão Elvandro de Azevedo Burity o desenho foi encaminhado, via Internet, ao Clube Filatélico Maçônico do Brasil, com sede em Florianópolis - Santa Catarina que por correspondência datada de 16/12/2000 teceu várias considerações sobre o assunto. Posteriormente foram iniciadas as primeiras gestões junto à Comissão de Filatelia da ECT (Empresa de Correios e Telégrafos). Em dezembro de 1999, quando da Sagração do Templo da Loja Marquês do Herval nº 1624, aproveitando o comparecimento do Grão-Mestre Francisco Murilo Pinto, o Venerável Mestre Carlos Loureiro Amarante expôs ao Soberano as pretensões da Loja, ficando a promessa que o projeto receberia todo o apoio do Grande Oriente do Brasil, por ser de inteira justiça e razão. Sempre que a Comissão dos Festejos procurava saber sobre o assunto recebia a informação de que tudo estava tendo a devida atenção. Em setembro de 2000 a Loja recebeu correspondência da Comissão de Filatelia INDEFERINDO o pedido. Assim a Comissão viu-se diante de um fato consumado, momentaneamente impotente e surpresa, restou tão somente buscar lenitivo nas palavras de C. Torres Pastorino:

“Embora sozinho, continue a caminhada. Se todos o abandonaram, prossiga sua jornada. Se as trevas cresceram em seu redor, mais uma razão para que você mantenha acesa a pequenina chama da fé. Não deixe que sua luz se apague, para que você mesmo não fique em trevas. Ilumine, com sua luz, as trevas que o circundam”.

À vista de tais acontecimentos a Comissão passou a diligenciar o lançamento do Carimbo Comemorativo Oficial dos Correios, idéia imediatamente encampada pela Administração. Retomamos os contatos com o Presidente do Clube Filatélico Maçônico do Brasil, na pessoa do Irmão Renato Mauro Schramm M.º I.º da Loja Comte. Lara Ribas - Or.º. Florianópolis - SC que fraternalmente nos orientou.

Mas e o selo passou a fazer parte dos sonhos de mil e uma
noites?

Claro que não.

Reunida a Comissão do Centenário apresentou proposta para a Administração da Loja objetivando a emissão pela própria Loja, isto é, transformando-o em uma “Etiqueta Comemorativa” confeccionada por uma Firma especializada, obedecendo as características do selo constante do “funesto processo junto à ECT”. A proposta obteve irrestrito apoio; deliberou-se que uma Etiqueta será colada nos documentos emitidos pela Loja a partir de 1º de janeiro de 2001 e nesta página do Livro do Centenário.

Interpretação simbólica da Etiqueta Comemorativa

A ORLA DENTADA EM AZUL - uma alusão à Fraternidade que une todos os Maçons na face da Terra.

A CORDA COM SETE NÓS - representando as Artes e as Ciências Liberais.

FACHADA DA LOJA conservada através dos **100 anos** de sua centúria existência - com a corda circundando significa tratar-se de um corpo maçônico dinâmico e progressista aberto às novas idéias que possam contribuir para a evolução do Homem e para o progresso da Humanidade.

1901 - 2001 - marcando o período existencial da Loja.

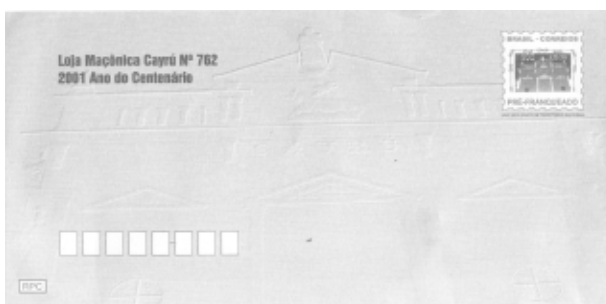
UM APRENDIZ TRABALHANDO - em alusão ao “Desbaste da Pedra Bruta”.

A inscrição **HARMONIA TRABALHO PERSEVERANÇA** - é o desiderato da Loja.



Em 18/09/2000 a Loja recebeu correspondência do Chefe do Departamento de Filatelia (Ofício CT/CPP/DIPF/DEFIL-1495/2000) dando conta de que para assinalar o “Centenário da Loja Maçônica Cayrú” fora aprovada a emissão de um “Carimbo Comemorativo”, peça da macrofilia, segmento da Filatelia. Esclarecendo, ainda, que outras modalidades de produtos filatélicos poderão ser utilizadas para assinalar o evento: o cartão-postal simples e os produtos pré-selados (envelope personalizado, cartão-postal e aerograma). Bem como que a Empresa Brasileira de Correio e Telégrafo (ECT), se sentirá honrada em realizar parceria com a Loja Cayrú e, para tanto, solicita seja indicado um representante com o qual se possa tratar das medidas necessárias ao desenvolvimento do produto a ser emitido.

As primeiras gestões junto ECT entre o Representante da Loja e o Sr. Antonio Carlos Raymundo, Chefe da Sessão de Filatelia no Rio de Janeiro, foram realizadas no dia 16 de janeiro de 2001. Posteriormente, a Administração da Loja deliberou encomendar uma tiragem de 12.000 (doze mil) **envelopes pré-selados** alusivos ao Centenário da Loja.



Frete do envelope pré-franqueado
(Um exemplar recolhido ao museu da Loja)

No dia 18/04/2001 a Loja recebeu mensagem eletrônica (e-mail) do Clube Filatélico Maçônico do Brasil dando conta de que foram remetidos exemplares do envelope para diversos Clubes Filatélicos Brasileiros e de outros com sede nos seguintes países: Argentina, Chile, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, África do Sul, Índia, Grécia, Áustria, Itália, Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Cuba e Costa Rica. Para avaliarmos o universo filatélico, citamos que apenas um Clube Filatélico de New York tem aproximadamente 900 associados.

Nota de esclarecimento:

O Clube Filatélico Maçônico do Brasil é filiado à Federação Brasileira de Filatelia mantendo intercâmbio com: Australian Masonic Philatelic Study Group; Clube Filatélico Internazionali di Temática Massonica (Itália); Phila Masonic – Club der Quator Coronati Wien (Áustria); Masonic Stamp Club – (New York - USA); The Curatorium of The International Masonic – Union “CATENA” (Bélgica); The Masonic Philatelist (NJ – USA); Club Philatélique Jean Théophile DESAGULIERS (França); Phila Masonic Ring (Alemanha). Tendo Correspondentes nos seguintes países: Grécia, Israel, Inglaterra, Chile, Argentina, Canadá, Cuba, Holanda, Turquia e Espanha.

Portanto, podemos considerar que o Envelope emitido pela Loja Cayrú, em parceria com a ECT, como sendo uma valiosa peça de filatelia e um ótimo veículo de difusão da Maçonaria Brasileira.

Para gáudio de todos os cayrús o carimbo comemorativo, a Cerimônia de Lançamento foi programada para as 10 horas do dia 15 de setembro de 2001, na sede da Loja Cayrú.



Carimbo Comemorativo
(Obliteração de 15 a 22-9-2001)

A Administração que tomou posse no dia 26/06/2001 (biênio 2001-2003) manteve contato com o Clube Filatélico Maçônico do Brasil ficando acertado que o Suplemento do Catálogo Maçônico de Selos & Carimbos do Brasil 1999-2000 e 2001 será produzido em parceria com a Loja Cayrú. A capa, contra-capas serão alusivas ao Centenário da Loja Cayrú; devendo também ser publicado o carimbo comemorativo por tratar-se de uma peça de filatelia. Os exemplares do Suplemento serão enviados para os mesmos destinatários mencionados na página anterior na “Nota de esclarecimento”.

c) Caneca térmica de alumínio.



(Um exemplar recolhido ao Museus da Cayrú)

d) Caneca de louça.



(Um exemplar recolhido ao Museu da Cayrú)

e) Camisetas com a inscrição.



f) Plástico para carros



Lançado em 1999



Lançado em 2001

Um exemplar de cada recolhido ao Museu da Loja Cayrú)

g) Relógio de pulso masculino.



Em destaque: ao centro a
Logomarca da Loja, isto é,
o Olho Radiante azul com o
Esquadro/Compasso entrelaçados;
uma inscrição dourada, onde se lê:
Loja Cayrú nº 762 1901 - 2001;
o ponteiro de segundos é um
malhete - (pulseira preta ou
marrom).

(Um exemplar recolhido ao museu da Loja Cayrú.)

h) Realização de uma Sessão Magna Branca no dia 08 de setembro de 2001 no Salão Nobre do Lavradio - Rua do Lavradio, 97 - sede do GOERJ às 20 horas. Foram impressos 500 (quinhentos) convites e encaminhamento aos destinatários teve início no dia 03 de abril de 2001; tendo sido fixado como data limite para o R.S.V.P até 30 de junho de 2001.

i) Fixada a data 15 de setembro de 2001 para a realização da Loja de Mesa (Banquete Ritualístico) no Salão Nobre da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 120 às 21 horas. A coordenação ficou sob a responsabilidade do Irmão Edson Fortes Rangel. A Loja Cayrú remeteu expediente, datado de 30 de março de 2001, a todos os cayrús regulares solicitando confirmação de comparecimento até o dia 30 de abril.

j) Um jantar dançante a realizar-se, no dia 22 de setembro de 2001, com início previsto para as 20 horas, também na sede da Associação supracitada que ficou sob a responsabilidade e organização do Irmão Jorge Francisco Russo.

l) A Loja mandou confeccionar relógios personalizados para as esposas dos Irmãos cayrús. Encomendou-os à firma PROMO WATCH dos Estados Unidos, que já tinha atendido encomendas do GOERJ, do Supremo Conselho Escocês e da própria Cayrú. Pagou a encomenda à vista. Acontece que eles alegaram que a mercadoria foi apreendida e que depois fora furtada na Alfândega. A compra foi feita em meados do ano 2000, com bastante tempo, portanto. Depois, disseram que tinham pedido nova remessa e que até fins de abril de 2001 nos entregariam. Ao encerrarmos o trabalho para mandarmos o livro para a gráfica, nada tínhamos recebido.

m) Inseridas alterações na Home Page da Loja Cayrú enfatizando o Centenário em: <http://www.cayru.com.br>.

n) Confeccionado um peso de mesa alusivo ao Centenário para ser distribuído um exemplar a cada um dos Irmãos que participarem da Loja de Mesa.



Frente



Verso

(Uma peça recolhida ao Museu da Loja)

o) Outorgado, pelo Ato nº002, de 27/3/2001, a todas as Esposas dos Irmãos que estejam regulares, o Broche Comemorativo do Centenário da Loja, autorizando o porte do mesmo desde logo. Podendo, a Administração, a seu critério, conceder o Broche e o respectivo Diploma a outras senhoras, esposas de Maçons de outras Lojas e mesmo que não sejam ligadas diretamente a Maçons.



Broche feminino
(Com desenho é igual ao da Medalha Comemorativa do Centenário)

(Tamanho maior que o original. Uma peça recolhida ao Museu da Loja)

p) A Agenda dos Trabalhos para o primeiro semestre de 2001, caracterizou-se pela inserção da mensagem:

2001 - ANO GLORIOSO DO CENTENÁRIO

Cabendo destacar a inclusão na programação do que foi denominado pela Administração como : Ciclo de Palestras” (uma forma de dar maior destaque ao Tempo de Estudos no Ano do Centenário).

O exemplar da Agenda que chegou às nossas mãos consta:

| Data | Palestrante | Tema |
|-------------|--|---|
| 13/3 | Coronel Ward Souza Gusmão | Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil |
| 27/3 | Coronel Wilson Silva Ribeiro | Segurança Pública |
| 10/4 | Brigadeiro Teomar Fonseca Quirico | Projeto SIVAM |
| 8/5 | Professora Sonia Regina de Brito Pereira | Os Templários |
| 22/5 | Dr. João Roberto Ribeiro de Oliveira | Cardiologia |
| 5/6 | Mário Amazonas Guimarães | Henrique Valladares (O Patrono da Loja Cayul) |

q) Nas Comemorações do Centenário consta que o Departamento Feminino está incumbido de promover um Natal de 2001 diferente onde os pobres serão devidamente atendidos.

r) Furo de reportagem ou melhor de pesquisa:

Descobrimos um “segredo supresa”, trata-se da peça de teatro maçônica intitulada: “Numa certa Loja”, uma adaptação do Irmão Rui Ferreira da Silva, tendo como “atores” os próprios Obreiros da Cayrú. Não conseguimos maiores detalhes... Resta-nos tão somente aguardar.

s) FOTO DO QUADRO... São 19 horas do dia 24/05/2001 os cayrús tiram a foto que consta da contracapa deste livro. Por diversas razões deixaram de comparecer os seguintes cayrús:

Fernando Luiz Dias Ferreira
Francisco Borges Ribeiro Neto
Francisco Carnevalli Júnior
Henrique Marini e Souza
Ivo Carneiro Filho
José Rômulo Fialho Soares
Manoel Corrêa Nunes
Marcus Lopes Bittencourt
Osny Pacheco
Walter Jorge Guimarães.

t) Encomendada a confecção de uma placa alusiva ao Centenário da Loja onde constará o nome de todos os cayrús ativos. A inauguração está programada para o dia 15 de setembro de 2001.

RECORDATÓRIO



Foto da campanha Natal dos Pobres - 1934

Observando-se no lado direito a antiga escada de acesso (corrimão de madeira). Nos dias atuais, na parte dos fundos, existem alguns armários embutidos e na parte de cima um jirau. Veja figura que se segue.



Jirau situado na sala de entrada do Templo da Loja.

Observação: Compare a foto anterior com esta e tenha uma idéia precisa do local de construção do jirau.

Por escada o acesso às instalações do prédio da Loja continua sendo feito pelo mesmo local. No início do ano 2001 foi agregado como meio de acesso um elevador (vide próxima figura)



Bônus (Obrigação de Guerra)
 Valor unitário Cr\$100,00
 (Decreto Lei nº 4.789 de 5/10/1942)

Um exemplar recolhido ao Museu da Loja Cayrú



Primeira reunião quando da criação do Grande Oriente Unido, em 1948, realizada no Templo da Loja Cayrú.



Junta Governativa do Grande Oriente Unido até a promulgação da Constituição. Da esquerda para a direita os Irmãos Osmane Vieira de Resende, José Benedito de Oliveira Bonfim e Domiciano Pedreira.

Nota:

*Foto foi publicada no jornal Diário da Noite, de 23/7/1948, com o título: “Nova Ordem Maçônica no Brasil”
Fundado o Grande Oriente Unido*



Prédio da Loja Cayrú - 1950



Foto da posse do Irmão Osmane Vieira Resende no Grão-Mestrado do Grande Oriente do Brasil.

Rua do Lavradio - Distrito Federal - Rio de Janeiro 24/6/1973

(Da esquerda para a direita os cayrus: Dinajar de Oliveira e Silva - Domingos Gonçalves, Waldyr Jacinto de Araújo - Fares de Moura Silveira - Sylvio Claudio - Aldálio Alves Valadão. Ao centro a cunhada Zilma e o Irmão Osmane. Continuando. Ao fundo Ary Azevedo de Moraes. A seguir José Carneiro Bessa, Donald Fenton, Nilton Borges e Manoel Correa Nunes).



Solenidade no interior do Templo,
sem registro de data.

(Observando-se a antiga balaustrada e o Estandarte com as atuais características.).



Evolução Patrimonial - 1963



Construção da loja comercial que teve como primeiro inquilino uma agência do Banco Andrade Arnaud. Ao fundo e acima a fachada original da Loja.



Meninas do Instituto Conselheiro Macedo Soares
comparecem a uma Festa Branca na Loja Cayrú.

Foto sem registro de data.

(A esquerda Osmane Vieira de Resende, Grão-Mestre Geral; seguindo-se o Venerável da Loja Audalio Alves Valadão Venerável).



Colunas B. J. dentro do Templo
*(Em primeiro plano, Irmão Sérgio Ernesto Alves Conforto,
então Orador da Loja).*



Colunas B. J. colocadas no lado externo do Templo
(Década de 1990)



A churrasqueira antes da expansão
do Salão de Festas

(Em primeiro plano Joaquim Tavares da Silva e o Venerável Mestre Ivo Carneiro; a seguir Álvaro Francisco Canastra, a cunhada Vany Claudio; no fundo Rafael, a cunhada Neuza Nascimento Amarante, Rafael D'Alexandro Junior, Sérgio Almeida e Celso Souza Silva).



Cozinha do atual Salão de Festas que abrigou a churrasqueira.
*(Funcionário Roberto Cardoso e o
Irmão Mauro Tavares dos Reis)*



Vista da Mesa do Banquete Ritualístico realizado, no Salão Nobre da Associação dos Empregados do Comércio no Rio de Janeiro, por ocasião do 75º Aniversário de Fundação da Loja Cayrú.



Abertura Solene da Confraternização realizada nas dependências do Salão Nobre do Lavradio.
(Fonte: Revista “O ROSACRUZ” - Outubro, 1976).



Vista Frontal dos Imóveis - julho 2000
*(onde se lê “Choperia la Carreleira” será, em futuro próximo, a sede
do Curso de Línguas, em cumprimento a Contrato de Locação
recentemente celebrado).*



Vista Lateral do Prédio - julho de 2000



Museu Irmão Adriano Moreira Coppieters. Ao fundo, na parte superior, parcialmente, a Galeria dos ex-Veneráveis (Foto de 1998).



Em 05/02./2001 - Corte da fita de Inauguração do elevador.
(da esquerda para a direita o Venerável Mestre Carlos Loureiro Amarante e o decano da Loja o Irmão Ary Azevedo de Moraes).



O decano da Loja desembarcando.



Link de entrada no site da Loja Cayrú segunda versão.

Nota: O site da Loja Cayrú recebeu o 1.000º visitante em 14/8/2000 (Ata de 22/8 do mesmo ano).

Para avaliarmos a importância de tal ocorrência levemos em consideração que a Home Page foi disponibilizada a partir de 08/04/2000, portanto teve a média 7 internautas por dia.

Estamos no dia 8 de maio de 2001 a segunda versão da Home Page completa um ano de existência e verificamos que o contador registra o número 2.700, conseqüentemente, após os cálculos aritméticos, encontramos a média de 7,5 internautas por dia.



Terceira versão da Home Page vendo-se ao centro
**“2001 ANO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO
 DA LOJA CAYRÚ Nº 762”** e a queima de fogos.

No final do mês de março de 2001 foi acrescentado um
 “banner” enfatizando o lançamento do livro:
**LOJA CAYRÚ Nº 762 - 100 ANOS DE GLÓRIAS AO
 G.’A.’.D.’U.’. - 1901 2001.**



Membros Efetivos do Supremo Conselho.

(Da direita para a esquerda: Fares de Moura Silveira (falecido em 14/8/2000,

Euler de Souza Novaes

Sylvio Claudio

Álvaro Francisco Canastra

Ary Azevedo de Moraes).

O CAYRÚ

ANO I

Director: Sylvio Claudio

Nº 1

APRESENTAÇÃO

Nada há de poético, certo, se formos olhar este jornal. É um simples Boletim - por assim dizer - que se destina a todos os Cayruenses, com o fim de mantê-los informados de que acontece na nossa Loja.

A sua apresentação é a mais modesta possível, já que os primeiros números saíram em caráter experimental, sem nenhuma outra coisa para a Oficina.

Se conseguirmos a-

COLABORE

Com a administração da Oficina, pagando em dia os seus débitos, dando com rapidez as pequenas notícias que lhe são confiadas e a apresentando idêntica a Administração de uma Loja regular, não somente a qualidade de suas colunas. Quando elas são boas...

PARABÉNS

ARRECORREBLES MARIAS
12-Aurilio Rocha - Paróquia
14-Nelson J. Sales
17-Olivia M. Sander
17-Inezias Penna de Carvalho
17-Walter Bastian
18-Francisco Sales Brasil
19-José Carlos Andrade
20-Jacob L. Zandora
21-José Salgado
22-Georges Warner Abel

"A CESAR O QUE É..."

Agora destacamos todos os meses, um Cayru que, a nosso critério, tenha feito algo pela Loja, pela Ordem ou pela Humanidade, digno de lembrar, embora não tenha, com suas atitudes nobres, com grande saúde o salvar.

Como é este primeiro número e de uma só pg., só um abraço ao "Cayru do mês", a quem agradece por suas atividades, "dando a César o que é de César".

"DE MACHO NA BASTARDA"

Por Walter Churchill

Escolhemos para este mês, a empreitada de macho, entre a nossa personagem -

deusa colona e fr. Churchill, por ser uma nome atual, que de maneira, agora, a qual história de que "a Maçonaria já não tem mais força" e outros que têm pretendido, fazer rápidos blá blá de grandes homens que tinham o da Maçon. Este não é o caso.

Falar de sua obra seria confusão, pois ela é a-

13-Renêdo Miranda
4-Oswaldo Basso
7-Ary Anacleto Mota
8-Antônio Casotti
11-Adriano M. Coppig
12-Antônia Simões Bagalho
22-Elaine Lemos
25-Eduar de Sousa Venâncio

Pensamento:
"O trabalho produz a riqueza, mas é a bem senso que o conserva."
(Aristóteles)

PARABÉNS

Procurar subterfugos para os mais quietos da Caixa Cayru, demonstrando, assim o seu espírito de liberdade e franqueza, com possibilidade de obter êxito dividindo com a movimentação da capital, já que os empreitistas não feitos são quotados, a deflagração.

CADASTROS

Alguns irmãos ainda não se preocuparam de registrar a sua identidade na Loja. É ela o ponto de partida que lhe permite o ingresso em outras Lojas, além de ser a prova de

uma identidade na Loja, alguns que ainda não se preocuparam de registrar a sua identidade na Loja. É ela o ponto de partida que lhe permite o ingresso em outras Lojas, além de ser a prova de

Boletim "O CAYRÚ"
Ano I Nº1

O CAYRÚ

Patrocinado pela Loja Maçônica Cayrú N.º 762 - RJ



ANO XXXVIII

N.º 1 - 1995

“O Cayrú”
(Com a capa atual)



Trono antes da reforma



Trono atual após passar por reforma
Janeiro de 2001.



Cunhadas e convidadas
Confraternização dezembro/2000



Alguns momentos da Festa de Confraternização em dez.2000



Fachada do Templo
(Conservada durante os 100 anos
de existência da Loja)

HOMENAGEM PÓSTUMA

Sabemos que fostes um grande Obreiro.

Vivestes muitas batalhas na vida:

Na mente batalhas de inveja e desesperança

No coração batalhas de desilusões e felicidades

Na alma batalhas de amor.

Contudo seguistes... incólume e firme...

qual um jequitibá, em meio a tempestade.

Por isso saudoso Irmão cayrú, um eterno peregrino,

descansastes à Sombra da Acácia,

rompendo véus como nova crisálida

passastes para o Oriente Eterno.

Aceitai o nosso preito de gratidão externado

nesta justa e perfeita homenagem póstuma por tudo

que vivestes e por um dia teres compartilhado

vivências.

Que o Grande Arquiteto do Universo

vos mantenha altivo em brioso local e vos pouse

à salvo em alguma das "muitas moradas".



O FUTURO

De tudo o que foi exposto, acreditamos, fica a constatação de que a Loja Cayrú, desde a sua origem, representa efetivamente uma forma alternativa de sociabilidade: uma comunidade integrada no regime federativo do GOB que procura viver em comunhão com o mundo. Este livro é uma grande exposição de atos e fatos que atestam o poder da vontade - a beleza da tenacidade nos bons propósitos e a importância do fator tempo quando é bem aproveitado.

Os cayrús primitivos não foram revolucionários no sentido da luta contra o poder constituído, mas progressistas no sentido de enviair esforços no promover o bem-estar da comunidade global.

Desde 1901, os cayrús têm andado de mãos dadas com o progresso racional da humanidade e têm buscado o viver em união, participando de vários movimentos e momentos da História do Brasil e da Maçonaria em particular: é o que podemos constatar na leitura do capítulo intitulado “Relatos”. A Loja Cayrú, com importante papel nos diversos segmentos maçônicos e na esfera civil tem sido, indubitavelmente, um porto seguro para homens preocupados com a solidariedade, com a igualdade e com a liberdade. A leitura das Atas mostrou uma preocupação idealista de Maçons, às vezes tomados de atitudes extremadas na busca de seus legítimos objetivos.

Vivemos, hoje, um momento difícil para a Nação Brasileira, pois nossas instituições políticas e sociais encontram-se ultrapassadas. Percebe-se, sem grande esforço, a decadência existente na base da estrutura da sociedade: a família.

Os Profanos, ao saber que somos Maçom e conhecendo as lutas históricas da Ordem e, em particular da Loja Cayrú, contra o despotismo e a ignorância, cobram-nos, perguntando o que

estamos fazendo pelo País. E você, meu Irmão cayrú, o que responderá a eles? Ou está satisfeito tão só em escutar o soar surdo dos Malhetes.

É bem verdade que já não temos a força representativa e política do passado... Os tempos mudaram... Mas esperar que um milagre ocorra para melhorar é muita ingenuidade!

Algumas “marcas” legadas por nossos antepassados devem ser mantidas, outras já estão até fora de época. A Maçonaria tem a Nobre Arte de produzir o aperfeiçoamento do Maçom através dos símbolos, desde que este siga os ensinamentos e cumpra as suas leis, e que os divulgue na Família e na sociedade em que vive, através do seu comportamento, objetivando fazer com que nos aperfeiçoemos, crescendo como seres humanos, estimulando nossas inteligências a selecionar as atitudes dignas de Seres elevados. Não é necessariamente uma obrigação, que ao entrarmos na Maçonaria, sejamos criativos, solidários e de praticarmos atos nobres na sociedade. Porém, quando o Maçom está evoluído, fará isso tudo automaticamente. Ele será um direcionador de seus atos, sendo um bom chefe de família, um bom cidadão da sociedade, do município, do estado, do país e do planeta.

Estejamos atentos para considerar como anacrônico e retrógrado tudo o que se constitua entrave ao desenvolvimento social, moral e intelectual. Estejamos atentos para evitar os erros e valorizar os acertos do passado para que o futuro possa refletir o esplendor da Ordem Maçônica. Nossas futuras ações e empreendimentos servirão para justificar nosso passado de lutas, realizações e glórias. Nunca teremos uma solução concreta para todos os problemas enquanto nos mantivermos presos às abstrações inaplicáveis.

Não fazemos parte de uma elite teórica, sem valor próprio. Temos que ter em mente que o saber é, antes de tudo, conhecer a si próprio. Ter a inteligência do próprio eu para poder avaliá-lo.

De que nos valerá a grande cultura, se não formos capazes de atinar com as razões morais, biofísicas ou psicológicas da nossa existência, da existência individual ou coletiva da Loja no seu gravitar na órbita do cosmo universal. Como Maçons sabemos muito, mas aplicamos muito pouco o que sabemos. Saber sem praticar é como ter sementes, mas nunca as plantar. A leitura das Atas da Loja Cayrú e de outras tantas Lojas já Centenárias nos mostram claramente que os Maçons perderam o poder de influenciarem nas decisões que visam melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro. Povo que, com raras exceções, não ama e não preserva suas formas de expressões mais autênticas. Povo onde poucos sabem cantar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Povo que pouco sabe os deveres e direitos de cidadão. Nem tudo está perdido: ainda resta uma esperança, é o que observamos nos dias atuais quando vários seguimentos da sociedade se organizam e ocupam espaços. Por outro lado a letargia dos Maçons parece-nos com vida curta, haja vista que guardadas as devidas proporções, ensaia-se um “Plano Estratégico no GOERJ” com respaldo na palavra CIDADANIA, muito usada na Sociedade Civil Organizada quando se atinge a um determinado grau de entendimento, onde as informações são melhor captadas.

“A visão Maçônica do mundo, não é de bondade absoluta, nem de perfeição completa, mas sim de macro-cosmo em que o ser humano, como microcosmo, possui em si mesmo a capacidade de ajudar a criar e a desenvolver um mundo melhor para todos, um mundo de justiça e de equilíbrio, de entrosamento e ajustamento de contrastes e contradições, um mundo destacado pelo amor e pela fraternidade humana, apesar de todos os pesares.”

(Extraído do opúsculo: O que é a Maçonaria, editado em 1982, pela Loja Maçônica D.Pedro I nº53).

A organização de um Movimento Maçônico Participativo, independente de nome, não adianta negar, é, hoje, um dos anseios de muitos Mestres que querem ser ouvidos, interferir nas decisões do Poder Político e não aceitam mais ficar indiferentes e, que entre

outros pontos se ensaia a retomada da posição que cabe à Maçonaria como partícipe de vários movimentos históricos de nossa Mãe Pátria. Alguém poderá argüir: “Mas as leis maçônicas proíbem a discussão de política”. Com certeza concordaremos. Por outro a divulgação que pode ser interpretada como apoio, também não é proibida, conforme ficou caracterizado, no Boletim Especial do GOERJ, impresso em 31 de agosto de 2000, que publicou a relação dos maçons candidatos, concorrentes às últimas eleições municipais (ano 2000), especificando seus nomes, números eleitorais e acrescentando de forma destacada o slogan: Maçom vota em Maçom!. Pouquíssimos foram os eleitos, porém a simples publicação do slogan revela a possibilidade de em futuro, se promover junto aos maçons um trabalho de conscientização que conduza os ideais da Maçonaria ao Poder Político Profano, de maneira ordeira e através do voto popular. Esta tarefa, que é difícil, não deve ser encarada como uma aventura, mas como uma alternativa real, que terá o início com a desmistificação e a superação da idéia, de que é proibido discutir, opinar e ou, simplesmente, falar sobre atividade política, pois ela é a ferramenta indispensável à construção de mundo melhor, mais unido e feliz. De sã consciência é inadmissível continuarmos vivendo tão somente das glórias do passado.

A assinatura no dia 23 de agosto de 2000 das NORMAS DE CONVIVÊNCIA MÚTUA E FRATERNAL AMIZADE, entre as obediências GOERJ, GLMERJ e o GOIRJ: fortalece os laços de amizade e respeito fraternal ensaiando um “ponto de partida” para a implantação de metas maiores.

Sinal dos tempos?

Ou a constatação de que a união faz a força?

Como resultante nunca se fez tão necessário e imperioso o trabalho dos Maçons no ciclo histórico em que vivemos: um mundo mais tecnológico do que humanista, um mundo de conflitos ideológicos, de incompreensões, de abusos, de desonestidades e de corrupções de toda ordem e no qual se matam irmãos em nome da paz, da religião e do progresso. Hoje, mais do que ontem, é imperativo que a Arte Real se

faça presente na História, através do estudo, do pensamento e da ação, porque a Maçonaria é detentora de uma poderosa arma capaz de combater o clima de licenciosidade, de mal-estar, de opressão e de degenerescência social: o seu caráter, essencialmente, iniciático e filosófico, por ser também uma instituição educativa e filantrópica. Antiga e milenar. E ao mesmo tempo progressista.

Na condição de frágeis criaturas nossas vidas nada mais representam do que um ponto colocado entre duas eternidades de um presente momentâneo: um finito passado e um infinito porvir. Mas será que estamos fazendo a coisa certa para mudar, ou será que só é da boca para fora que falamos em mudanças.

Mas mudar o que?

O que desejamos mudar realmente.

Mudar de lugar?

Mudar de casa?

Mudar nossos ideais?

Mudar nossa maneira de ser?

Mudar nosso interior?

Muitas vezes mudamos nosso comportamento por imposições e acabamos nos prejudicando e maltratando o nosso ego.

Tentamos marcar uma linha divisória entre o passado o presente e o futuro. Os fatos estão aí e se apresentam de formas incontestáveis... Acontecem num ritmo muito intenso... Às vezes tudo parece como se estivéssemos em um teatro, num terrível e trágico teatro, que a todos nós perturba, fazendo com que sejamos tomados até por uma paixão na busca de soluções.

Na condição de cayrús estejamos certos que o facho luminoso do otimismo jamais se apagou da senda dos nossos antepassados. Trocou de mãos. Chegou à nossa geração. E nós empreendemos novos esforços de onde a anterior parou, para irmos mais longe. Todo bem que hoje fazemos, é uma garantia da felicidade futura,

muito embora nunca possamos dizer quando ou de que forma essa felicidade virá às nossas mãos.

A união faz a força e nós precisamos de ambas, só assim poderemos colocar em prática os ensinamentos tão decantados em nossos rituais e contribuirmos de forma efetiva na formação de cidadãos preparados para o futuro próximo.

A Loja Cayrú armazena um acervo de integridade histórica, sintetizada na confiança do existir e na coragem de ser impregnada de valores que estabeleceu parâmetros na história:

- ❖ De nossa Pátria Amada Brasil.
- ❖ Na existência do Grande Oriente do Brasil.
- ❖ Do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro.

Tudo isto nos conduz, indubitavelmente, a uma profunda reflexão sobre a atualidade e o futuro que nos aguarda:

- Como maçons.
- Como cayrús.
- E como homens livres e de bons costumes.

Rendamos mil graças ao Grande Arquiteto do Universo, fonte fecunda de Luz, de Felicidade, de Virtude e reconheçamos que a Ele é devido todo o bem que fizemos. E roguemos a ele, também, que a Paz, a Harmonia e a Concórdia sejam a argamassa de edificação do nosso futuro. Continuemos desfraldando a bandeira que encerra a trilogia superior da Ordem:

LIBERDADE! IGUALDADE! FRATERNIDADE!

Bem como a referente ao desiderato da Loja Cayrú:

HARMONIA! TRABALHO! PERSEVERANÇA!

Que o Grande Arquiteto do Universo continue a nos iluminar, permitindo, também, que consigamos realizar os verdadeiros propósitos que nos animam em nossa caminhada de Fé, Confiança e esperança nos Ideais Maçônicos no continuado destino que o futuro nos reserva. Firmando as nossas ações na Fenix emblema do sol, da Imortalidade e da Justiça, cujo voô anuncia o fim de uma era e o começo de outra que conduzirá este Augusto Corpo Maçônico rumo ao Sesquicentenário.

O ontem é história.
O amanhã é mistério.
O hoje é uma dádiva.

Méier, Rio de Janeiro, RJ.
2001 Ano do Centenário da Loja Cayrú
23º da Fundação do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro
179º da Fundação do Grande Oriente do Brasil

Nominata 2001-2003



Venerável - Sylvio Claudio
Primeiro Vigilante - Paulo César Alves Bernacchi
Segundo Vigilante - Jorge Francisco Russo
Orador - Ibis Ajório
Secretário - Francisco de Assis de Sena
Tesoureiro - Isaque Rubinstein
Chanceler - Jorge Gomes Rodrigues
Hospitaleiro - José Nunes de Matos
Mestre de Cerimônias - Everaldo Galdino Ferreira

Adjunto de Orador - Dalckson Augusto Vieira
Adjunto de Secretário - André Gustavo dos Santos Valente
Adjunto de Tesoureiro - Alexandre Martins Coelho
Adjunto de M. de Cerimônias - Adalberto de Almeida Soares
Primeiro Diácono - Antonio Pereira de Lima
Segundo Diácono - Ralf Goulart Campos
Primeiro Experto - Sizenando da Silva
Segundo Experto - José Dile da Guia
Porta Bandeira - Raymundo dos Santos Maia
Porta Estandarte - José Rodrigues
Porta Espada - Mario Victor Bonet
Cobridor Interno - Fernando Benévolo de Andrade Filho
Cobridor Externo - Eurico Divon Galhardi
Mestre de Harmonia - Luiz de Souza
Arquiteto - Luiz Fernando Montenegro da Silva
Mestre de Banquetes - Luiz de Souza
Deputado Federal - Evanyr Seabra Nogueira
Deputado Estadual (licenciado) - Alírio Walter de Oliveira
Suplente (em exercício) - Celso Souza Silva

Comissões

Finanças:

Edson Pereira de Almeida
Joaquim Alves Pereira
Joaquim Tavares da Silva

Justiça:

Daniel Ferreira Brito
Edson Fortes Rangel
Ruy de Oliveira e Silva

Beneficência:

Fernando Benévolo de Andrade Filho
José Nunes de Matos
Wilson Cruz Alves

Ritualística e Cultura:

João Lopes Neto
Gilson Leo
Nilson Pinto Madureira
Rui Ferreira da Silva
Antonio Joaquim da Rocha Fadista

Admissão e Graus:

Ivo Carneiro
Francisco Carnevali Junior
Arnaldo da Penha Rosa

Biblioteca – José Antonio da Silva

Secretário de “O CAYRÚ” - Francisco de Assis de Sena

Webmaster - Isaque Rubinstein

Museu - Elvandro de Azevedo Burity



QUADRO DE OBREIROS

